

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

MÁRCIA CRISTINA GRANA DE ALMEIDA

**UFAM: COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE A
PARTIR DO ENCONTRO ENTRE LINGUAGENS - ERUDIÇÃO
UNIVERSITÁRIA E INFORMALIDADE NO PERFIL DAS REDES
SOCIAIS VIRTUAIS**

MANAUS

2016

MÁRCIA CRISTINA GRANA DE ALMEIDA

**UFAM: COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE A
PARTIR DO ENCONTRO ENTRE LINGUAGENS - ERUDIÇÃO
UNIVERSITÁRIA E INFORMALIDADE NO PERFIL DAS REDES
SOCIAIS VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCCOM da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Ciências da Comunicação**.

Orientadora: Professora Doutora Mirna Feitoza Pereira

MANAUS

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A447u Almeida, Márcia Cristina Grana de
Ufam: comunicação na universidade a partir do encontro entre linguagens : erudição universitária e informalidade no perfil das redes sociais virtuais / Márcia Cristina Grana de Almeida. 2016
142 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Mirna Feitoza Pereira
Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Ecossistemas comunicacionais. 2. Linguagens da comunicação. 3. Universidade. 4. Semiótica. I. Pereira, Mirna Feitoza II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MÁRCIA CRISTINA GRANA DE ALMEIDA

**UFAM: COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE A PARTIR DO
ENCONTRO ENTRE LINGUAGENS - ERUDIÇÃO UNIVERSITÁRIA E
INFORMALIDADE NO PERFIL DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCCOM da Universidade Federal do Amazonas como requisito I para obtenção do grau de **Mestre em Ciências da Comunicação**.

Aprovada em 29 de abril de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Mirna Feitoza Pereira (Presidente)

Prof^a. Dr^a Carolina Brandão Gonçalves (Membro)

Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto (Membro)

MANAUS

2016

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora doutora Mirna Feitoza, pela paciência e confiança. Sem tal apoio diante de minhas dificuldades, eu não teria conseguido concluir essa fase.

Aos membros da minha banca de qualificação, professor doutor Wilson Nogueira e professora doutora Carolina Brandão, pelas contribuições que a mim foram dadas durante o exame de qualificação.

Aos membros da banca de defesa da minha dissertação, professor doutor Ernesto Renan Freitas Pinto e professora doutora Carolina Brandão pelos significativos questionamentos durante a defesa desta dissertação.

À equipe Ascom UFAM, pela torcida e efetivo apoio. Em especial, à Cristiane Souza, pelo empréstimo de livros e palavras de estímulo. Sem o auxílio de meus amigos do trabalho, eu não teria conseguido conciliar tantas responsabilidades conflitantes;

À Reitora da Universidade Federal do Amazonas, professora doutora Márcia Perales, pelo permanente incentivo;

À turma do Gabinete da Reitoria, pela torcida;

Aos meus colegas do mestrado, em especial Tony Silva e Manoela Moura, pelo carinho;

Aos Encontros das Assessorias de Comunicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), onde trocamos experiências e conhecemos melhor as universidades federais brasileiras;

A minha mãe, senhora Lenise Grana, pela força nos momentos mais árduos e pelo amor incondicional;

Ao meu pai, senhor Francisco Grana, pelo otimismo de sempre;

Aos meus irmãos, Francisco Júnior e Ana Marcela, e a minha cunhada, Joana Loren, pelo apoio constante.

Ao Aylton Louis, meus agradecimentos pelo companheirismo e pela paciência enquanto meu namorado;

Aos meus amigos que me emprestaram ou indicaram livros.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram nessa etapa da minha vida.

RESUMO

ALMEIDA, Márcia Cristina Grana de. UFAM: Comunicação institucional na Universidade a partir do encontro entre linguagens - Erudição universitária e informalidade no perfil das redes sociais virtuais. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2015.

Essa dissertação tem por objetivo compreender um fenômeno recente, corriqueiro e moderno, que suscita uma questão a ser observada: muitas universidades brasileiras, depois de aderirem às redes sociais virtuais enfrentam o desafio das novas relações de interatividade proporcionadas pelo mundo digital. A universidade se depara com o encontro entre linguagens, ou seja, com a erudição universitária e, ao mesmo tempo, a informalidade no perfil das redes sociais virtuais. Nesse sentido, foi realizada pesquisa bibliográfica baseada em teorias de autores que conduzem à compreensão do fenômeno como a Semiótica Peirceana, a Semiótica da Cultura (Escola de Tártu-Moscou) e a visão de Ecossistemas Comunicacionais numa compreensão semiótica. Perscrutou-se também, a partir da experiência da acadêmica - autora desta dissertação e jornalista da referida universidade durante o processo de escrita deste trabalho - as interações possibilitadas pela utilização das redes sociais virtuais no âmbito das universidades federais brasileiras, em especial, a Universidade Federal do Amazonas. Dando-se atenção necessária aos estudos pertinentes a esse trabalho, certamente a configuração dos mapas da comunicação institucional nas universidades pode mudar para melhor, especificamente o da UFAM que se localiza na Amazônia Brasileira, lugar conhecido como longínquo se comparado a outros mais conectados às redes digitais. Para concluir, propõe-se um olhar amplo sobre os principais aspectos da comunicação digital que devem ser levados em conta nos planos estratégicos da comunicação institucional nas universidades que passariam a funcionar de modo construtivo, democrático, horizontalizado, acessível aos cidadãos no sentido de troca, interação e participação, notabilizando-se pela vocação gregária humana vista e percebida desde os tempos mais remotos.

Palavras-chave: Ecossistemas comunicacionais. Linguagens da comunicação. Universidade. Semiótica.

ABSTRACT

ALMEIDA, Márcia Cristina Grana de. UFAM - Institutional Communication at the University from the meeting between languages - University Scholarship and informality in the profile of virtual social networks. 134 f. Dissertation (Master's Degree in Communication Sciences) - Manaus: Federal University of Amazonas, 2015.

This dissertation aims to understand a recent, unexceptional, modern phenomenon that raises a point to note: Many Brazilian universities, after joining the digital social networks are still hesitant in the face of new relationships and interactivity offered by the digital world. The university is faced with the meeting between languages, or, in other words, with university scholarship and informality in the profile of virtual social networks. In this regard was held authors of theories based on literature lead to the understanding of the phenomenon as Peircean Semiotics, Semiotics of Culture (Tartu-Moscow School) and the vision of Communicational Ecosystems in a semiotic understanding. It is also peering from the academic experience, of the author of this dissertation, the interactions made possible by the use of virtual social networks within the Brazilian Universities, in particular the Federal University of Amazonas. Giving the necessary attention to relevant studies to this work, certainly the configuration of maps of institutional communication in universities can change for the better, specifically the UFAM which is located in the Brazilian Amazon, a place known as far, compared to other more connected to digital networks. Finally, this research propose a broad look at the main aspects of digital communication that must be taken into account in the strategic plans of corporate communication at universities would to work constructively, democratic, horizontalized, accessible to citizens in exchange of meaning, interaction and participation, being notabilized by sight gregarious human vocation and perceived since ancient times.

Keywords: Communications Ecosystems. Communications Languages. University.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro das atividades da Licenciatura Indígena – Turma Sateré – Mawé - no Instituto de Ciências Exatas e Zootecnia ICSEZ Parintins.....	27
Figura 2 - <i>Selfie</i> postada no <i>Facebook</i> , comemorativa dos 106 anos da UFAM.....	27
Figura 3 - Recorte da notícia postada no site institucional da Ufam sobre a solenidade comemorativa dos 106 anos da Universidade.	28
Figura 4 - Postagem no <i>Facebook</i> quando da visita de estudantes do Curso de Licenciatura Indígena à UFAM.	30
Figura 5 - Postagem no site da UFAM quando da visita de estudantes do Curso de Licenciatura Indígena à reitoria.	31
Figura 6 - Slide da apresentação do levantamento de informações sobre as IFES. .	63
Figura 7 - Internet – Os cidadãos podem ser participantes e integrantes em rede interativa.....	97
Figura 8 - Suposta visualização da conexão de comunitários suruacaenses via internet.	103
Figura 9 - Timeline do <i>Twitter</i> da UFAM.....	113
Figura 10 - Grupo Bioinformatics no <i>Facebook</i>	114
Figura 11 - Contagem regressiva para o ENEM 2015, postada no <i>Facebook</i>	121
Figura 12 - Postagem no <i>Facebook</i> sobre solicitação de matrícula.	122
Figura 13 - Demonstrativo do possível mapa comunicacional da ASCOM/UFAM interrelacionado com as redes sociais virtuais na Amazônia e com a rede mundial de computadores.....	124

LISTA DE SIGLAS

ASCOM	Assessoria de Comunicação
ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
ETM	Escola de Tártu-Moscou
IEAA	Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (Humaitá)
ICET	Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (Itacoatiara)
ICSEZ	Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Parintins)
INC	Instituto de Natureza e Cultura (Benjamim Constant)
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
ISB	Instituto de Saúde e Biotecnologia (Coari)
PSC	Processo Seletivo Contínuo
PPGCCOM	Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação
RMCP	Rede Mocoorongá de Comunicação Popular
SC	Semiótica da Cultura
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
TIC's	Tecnologias de Informação e Comunicação
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.UNIVERSIDADE: DO MODELO CONVENCIONAL À TENDÊNCIA AO MODELO VIRTUAL.....	17
1.1. Primórdios da Universidade	17
1.2. Universidade para um novo tempo	19
1.3. O “duelo” entre a erudição universitária e a informalidade no perfil das redes sociais virtuais.....	22
1.4. A universidade virtual como tendência e realidade inevitável	36
2.DA EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE COMUNICATIVA À COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL/INSTITUCIONAL - UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA	42
2.1. A evolução da atividade comunicativa	42
2.1.1. O ser humano comunitário e socializado através da comunicação.....	46
2.1.2. Comunicação, ciência e complexidade humana.....	47
2.2. A comunicação e sua estreita relação com a tecnologia.....	50
2.3. Conceito e principais características da organização e da comunicação organizacional/institucional	52
3.A COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE E A VISÃO ECOSSISTÊMICA	58
3.1. A comunicação institucional nas universidades federais brasileiras	58
3.2. O pensamento sistêmico e sua correlação com os ecossistemas comunicacionais	68
3.3. Ecossistemas Comunicacionais – um conceito em construção	73
4.SEMIÓTICA - DESVELANDO ENIGMAS DA COMUNICAÇÃO	79
4.1. Conceito de semiótica - um guia para percorrer o caminho da investigação em comunicação.....	79
4.1.1. A Semiótica Peirceana.....	82

4.1.2. A Escola de Tártu-Moscou e a Semiótica da Cultura.....	84
4.1.3. A importância do legado de Lomonossóv para a linguagem, a cultura e a comunicação.....	87
4.2. Compreendendo o funcionamento semiótico-sistêmico das mídias.....	91
4.3. A Semiótica e a visão ecossistêmica da comunicação	100
4.4. Os conceitos e formulações da Semiótica da Cultura e suas influências sobre as novas formas da comunicação.....	106
4.5. As modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo	110
4.6. A Universidade e as possíveis novas configurações dos mapas da comunicação institucional	115
4.7. A necessidade de uma ação estratégica ainda que em condições desafiantes concretas	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

Quando se considera que o real significado de comunicação é partilhar, participar algo, e tornar comum, considera-se também o abandono da tradicional ideia superficial de “transmissão de informações”, calcada na dicotomia emissor-receptor, a qual toma como protagonista o primeiro, e como mero espectador o segundo. Isso gera uma compreensão restrita e limitada do ato comunicativo, já que despreza todo um contexto social subjacente e as interações por ele possibilitadas.

A propósito, o abandono de certezas e convicções vem sendo o caminho trilhado não apenas pelas ciências da comunicação, para desvelar novos horizontes, mas pela própria ciência, como um todo. A ciência reinventa o modo de revelar, rompe com a segmentação em compartimentos estanques das diversas áreas do saber, como pressuposto para o aprofundamento em determinado assunto e estabelece novos mecanismos de pensar e de elaborar o pensamento, questiona o que já se tinha como inquestionável, a partir da ideia de mutabilidade, tão bem trabalhada pelos teóricos do pensamento sistêmico.

Essa quebra de paradigmas estimula a investigação conjunta, como parte de um mesmo fenômeno, de ideias historicamente conflitantes. Em outras palavras, é como se a ciência estivesse exausta das evidências passíveis de obtenção pelo método científico clássico e passasse a buscar uma nova forma de pensar a partir da ponderação justamente dos fatores antes desprezados e automaticamente descartados, como as ideias contraditórias entre si e a influência do subjetivismo de quem pesquisa.

Diante do exposto, é como se fosse jogado um feixe de luz sobre questões que se encontravam no ponto cego do campo de percepção intelectual do comunicólogo, ou seja, existiam, mas não eram consideradas relevantes e, por isso, eram consideradas como inexistentes.

Assim sendo, esta dissertação se apresenta com o título *UFAM: Comunicação Institucional na Universidade a partir do encontro entre linguagens - erudição universitária e informalidade no perfil das redes sociais virtuais* e tem como objetivo compreender este fenômeno recente, corriqueiro e moderno, ao qual, dada a celeridade com que se alastrou pelos arredores do planeta, o homem civilizado e

as organizações, em um primeiro momento, acostumaram-se para apenas depois entenderem, ou melhor, para tentar entender os motivos pelos quais já fazem parte do contexto a ele inerente.

Desse modo, dificilmente enxerga-se a possibilidade de abandoná-lo, dada a aparente posição de protagonismo que cada indivíduo ocupa nesse espaço, porém observa-se que o assunto é complexo e só adentrando teorias pertinentes consegue-se entendê-lo e dar continuidade a um processo que exige atenção neste momento.

Para enfocar com precisão o objeto do estudo a ser desenvolvido, procurou-se perscrutar, a partir da experiência desta acadêmica, autora desta dissertação e jornalista da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) durante a escrita deste trabalho, as interações possibilitadas pela utilização das redes sociais virtuais no âmbito das Universidades brasileiras, em especial, a Universidade Federal do Amazonas.

Procurou-se também entender os motivos que induziram as entidades do gênero a ocupar seus respectivos espaços nessa dimensão virtual, desde os aparentemente óbvios, como o efeito catalisador e disseminador das postagens por meio dessa mídia até os mais recônditos, dos quais sequer se cogitou até o presente momento, já que, retomando raciocínio anterior, primeiro ingressou-se no espaço virtual como em um atendimento imediato a uma exigência e a uma realidade fática premente, para depois debruçar-se sobre os porquês do fenômeno.

Vários fatores influenciaram e são determinantes a esse objeto de estudo. O fator coprotagonismo daquele que antes amargava a posição de mero ouvinte ou leitor de notícias exerceu relevante influência para a rápida consolidação da rede social. Não menos relevante, o compartilhamento, mecanismo de disseminação ativa e voluntária da informação, o qual não implica concordância com ela, apenas o intuito de promover o conhecimento da mesma ao rol de contatos virtuais daquele que adota tal postura. Vê-se assim que as atuações dos usuários da rede, além de serem veículos de disseminação e de ressignificação da informação, possibilitam mensurar a repercussão da mensagem, tal qual um termômetro mede a temperatura em determinado momento ou mesmo como um satélite faz a previsão do tempo para os próximos dias.

Para essa dissertação, foi realizada pesquisa bibliográfica, onde foram consultadas várias obras concernentes ao assunto, além das experiências e observações cotidianas da autora enquanto pesquisadora e jornalista da instituição em análise. Foram pesquisados conteúdos sobre pensamento sistêmico, semiótica peirceana, semiótica da cultura, teoria das organizações, entre outras. Procurou-se, a partir do desenvolvimento da pesquisa, identificar os sistemas (humanos, tecnológicos ou de qualquer outra natureza) envolvidos no fenômeno estudado, a partir da concepção dos ecossistemas comunicacionais e do ponto de vista semiótico, ou seja, a partir da abordagem de todos os fatores que se mostram efetivamente influentes na conformação do uso das redes sociais virtuais pelas Universidades, instituições conhecidas, e até mesmo respeitadas, pela erudição e pela utilização impecável da norma culta e das formalidades.

Isso porque essas entidades viram-se instadas, por uma perturbação do meio, não a abandonar o emprego da norma culta (o que implicaria seu descrédito imediato), mas a se valer da linguagem compacta, coloquial e informal para adaptar-se ao meio virtual a que adentraram, reinventando-se, conforme apregoam Maturana e Varela, numa verdadeira autopoiese, ou seja, numa produção de si próprio no meio virtual, como uma reação a estímulos externos e com o propósito preponderante e premente de eliminar obstáculos ou de minimizar os entraves à comunicação com seus públicos.

A dissertação é dividida em quatro capítulos assim configurados: o primeiro capítulo mostra o surgimento da universidade na Idade Média e, ao mesmo tempo, evidencia que as universidades passaram por um processo de adaptação e adequação, isto é, mudaram para acompanhar as mudanças provenientes das transformações sociais, econômicas, científicas, tecnológicas, culturais e políticas da Era Moderna, ou seja, mudaram com o advento de novas tecnologias.

Finaliza mencionando que a comunicação institucional deve ter a capacidade de traduzir a linguagem universitária para um público externo, porque a universidade virtual como tendência é realidade inevitável e é tempo de ocorrerem mudanças nas universidades no sentido de promover a socialização do conhecimento e democratizar o que foi adquirido através de esforços educacionais.

O segundo capítulo expõe a importância de o profissional da comunicação refletir como o fenômeno comunicativo se sofisticou contribuindo para a

transformação do homem e da sociedade e consolidando culturas ou formas específicas e dinâmicas de viver.

Destaca a invenção da escrita, o advento da imprensa, a prática jornalística, o rádio e a TV que serviram como meios importantes no processo de massificação da informação no século XX e o avanço das ciências da informática no século XXI que veio causar impacto e mesmo reestruturação da comunicação social, notadamente em função do incremento da internet e das redes sociais e da portabilidade dos meios de informação. Enfatiza deixar claros os significados de organização, de comunicação organizacional e comunicação institucional não deixando de perceber as múltiplas perspectivas que embasam o ato comunicativo na e da organização ou instituição.

O terceiro capítulo discorre sobre realidade da Comunicação Institucional nas Universidades Federais Brasileiras (um panorama sintetizado) assim como, especificamente, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) através das redes sociais digitais. Apresenta os fundamentos conceituais de uma visão ecossistêmica da comunicação, mostrando que é indispensável entender que o pensamento sistêmico introduz uma nova visão das relações humanas e da comunicação e ultrapassa a visão mecânica da mesma, instigando ao reconhecimento da importância dos ecossistemas comunicacionais, expressão que gera estranhamento porque é uma nova conceitualização nos entremeios das pesquisas acadêmicas e das ciências da comunicação.

O quarto capítulo leva ao entendimento do que seja a comunicação permeada pela compreensão semiótica, que juntamente à visão ecossistêmica da comunicação ensejam e despertam a necessária quebra de paradigmas no sentido de a comunicação institucional ser integrada e democrática através das redes sociais digitais.

Mediante o aporte teórico e tecnológico apresentado que impulsionam essa quebra de paradigmas vê-se que se torna necessário às Assessorias de Comunicação das universidades, sobretudo da UFAM, localizada na região amazônica, planejar estrategicamente o aperfeiçoamento da sua inserção nas redes sociais digitais, possibilitando assim a aproximação da universidade com a sociedade sem abrir mão dos valores adquiridos ao longo do tempo.

Esse texto dissertativo foi trabalhado e estudado mediante compromisso com a investigação científica e reafirma a liberdade que deve permear essa investigação porque se propõe a observar fenômenos novos ou antigos, sob novos espectros, em busca de conclusões, não antecipadas e nem com justificativas preconcebidas, mas amparadas em suportes teóricos válidos, pertinentes, que ampliem a visão do profissional comunicólogo que trabalha com a comunicação institucional.

1. UNIVERSIDADE: DO MODELO CONVENCIONAL À TENDÊNCIA AO MODELO VIRTUAL

Este capítulo é dividido em quatro partes: A primeira mostra o surgimento da universidade na Idade Média, a qual no decorrer do tempo foi conquistando a autonomia e é no ápice da pirâmide do conhecimento que essas instituições se mantêm durante séculos.

A segunda evidencia que as universidades passaram por um processo de adaptação e adequação, isto é, mudaram para acompanhar as mudanças provenientes das transformações sociais, econômicas, científicas, tecnológicas, culturais e políticas da Era Moderna, pois seria inviável deixar de considerar os avanços que a ciência prometia.

A terceira enfatiza a importância estratégica de uma política de comunicação institucionalizada para promover o diálogo das universidades com a sociedade, mesmo diante de desafios, no que diz respeito à implantação, mobilização e execução, no sentido de integrar a universidade com os seus públicos, através das redes sociais virtuais, dando destaque à realidade da UFAM.

A quarta trata do advento de novas tecnologias que eliminam limitações de tempo, espaço e fronteiras e alteram as relações da universidade que, para sobreviver, deve adaptar-se ao arsenal das novas tecnologias. Menciona que a universidade virtual¹ como tendência é realidade inevitável e é tempo de promover a socialização do conhecimento e democratizar o que foi adquirido através de esforços educacionais.

1.1. Primórdios da Universidade

O conhecimento sempre foi uma ambição humana, mostrando-se como um alvo inalcançável, ou, no mínimo, de acesso restrito. Clássicos da literatura mundial reportam-se a tal realidade. Extrai-se da Bíblia que Deus teria expulsado Adão e Eva do paraíso como consequência de os mesmos terem provado do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A tragédia grega também se reportou ao tema,

¹ Virtual: Computação. O que não existe fisicamente, mas que parece existir pela ação de um software. (Oxford English Dictionary)

tendo Zeus imposto a Prometeu, castigo ainda mais severo por ter roubado o fogo e dado aos homens, permitindo o acesso destes ao conhecimento.

Se tais relatos inserem-se no âmbito religioso ou mitológico, o fato é que refletem preocupações humanas reais, consistentes tanto na dificuldade de acessar o conhecimento quanto na consciência de que os guardiões, os detentores, ou os titulares do conhecimento não fazem questão de reparti-lo indiscriminadamente, mas apenas calculadamente. Afinal, saber é poder e o poder só se divide com quem convém.

O saber e o poder, portanto, estiveram historicamente a serviço das classes dominantes, e de acordo com suas necessidades e conveniências, como bem observam Tiffin e Rajasingham, para os quais o papel tradicional das universidades “tem sido preparar as elites administrativas e profissionais das nações e o fazem ‘no nível mais alto do sistema educacional’, em nível avançado, com alunos maduros” (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, pp. 19 - 39).

De fato, é no ápice da pirâmide do conhecimento que essas instituições se mantêm durante séculos. Afinal de contas, a episteme é tradicionalmente escalonada de acordo com sua complexidade. As universidades dedicam-se a lapidar o conhecimento de um público já seletivo, que possui, até por questões etárias, um nível de formação no mínimo mediano. Assim, é terreno permeável à absorção, à discussão, ao desenvolvimento e à reinvenção de fórmulas e teses no mais alto grau.

Em outras palavras, a universidade tem como papel primordial incrementar e elevar o nível de formação dos discentes, devolvendo-os à sociedade, intelectualmente capacitados e aptos a enfrentar os desafios de maior envergadura que esta propõe. Perceba-se que esse papel da universidade no mundo ocidental esteve evidente desde suas origens, conforme retrospecto que se passa a tecer.

As universidades surgiram na Idade Média. Verger (1999, p. 82) destaca que “as primeiras universidades eram, em alguma medida, federações de escolas. Ensinavam disciplinas definidas como superiores da cultura erudita da época. Direito, Medicina, Teologia, Artes e Filosofia”.

As universidades supriam as necessidades da sociedade, surgindo assim um certo número de letrados para gerir os negócios públicos e privados. Desse modo, do século XI ao XV, nasce a universidade que se identifica com sua

sociedade e cultura e que se forma sob a perspectiva de uma relação que gerasse equilíbrio e organização tanto para a universidade quanto para a sociedade e seu meio cultural.

No século XIII, o papado unificou as universidades, dando-lhes um conceito de *studium generales* e, com esse título, elas passaram a ser consideradas institutos de excelência internacional, ou seja, passavam a ser locais de ensino mais prestigiados. Conforme Verger (1999), essas universidades

tinham em comum serem organismos autônomos de natureza corporativa. Ser autônomo significa ser mestre de seu recrutamento, dotar-se de estatuto e impor a seus membros o respeito a uma certa disciplina coletiva e a regras de cooperação mútua, ser reconhecido pelas autoridades exteriores, poder organizar livremente aquilo que era a própria razão de ser da cooperação universitária, quer dizer, o ensino, os programas, a duração dos estudos, as modalidades de exames e a colação dos graus que coroavam o êxito nos ditos exames (VERGER, 1999, p. 82).

Esses foram os primeiros passos para a autonomia universitária, que funcionava como prática social reconhecida pela sociedade estabelecendo-se um princípio de diferenciação importantíssimo. Consolidou-se como instituição legítima perante outras entidades e se constituía como detentora da autonomia do saber, primeiramente, diante da Religião (Idade Média) e, posteriormente, também do Estado (Idade Moderna).

Nesse sentido, a universidade tornava-se uma agência formadora de letrados, imprescindível socialmente em todos os aspectos de desenvolvimento: educacional, cultural, econômico, social, político, entre outros.

1.2. Universidade para um novo tempo

Ao mesmo tempo, mediante os avanços dos aspectos mencionados, entrelaçados no capitalismo, a universidade configurava-se, “não só como agência formadora e seletora de quadros dirigentes da sociedade, mas também um bem cultural acessível à minoria e privilégio de poucos”².

Dessa forma, a Universidade Moderna se constituía como nova Instituição para um novo tempo. Era necessário projetar-se com estrutura diferente, pois surge um período histórico onde a ciência despontava como aspecto estruturante do

² Disponível em <http://webartigos.com/artigos/universidade/> Universidade e Sociedade. Acesso em fevereiro de 2015.

mundo moderno e a Revolução Industrial, particularmente na Inglaterra, tinha aclarado a nova direção do mundo³.

Obviamente as universidades tiveram que passar por um processo de adaptação e adequação para acompanhar as mudanças provenientes das transformações sociais, econômicas, científicas, tecnológicas, culturais e políticas da Era Moderna. Seria inviável deixar de considerar os avanços que a ciência prometia, pois se corria o risco de se recusar a colaborar para a abertura de novas possibilidades de futuro para qualquer nação.

Daí o surgimento de novos modelos de universidade, cujo marco é a organização da universidade de Berlim, em 1808, paralelo ao modelo napoleônico, na França, em 1806. Este último preocupava-se com a estabilidade do Estado e com a formação de competências profissionais e administrativas necessárias à estabilidade estatal.

Nesse contexto, para Humboldt, que foi um dos grandes questionadores da época, a autonomia da universidade tinha que ser desvinculada de qualquer força externa, pois a concebia como instituição acima dos interesses do Estado, da Religião ou de outros.⁴

Observa-se que, ao longo do tempo, as transformações sociais, econômicas e culturais provocavam e induziam mudanças na universidade, que foi repensada. A universidade livre e autônoma seria capaz de dar as contribuições que a ciência pode prestar para o desenvolvimento da nação e de seus cidadãos. Isso promoveu o aparecimento de modelos diferentes que se identificavam e construía conforme a visão de mundo e necessidades consideradas pelos cidadãos e pensadores da época. A universidade é o local onde a verdade deve ser buscada e deveria ter liberdade didática, científica, administrativa e financeira.⁵

Era um momento de busca de equilíbrio entre o social e o universitário surgindo novas adaptações. Conforme Morin (1999):

A universidade soube responder ao desafio do desenvolvimento das ciências, operando a sua grande mutação, no século XIX, a partir da reforma que efetuou Humboldt em Berlim. Laicizou-se, instituindo sua liberdade interior, face à religião e ao poder, e abriu-se a grande

³ Disponível em <http://dx.doi.org/10> Avaliação da Educação Superior, acesso em fevereiro de 2015.

⁴ Disponível em <https://educadmi.wordpress.com/universidade-moderna>. Acesso em fevereiro de 2015.

⁵ Disponível em <https://educadmi.wordpress.com/universidade-moderna>. Acesso em fevereiro de 2015.

problematização que, saída da Renascença, interroga o mundo, a natureza, a vida, o homem, Deus. A universidade tornou-se o próprio lugar da problematização própria da cultura europeia moderna; inscreveu-se mais profundamente na sua missão transecular e transnacional abrindo-se sobre as culturas extra-europeias (MORIN, 1999, p. 8).

Desse modo, as universidades tornam-se notáveis porque conquistam e avançam no campo do saber, do conhecimento e das inovações didático-pedagógicas, tudo isso sob o influxo do princípio de que se revestem de autonomia, que, segundo Anísio Teixeira, mencionado pelo jurista José Afonso da Silva na clássica obra *Direito Constitucional Positivo* (mais precisamente em capítulo dedicado à abordagem da ordem constitucional da cultura no Brasil), não é propriamente da instituição, e sim, do saber:

As universidades não serão o que devem ser se não cultivarem a consciência da independência do saber, graças a essa independência, é levar a um novo saber. E para isto precisam viver em uma atmosfera de autonomia e estímulos vigorosos de experimentação, ensaio e renovação. Não é por simples acidente que as universidades se constituem em comunidades de mestres e discípulos, casando a experiência de uns com o ardor e a mocidade dos outros. Elas não são, com efeito, apenas instituições de ensino e pesquisas, mas sociedades devotadas ao livre, desinteressado e deliberativo cultivo da inteligência e do espírito e fundadas na esperança do progresso humano pelo progresso da razão. (SILVA, 2005, p. 839).

Importa salientar que a universidade não é uma entidade isolada. Pelo contrário, é instituição que interage com a sociedade e reage às suas demandas, adaptando-se à realidade social. Uma das principais e recentes demonstrações dessa adaptação da universidade à realidade social emergente é o fenômeno das redes sociais virtuais que, com certeza, podem funcionar como um instrumento otimizador no processo educacional e comunicacional no ensino superior.

No entanto, sabe-se que muitas universidades brasileiras têm receios com a informalidade nas redes sociais digitais, isto porque suas assessorias de comunicação, entre atribuições e competências, não só têm o dever de divulgar as ações institucionais de maneira ágil e eficiente mas também zelar pela preservação de sua identidade permeada por sua missão, visão e valores. Desse modo, devido ao desconforto diante da informalidade acima mencionada, as universidades, mesmo que se tornando adeptas das redes sociais virtuais, de forma velada, ainda resistem a uma adesão mais coesa, até porque tal adaptação da universidade à

realidade imposta pela globalização poderá trazer impacto direto na linguagem universitária e, conseqüentemente, nas ações das assessorias de comunicação.

1.3. O “duelo” entre a erudição universitária e a informalidade no perfil das redes sociais virtuais

Sabe-se da importância estratégica de uma política de comunicação institucionalizada para promover a cidadania e o diálogo com a sociedade, mas a perspectiva apresentada encontra também grandes desafios, no que diz respeito à implantação, mobilização e execução, no sentido de integrar a universidade com os seus públicos através das redes sociais. Muitas universidades federais brasileiras estão inseridas neste contexto, não menos a Universidade Federal do Amazonas.

Do ponto de vista da secundidade, que é o ponto de vista do existente, conforme Santaella (1996, p. 144), “externamente uma instituição funciona como uma entidade que representa para toda a sociedade os interesses que ela defende, tais como religiosos, educacionais, políticos, etc”.

É necessário considerar o contexto histórico das instituições universitárias, o que elas representam para a sociedade, qual o público por elas efetivamente atendido e até mesmo a estrutura de comunicação institucional das mesmas.

Tradicionalmente, as universidades são instituições dedicadas ao cultivo do saber nos mais altos patamares da formação acadêmica, através do desenvolvimento de programas de ensino, pesquisa e extensão. Esses conhecimentos não são concatenados de maneira aleatória, mas sistematizados de acordo com métodos e protocolos rígidos, que incluem o uso corrente do vernáculo formal e a utilização de termos científicos específicos, de difícil decodificação para o público alheio a tal realidade científica. Há um nível em que deve ser mantida a terminologia, a linguagem e mesmo o chamado jargão específico de cada campo do saber e mesmo de cada disciplina.

De um modo geral, a principal tarefa das assessorias de comunicação é manter uma eficiente interação com seus públicos interno e externo. Porém, o desafio respectivo apresenta diversas constantes (geralmente atreladas ao meio urbano e seus habitantes) e variáveis (considerando-se como tais as circunstâncias detectadas no âmbito de cada instituição).

No caso da UFAM, por exemplo, as localizações geográficas da sede e de determinados polos no interior do Estado e a concretização de políticas educacionais inclusivas (mais precisamente a criação das Licenciaturas indígenas e em Letras/LIBRAS) criam contexto específico a ser aquilatado quando da concepção e da renovação das estratégias comunicacionais pela instituição.

Pereira (2011) preocupa-se com um desafio na Amazônia que é o de perceber o espaço de relações em que a região está inserida e superar o isolamento cultural dos seus habitantes. Nesse sentido, a preocupação é abrangente e com certeza se estende à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tendo em vista que esta se localiza em plena Amazônia e dentro do Estado do Amazonas, o maior em extensão territorial do país.

A interiorização da universidade certamente constitui o mais importante e irreversível processo de mudança social e cultural que tem se verificado no interior do Estado Amazonas, sobretudo porque não é apenas a UFAM que avança sobre todas as microrregiões, mas também a Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

A UFAM se faz presente não só na capital como no interior do Estado, por meio de seus centros universitários, desde os anos de 1970, quando implantou o primeiro Polo no município de Coari. O ano de 2005 representou um marco no tocante às medidas adotadas no âmbito das propostas de adequação dos projetos de interiorização. Esse empenho resultou na criação do Programa de Expansão do Ensino Superior, promovido pelo Governo Federal, que traz como denominação no Amazonas a sigla “UFAM Multicampi”.

A estrutura acadêmica da UFAM está dividida entre institutos, faculdades e uma escola, distribuídos de acordo com sua área temática. Além dos diversos cursos que existem na capital, existem também vários institutos no interior como o Instituto de Natureza e Cultura, em Benjamin Constant (INC); o Instituto de Saúde e Biotecnologia, em Coari (ISB); o Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, em Humaitá (IEAA); o Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia, em Itacoatiara (ICET) e o Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, em Parintins (ICSEZ). A presença da universidade em municípios do interior representa também um reforço e um considerável peso econômico e cultural, criando um padrão de consumo novo e dinâmico para os interioranos.

Entre os alunos dos cursos regulares de graduação ministrados em Manaus e no interior do Estado e dos cursos de graduação conveniados, a Universidade reúne mais de 20 mil estudantes. Nos cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu (mestrado e doutorado) e Lato Sensu são mais de 2 mil estudantes. A Instituição oferece inúmeros laboratórios e bibliotecas para a prática acadêmica e para a pesquisa. Como se observa, é amplo o número de alunos e, por conseguinte, de professores e servidores.

A Assessoria de Comunicação (Ascom) da UFAM realiza a interface entre a instituição e os órgãos de comunicação de maneira ágil e eficiente, garantindo que as ações da Universidade possam ser divulgadas e cheguem ao cidadão. O objetivo é mantê-lo ciente, por meio da imprensa, do trabalho que vem sendo realizado na área de Ensino Superior Público, bem como projetos, parcerias, resoluções, concursos, planejamentos, serviços prestados, eventos realizados, entre outras informações.

Um aspecto bastante ausente em termos de seu próprio reconhecimento é que a UFAM se transformou na mais atuante instituição científica do Estado e o exemplo disso é o funcionamento permanente e constante de seus mais de dez auditórios de diferentes dimensões e características técnicas nos quais acontecem simpósios, congressos, conferências, mesas redondas sobre os mais variados temas e problemas de todas as áreas da cultura e do saber. A universidade não capitaliza e não reconhece essa sua força cultural.

O exemplo disso é que não possuímos na instituição uma agenda cultural que poderia ser mantida pela Extensão. A UFAM possui uma editora com uma grande quantidade de obras publicadas, mantém um canal de TV com considerável audiência na cidade. Possui também um atuante Museu Amazônico que dispõe de rico acervo etnológico e promove exposições a cada ano. Existe também na universidade um Centro de Artes que poderia atuar de forma mais eficaz se houvesse um sistema de produção, programação e difusão de eventos.

Desse modo é missão da Ascom garantir fluxos de informação organizados considerando que essas ações perpassam diversos setores internos e externos da instituição, e são gerenciadas e acompanhadas pelos núcleos de Comunicação

Interna, Imprensa, Conteúdo de Internet e Programação Visual. Sua visão é ser referência no gerenciamento eficaz do fluxo de informações internas e externas, garantindo a imagem de excelência da UFAM junto à sociedade. E, conforme menção anterior aos protocolos científicos e ao rebuscamento da linguagem, compartilhar informações relevantes para a sociedade.

Nesse contexto, apresenta-se como um dos grandes desafios a depuração da notícia, possibilitando, por exemplo, que os resultados de determinado estudo científico em área específica do saber, comumente de difícil cognição, se o acesso for direto à fonte, sejam conhecidos pelo público-alvo escolhido.

Assim sendo, a comunicação institucional deve ter a capacidade de traduzir a linguagem universitária para diversos públicos, sejam estes habituados ou não com a cultura erudita, através das redes sociais. Note-se que, especificamente no caso da UFAM, os diversos públicos ora mencionados incluem indivíduos fluentes em dialetos indígenas (os quais não fazem o uso corrente da língua portuguesa, possuindo graus diferenciados de compreensão deste idioma); turmas inteiras de pessoas com deficiência auditiva (as quais interagem, inclusive com os docentes, por meio da língua brasileira de sinais); e os alunos de vários polos situados em municípios do interior do Estado do Amazonas (alguns dos quais muito distantes da Capital) e, conseqüentemente da realidade urbana e do impacto que esta representa sobre o cotidiano das pessoas, em função quase sempre do acesso às tecnologias emergentes).

No cotidiano da Assessoria de Comunicação, as informações oficiais são postadas no site institucional www.ufam.edu.br, de acordo com as demandas do Gabinete da Reitoria ou das unidades acadêmicas. Por ser o principal canal de comunicação da entidade, adota-se uma linguagem mais formal, expondo os fatos institucionais de acordo com a linha editorial da reitoria. Nas redes sociais da Universidade mantidas pela Assessoria (*Facebook*, *Twitter* e *Instagram*) a flexibilização da linguagem é regra. Por exemplo, se no site da instituição for postado o resultado do Processo Seletivo Extramacro, com calendário de matrícula e chamada visual mais comportada, no *Facebook*, a linguagem sobre a mesma matéria será diferenciada, residindo a distinção do informalismo inerente à fluidez da comunicação nessa plataforma, consubstanciando, na prática, chamadas curtas e

diretas como: “Se liga, saiu o resultado!”, com o link para a matéria do site da UFAM (onde o interessado poderá obter o acesso à informação na íntegra e aos documentos anexados à postagem empreendida no site).

Nota-se que se prima por essa informalidade nas redes sociais com propósito nitidamente instrumental, qual seja, o de que a informação alcance seu público-alvo de maneira efetiva e eficiente, empregando os mesmos códigos utilizados naquele ambiente virtual. Pondere-se que a utilização de tal linguagem informal não pode implicar concessões ao uso da norma culta, e muito menos à integridade da informação. Em verdade, opera-se mera decodificação da mensagem oficial, sem o comprometimento de sua essência.

Destaque-se que a Universidade Federal do Amazonas ainda não possui um programa comunicacional voltado a seus públicos específicos (notadamente indígenas e deficientes), valendo-se, contudo, de seu programa genérico de atuação com as alterações que se impõem de acordo com o caso concreto.

E não se trata de fenômeno isolado (inerente à Universidade), pois, no que tange aos indígenas, por exemplo, o acesso à informação sofre barreiras tecnológicas alheias ao funcionamento institucional da Universidade, bem como entraves linguísticos inerentes ao não-uso corrente da língua portuguesa. E essa dificuldade é bilateral, apresentando-se no momento da transmissão da informação como no de sua captação.

A título de exemplo, em momento recente, ilustrativo dessa questão, ao receber a Assessoria de Comunicação da entidade a incumbência de registrar as atividades da UFAM na Unidade de Parintins, o consentimento para a fotografia ocorreu por intermédio do docente, que explicou aos alunos, no dialeto utilizado para interação em sala de aula, que a Assessoria de Comunicação desejava fazer o registro e os discentes aquiesceram com o registro, como será visto na Figura 01.

Já no caso dos deficientes, as adaptações necessárias vêm sendo providenciadas gradativamente, porém, o processo respectivo é lento, predominantemente em função da logística necessária para o implemento das adaptações (recursos humanos e equipamentos).

Figura 1 - Registro das atividades da Licenciatura Indígena – Turma Sateré – Mawé - no Instituto de Ciências Exatas e Zootecnia ICSEZ Parintins.



Fonte: ASCOM - UFAM

O que se observa, assim, é que a Universidade depara-se com a necessidade de adaptações, tanto em função da concepção de novas tecnologias, quanto em função de peculiaridades socioculturais, que exigem do órgão responsável pela execução da política comunicacional a detecção das necessidades correspondentes e o atendimento das mesmas de modo eficiente, pelo uso dos mecanismos tecnológicos disponíveis. Destaque-se a primeira *selfie* postada no *Facebook* (Figura 02) pela assessoria de comunicação (ASCOM), através da qual é retratada a imagem da magnífica reitora e alguns de seus diretores, como se pode ver abaixo:

Figura 2 - *Selfie* postada no *Facebook*, comemorativa dos 106 anos da UFAM.



Fonte: ASCOM - UFAM

A postagem da *selfie* (Figura 02) é algo representativo, emblemático, excepcional e simbólico e pode ser considerada como um marco referencial para o desvelamento da universidade que, gradativamente, torna-se adepta das redes sociais virtuais.

A *selfie* foi captada no dia que a UFAM completou 106 anos de criação. A partir dela, passa-se para o público através da interpretação e percepção tanto de imagem fotográfica quanto de dados, a memória, a história, a identidade, a imagem da instituição como representação e a abertura e flexibilidade para penetrar no mundo virtual e digital que a tecnologia oferece.

Figura 3 - Recorte da notícia postada no site institucional da Ufam sobre a solenidade comemorativa dos 106 anos da Universidade.

Universidade Federal do Amazonas
Nosso maior patrimônio
Desde 1909

🏠 Início Institucional Comunicação Webmail Perguntas Frequentes 🔍 Busca

Você está aqui: [Início](#) > [Notícias](#) > [Arquivo de notícias](#) > UFAM e Faculdade de Direito: uma história em comum há 106 anos

UFAM e Faculdade de Direito: uma história em comum há 106 anos
Publicado em 18 Janeiro 2015 | 🖨️ | 📧 | Acessos: 1097

17 de janeiro, quando, no ano de 1909, a primeira universidade brasileira deu os primeiros passos, foi também o dia escolhido para celebrar o centenário da outorga de grau aos 20 primeiros juristas formados pela Escola Universitária Livre de Manaus. Desde então, uma história de desafios, conquistas e transformações foi escrita ao longo de 106 anos. Esta é a oportunidade de reconhecer e agradecer a todos os responsáveis pelo sucesso de um projeto coletivo para desenvolver e a formar cidadãos, objeto da Universidade Federal do Amazonas. A flautista Josephina Carneiro apresentou a música "Eu sei que vou te amar", de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, como a tônica para iniciar a solenidade.

Reitora recebeu uma placa do diretor da FD

Ao reconhecer e premiar o mérito da Faculdade de Direito como a precursora dessa História, quando da instalação da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, em janeiro de 1909, a reitora, professora Márcia Perales, destacou o modo de construção coletiva que esta Universidade tem adotado desde então, ao citar Gramsci, segundo o qual a intransigência "é a única prova que uma determinada coletividade existe como organismo social vivo, que possui um fim, uma vontade única, uma maturidade de pensamento" (1975). Emocionada, a professora declarou: "A UFAM é intransigente aos princípios de igualdade, inclusão, competência, excelência acadêmica e de busca permanente pela autonomia. É por isso que esta Universidade nos encanta a todos e por tanto tempo".

Num momento em que não havia formação jurídica no Brasil e que os mais abastados obtinham graduação em Coimbra, foi idealizada no Amazonas, por Eulálio Chaves, a pioneira experiência universitária brasileira. "Em 19 de dezembro de 1914, foram formados os primeiros bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, dos quais cinco amazonenses", apontou a professora Rosa Brito, autora da obra sobre o centenário da UFAM. O curso é, segundo a pesquisa, o elo que torna possível o centenário desta Instituição. A instalação da Universidade do Amazonas ocorreu em 17 de janeiro de 1965, em

Fonte: ASCOM - UFAM

Enquanto no site institucional da Universidade, o conteúdo formal e os aspectos solenes foram destacados, no *Facebook* prevaleceram as *selfies* de alunos, professores e de membros da Administração Superior da entidade, as quais se reelaram um meio mais acessível, de fácil e até animada compreensão, e de comunicação simples a respeito da importância da Universidade e do tempo que ela existe.

Tendo em vista a existência de muitos adeptos das redes sociais, compreende-se que esta também é uma forma de universalizar notícias dos acontecimentos universitários, o que está associado à igualdade de direitos dos cidadãos, os quais passam a receber amplamente informações, seja de interesse pessoal, coletivo ou social, beneficiando-os e fortalecendo-os como agentes e coparticipantes sociais.

E isso pode ser feito de maneira sistemática e mais eficiente mediante o suporte de uma agenda cultural e impressa como acontece na USP por exemplo.

Os casos são inúmeros, presenciados e vivenciados pela atual assessoria de comunicação (ASCOM), como por exemplo, os jogos universitários, o resultado do Processo Seletivo Contínuo (PSC), e do Extramacro (PSE).

Observa-se a diferença da comunicação realizada pelo site institucional, daquela feita através das redes sociais digitais, não só em se tratando de acessibilidade, mas também de troca, de participação, atualização, do modo de interagir, através de linguagens diferentes, e, sobretudo, do reconhecimento da importância da universidade como instituição de grande importância social e educativa.

Além disso, experimentou-se o amplo significado do que vem a ser a comunicação no sentido de partilha, participar algo e/ou tornar esse algo comum, comunitário, social, isto é, ainda que em condições virtuais, há aproximação entre as pessoas.

Os resultados dos avanços nas ciências e tecnologias da cognição e da comunicação levam a uma mudança sociocultural muito importante em todos os níveis socioeconômicos e culturais.

Outra experiência cujo relato mostra-se destacável foi a visita de estudantes do curso de Licenciatura Indígena à Reitoria da UFAM, como se pode ver na figura a seguir:

Figura 4 - Postagem no *Facebook* quando da visita de estudantes do Curso de Licenciatura Indígena à UFAM.



Fonte: ASCOM/UFAM

A Figura 04 é uma fotografia captada quando da visita dos alunos do Curso de Licenciatura Indígena à reitoria da UFAM. No site institucional, a matéria possuía uma linguagem mais formal, concentrada na reunião com a Reitora. No *Facebook*, a abordagem foi mais emocional e social, com enfoque para a adoção de pequenos cães que se encontravam nas dependências do Campus Universitário, verificando-se, outra vez, o contexto de linguagens e abordagens bem diferentes, o que corrobora com o que dizem Guevara e Dib (2007, p. 216) quando se referem às

Tecnologias do Conhecimento que deverão influenciar cada vez mais no modo como as pessoas se relacionam entre si, comunitária, socialmente e com o mundo, porque permitem o criar/ensinar/fazendo e possibilitam que se alcance o significado e o sentido de unidade nas organizações.

Figura 5 - Postagem no site da UFAM quando da visita de estudantes do Curso de Licenciatura Indígena à reitoria.



The image is a screenshot of the UFAM website. At the top left is the UFAM logo with the text 'Universidade Federal do Amazonas' and 'Nosso maior patrimônio Desde 1909'. Below the logo is a navigation menu with links for 'Início', 'Institucional', 'Comunicação', 'Webmail', and 'Perguntas Frequentes', along with a search bar labeled 'Busca'. The main content area shows a breadcrumb trail: 'Você está aqui: Início > Notícias bloco esquerdo > Alunos da turma Munduruku visitam Campus Universitário'. The article title is 'Alunos da turma Munduruku visitam Campus Universitário', published on 25 February 2014, with 683 accesses. The text describes a visit by 40 students from the Munduruku course to the Artur Virgílio Filho Campus. It mentions two students, Adelmara Rodrigues Beleza and Rosinete Brasil Cardoso, who adopted a dog named Ufama. A photo shows two women holding a small dog. Another photo shows a group of people in a meeting room. The article concludes with a list of requests for campus improvements, such as road paving and library organization.

Fonte: ASCOM/UFAM.

Toda organização tem seus valores pelos quais zelar, além de história e memória que dão sentido e pertinência a sua cultura institucional. Conforme Santaella, do ponto de vista da primeiridade ou qualidade, as instituições têm o caráter de lei [...] as leis não são redutíveis a uma uniformidade mecânica entre duas coisas, mas são uma

influência no curso de desenvolvimento dos eventos no mundo natural, social e psicológico. Aspectos de primeiridade podem ser percebidos naquilo que metaforicamente é chamado de imagem social de uma instituição, sua qualidade e valor peculiares [...] a primeiridade se encontra na ligação emocional e, ainda mais indefinido do que isso, no sentimento de

identificação dos seus membros aos ideais de uma instituição sem o que as instituições não poderiam se preservar (SANTAELLA, 1996, p. 144).

A primeiridade, secundidade e terceiridade são categorias que demonstram um processo evolutivo que está subjacente a todas as leis, sejam elas físicas, naturais ou mentais. Do ponto de vista da mente ou terceiridade, instituições são mediações, signos abstratos do tipo do pensamento que estão internalizados na mente de seus membros

sem ideias gerais compartilhadas, os membros de uma instituição não perseguiriam objetivos comuns. Os pensamentos abstratos, que permitem que um grupo de membros institucionais se torne uma unidade coesa, são responsáveis pela continuidade e permanência de valores, sem os quais uma instituição estaria fadada à morte (SANTAELLA, 1996, p. 144-145).

Desse modo, a existência de um “duelo” entre a erudição universitária e a informalidade no perfil das redes sociais virtuais é consequência de como se formou a identidade, a história e a memória da universidade que estão incutidas nos seus valores, na sua missão e na imagem que têm a zelar e que têm efeito na sua cultura organizacional, refletindo conseqüentemente na comunicação institucional.

Certamente há circunstâncias ensejadoras de incerteza diante das mudanças e desafios que se fazem necessários para que as universidades tornem-se universidades virtuais e globais. Ocorre que as Universidades sempre foram um campo profícuo para a manifestação da erudição, do rigor científico e, por isso mesmo, suas manifestações sempre se deram em estrita consonância com a norma culta. Esse sempre foi um requisito da credibilidade de que tradicionalmente desfrutaram no contexto social. Ocorre também que a Internet

como a conhecemos está se tornando uma espécie de gueto poluído por pichações, onde também se encontram informações. Seu futuro como meio acadêmico é uma incógnita não pelo motivo de sua capacidade, mas por causa do que a ela se associa e de suas reputações (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 53).

Analisando o contexto, verifica-se que o problema das universidades periféricas e em processo de consolidação, como é o caso da UFAM, é a luta para atingir padrões de excelência das universidades de referência, onde pesquisadores

no mestrado e no doutorado recorrem a documentos em PDF e/ou hipertextos que se encontram no *youtube* e em outros mecanismos disponíveis.

Vale ressaltar que a comunicação digital tem como pano de fundo um cenário midiático em transição, com impactos significativos na economia, na sociedade e nos relacionamentos. Conforme Kunsch (2008, pp. 173 -174):

A partir das proposições de Tourbourne Jerkuins (2003), tal cenário de transição se caracteriza pelo predomínio dos sistemas em rede, pela perda de controle do polo de emissão de mensagens, pelo surgimento de um novo patamar nas competências das organizações e pela emergência de um desconhecido patamar de relacionamentos entre os atores sociais.

É certo que esses são contextos que provocam reflexões nas instituições porque os processos de comunicação digital “deverão refletir experiências inéditas de produção de sentido quando uma organização se vê como um nó de uma rede complexa de muitas vozes e quando a colaboração e a conversação predominam sobre a documentação e a hierarquização” (KUNSCH, 2008, p. 174).

O “duelo” entre a erudição universitária e informalidade no perfil das redes sociais virtuais é como se, por parte das universidades, houvesse um receio de contaminação pela informalidade nas redes sociais, fazendo com que se crie barreiras entre o erudito e o informal. Isso porque essa informalidade surge porque deixa de prevalecer a relação emissor-receptor ou a informação em si de modo formal e passa a prevalecer a utilização do virtual, funcionando como uma forma de comunicação flexível que difunde e recebe qualquer conteúdo, a qualquer hora e em qualquer lugar do mundo.

Outro problema exemplificado por Tiffin e Rajasingham (2007, p. 53) é que as pessoas “agora buscam informação na internet correndo riscos, [...] as universidades criam mecanismos de observação para restringir/monitorar o uso da internet, garantir que os alunos não a usem com a finalidade de colar e que os acadêmicos não visitem sites duvidosos”. Tudo isso envolve e deve provocar muitas e cuidadosas mudanças nas estratégias das assessorias de comunicação das universidades. E em um momento de transição é natural que aconteçam tais receios diante da imagem, história e identidade das universidades que culturalmente devem ser preservadas.

Uma instituição tem como seu principal fundamento a formalidade, a racionalidade e, de um modo amplo, a impessoalidade. A sua competência está

fundada no mérito. Veja-se por exemplo as formas de ingresso da instituição tanto para alunos quanto para professores e técnicos.

Esses mecanismos conferem, apesar de sua rigidez, o prestígio e o capital simbólico das universidades públicas, e assim sendo, questiona-se como fica a informalidade das redes sociais em semelhante quadro, ao mesmo tempo que pode-se afirmar que a internet, quando utilizada com inteligência, às vezes ensina mais que a universidade.

Por outro lado, as instituições devem mudar com o tempo, se ao contrário, não têm como se adequarem às inúmeras mudanças acontecidas nos âmbitos econômico, social, histórico, ambiental, cultural, entre outros.

Como menciona Mason (1998, p 151) citado por Tiffin e Rajasingham (2007, p 183): “O enfoque de um negócio é o lucro, o enfoque de uma universidade é o conhecimento”. Atualmente se discute a hegemonia da universidade quanto a esse enfoque. Conforme Santos, citado por Denise Leite, “a universidade não mais possui a exclusividade dos conhecimentos que ensina e que produz”. Há parceiros, como o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), por exemplo, que confirmam o não monopólio do saber pelas Universidades. Leite e Morosini (1997) afirmam que

ela deixou de ser ‘a’ verdade; ou a crise de legitimidade: a universidade não é vista como legítima por todas as classes sociais, ela não consegue ser democrática. Soma-se a estas, a crise institucional, ou seja, a especificidade organizativa da universidade é posta em causa, sua eficiência e eficácia são contestadas (LEITE; MOROSINI, 1997, p. 148).

As universidades não conseguem ser democráticas e esse é um grande problema. Os ajustes e ‘uma comunicação excelente’ são formas de permanecer vivas diante da sociedade, e para isso devem enfrentar desafios de quaisquer naturezas. De acordo com Fernandes e Barbalho em artigo denominado *Ferramentas eletrônicas: suporte à produção científica e ao desenvolvimento da ciência* (MONTEIRO *et al.*, 2011) alguns ainda resistem à adaptação das ferramentas eletrônicas a sua rotina de trabalho e que deste modo afastam-se de uma esfera de atualizações propiciada pelas ferramentas de difusão e interação.

No entanto, este grupo participará destas mudanças em um dado momento, pois infere-se que futuramente não haverá alternativa, uma vez que o ambiente virtual a cada dia está presente em atividades essenciais da

vida profissional das pessoas. E a sociedade da informação provoca os grupos a trabalharem em colaboração e compartilhamento (FERNANDES; BARBALHO, MONTEIRO et al., 2011, p. 208).

O clima de incerteza e hesitação inspira e encaminha o pesquisador ou os profissionais da comunicação, ou inclusive os dirigentes que atuam nas universidades a percorrerem melhor nos caminhos do entendimento ao que se referem os ecossistemas comunicacionais relacionados a uma compreensão semiótica, estudos estes que constam no corpo desta dissertação. É importante adentrar nestes estudos porque muitas universidades e estabelecimentos de ensino, tendem a incorporar conceitos muitas das vezes errôneos em relação às redes sociais digitais, pois problemas existem em qualquer tempo e lugar.

Exige-se então olhar para além das manifestações organizadas, aparentemente coerentes,

de modo a atentar para, entre outras coisas, a dinamicidade organizacional, os processos que mantêm a organização distante do equilíbrio; o estado de incerteza e de permanente desorganização / (re)organização (tensões, disputas, perturbações), a necessária interdependência ecossistêmica (outros sistemas e subsistemas); e os processos recursivos (BALDISSERA, 2009, p. 117).

O enunciado acima é uma demonstração de que é necessário olhar com atenção e flexibilidade a tudo o que é complexo, tanto interna quanto externamente em uma organização que pode levar ao desequilíbrio ou à desorganização para que se percorra o caminho do equilíbrio e da organização, abrindo espaço para os necessários desafios e adequações às mudanças, principalmente diante do avanço científico-tecnológico que se faz presente na sociedade implicando modificações e transformações socioculturais, assim como na Comunicação Organizacional.

À medida que se adentram os estudos ganha-se mais consciência e mais fortalecimento, permeados por suportes teóricos importantíssimos para a comunicação institucional que, se colocados em prática, colaborarão para que a universidade penetre ou se conecte de forma consciente no mundo digital, proporcionando benefícios tanto aos seus públicos internos quanto externos.

A questão pode ser enfrentada sob o ângulo das reflexões proporcionadas por Capra, em sua obra *O Tao da Física*. Para este:

A evolução não é mais considerada como uma luta competitiva pela existência, mas, em vez disso, é concebida como uma dança cooperativa na qual a criatividade e a constante emergência da novidade são as forças propulsoras (CAPRA, 2011, p. 14).

Segundo Keynes, “a elaboração de novas ideias depende da libertação das formas habituais de pensamento e expressão”. Keynes enfatiza: “a dificuldade não está nas novas ideias, mas, em escapar das velhas, que se ramificam por todos os cantos da nossa mente” (VASCONCELOS, 2013, p. 11).

Afirma Ferrate (2000, p. 15-16), citado por Tiffin e Rajasingham “Não é a própria tecnologia que é importante, mas usar a melhor tecnologia disponível a serviço de uma ideia: para ampliar e globalizar a aprendizagem”. As Universidades Federais ou se curvam a tal necessidade de ceder parcialmente ao informalismo para se aproximarem de seus interlocutores nessa esfera virtual, ou estão condenadas a não ocupar efetivo espaço na rede social. Ou se adaptam a essa nova realidade, no processo continuado de perturbações mútuas e de mudanças de estado entre a estrutura do meio e a da unidade, ou não se firmarão no novo circuito em que se propõe a ingressar. É importante, então, enveredar pelos caminhos que conduzirão a uma evolução e cooperar para construir, para se reinventar, pois a linguagem atravessa e se constrói na temporalidade, pois conforme McLuhan, (1989:199), citado por Nakagawa (2008) “Um meio nunca se soma ao velho, nem deixa o velho em paz. Ele nunca cessa de oprimir os velhos meios, até que encontre para eles novas configurações e posições”.

1.4. A universidade virtual como tendência e realidade inevitável

O advento de novas tecnologias que eliminam limitações de tempo, espaço e fronteiras alterou não somente as relações da universidade com o mundo exterior, mas também a própria concepção convencional da instituição como um espaço necessariamente físico de encontro entre professores e alunos para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em outras palavras, para sobreviver nesse contexto emergente, a universidade tem que se transformar, adaptando-se a ele e acoplado ao seu arsenal novas tecnologias.

Tiffin e Rajasingham, na obra *Universidade global e virtual*, no bojo da qual se dedicam a descrever as mudanças surgidas no seio da sociedade com a era da

globalização, asseveram que tais alterações impõem uma nova maneira de ser para as universidades, sem que estas percam sua identidade (ou seja, os universais que propiciaram sua sobrevivência pela mesma duração da civilização). Segundo eles,

a transformação da educação superior já começou. A explosão de universidades virtuais ameaça tomar as funções das universidades tradicionais. Eli Noam (1995) argumentou que o fim está próximo. De acordo com essa visão, as universidades convencionais já perderam muito de suas funções de produção de conhecimento (para corporações e para grupos de especialistas transnacionais), de distribuição de conhecimento (para as universidades virtuais) e de armazenamento de conhecimento (para bancos de dados, bibliotecas eletrônicas, internet e para a World Wide Web). Algumas universidades convencionais, contudo, responderam ao desafio. Muitas já lançaram ou experimentam programas variados de ensino à distância. [...] A episteme está mudando, e as universidades mudaram. Para dizer o óbvio, a sociedade da informação está baseada na tecnologia da informação e assim devem ser também as universidades. Elas têm de ter uma dimensão virtual. Os estados nacionais não desaparecem, mas muitas de suas funções são realizadas por corporações globais. As universidades têm de ter uma dimensão global e corporativa, assim como uma dimensão nacional e pública (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 16 - 43)

Estabelecendo uma comparação circunstanciada entre os modelos convencional e virtual, os autores não só afirmam a universidade virtual como tendência, mas a apontam como realidade inevitável, facilitada pelo implemento da internet, com impacto principal sobre o processo de interação entre os agentes e elementos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, que passa a ser assíncrono.

Nos sistemas educacionais convencionais, as tecnologias que fazem o sistema de comunicação educacional possível são os transportes e os prédios. Os professores e os alunos viajam pelas rodovias ou ferrovias para se encontrarem em uma sala de aula. Trazem consigo o conhecimento e os problemas que estão em suas cabeças, seus livros ou cadernos. O conhecimento também está presente nas bibliotecas, mas terá sido colocado lá, em primeiro lugar, por meio de sistemas de transporte.

A escola, a faculdade ou a universidade têm sistemas de apoio para a administração, para o descanso e para as necessidades pessoais, mas o processo fundamental ocorre em sala de aula. São elas que propiciam o ambiente protegido para o processo de comunicação face a face, o qual chamamos de aula, que é onde

a educação, no sentido que lhe dá Vygotski⁶ ocorre. O encontro entre alunos, professores, conhecimentos e problemas pode acontecer por meio de serviço postal e com a ajuda de filmes, rádios, televisão e computadores, mas o sistema de transporte e os prédios ainda permanecem sendo as principais tecnologias que dão validade à educação.

As diferenças radicais entre uma universidade virtual e todas as universidades anteriores são a de que alunos, professores, conhecimento e problemas se reúnem como bits de informação, e não como substância atômica. As telecomunicações e os computadores substituem as estradas e os prédios. A internet facilitou este processo e, embora os números de forma alguma estejam no mesmo nível da educação convencional, a virada do milênio presenciou a multiplicação de escolas virtuais, faculdades e universidades na internet. Contudo, a internet está em transição. No começo do século XXI ela ainda depende fundamentalmente dos sistemas de telecomunicação de internet discada, estabelecidos no século anterior para propósitos diferentes. Isso significa que a interação entre professor, aluno, conhecimento e problema é essencialmente assíncrona, baseando-se em e-mails e na Word Wide Web (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, pp. 39-40).

Tal adaptação da universidade à realidade imposta pela globalização teve impacto direto na própria linguagem universitária, tradicionalmente marcada pelo rebuscamento. Perceba-se que tal impacto não se refere ao campo da produção acadêmica (cuja linguagem continua marcada pela erudição), e sim no campo da comunicação institucional, conforme se passa a explicar.

Ocorre que a comunicação institucional deve ter a capacidade de traduzir a linguagem universitária para públicos diversificados para promover a socialização do conhecimento. De acordo com Meis (2002), “numa época de superinformação, profissionais de diferentes áreas do conhecimento têm dificuldade de dialogar [...] e muitos entre os mais bem preparados, não sabem lidar com situações novas”.

À desinformação adicionamos a insegurança advinda da dificuldade de lidar sempre com situações novas para as quais não fomos treinados e esses são os ingredientes dominantes do conflito humano-tecnológico com que nos defrontamos nos tempos modernos (MEIS, 2002, p. 132).

Se a sociedade da informação está baseada na tecnologia da informação cabe também às universidades e seus profissionais acompanharem essa trajetória

⁶Vigotski (1896-1934), psicólogo soviético cuja formação multidisciplinar o levou a estudar a psicologia infantil e suas aplicações pedagógicas. Seu interesse recaí também sobre a psicologia da arte e sobre a epistemologia da psicologia.

adentrando nessa dimensão virtual e no processo de democratização do que foi adquirido através de esforços educacionais.

Percebe-se que mesmo entre os que desfrutam de conhecimento especializado em determinada área do saber é difícil o intercâmbio de conhecimentos, o qual se mostra desejável diante do vertiginoso avanço científico-tecnológico. Alguns profissionais, segundo Meis (2002, p. 132) “dispõem de uma visão muito superficial de todas as outras áreas do saber. Isso gera a desinformação e problemas de comunicação entre profissionais de diferentes áreas”.

Ora, se existem problemas de comunicação ou desinformação entre profissionais qualificados, imagine-se o conflito gerado entre o contexto universitário e o externo, mas entrelaçados no mesmo texto cultural e que precisam interagir, afinal, a função primordial da universidade é a de produzir melhorias na sociedade pelo avanço da ciência.

Porém, com o advento das redes sociais virtuais, é forçoso reconhecer ter havido um nivelamento linguístico entre os agentes que por meio delas se comunicam, decorrente da própria horizontalidade com que se estabelece a interação. E esse nivelamento veio facilitar o processo de veiculação de informação entre a universidade e seu público externo.

Se participar das redes sociais não é obrigatório, há decerto, um ônus que decorre diretamente da abstenção respectiva, porquanto o dinamismo e a horizontalidade das conexões, bem como o coprotagonismo dos demais agentes envolvidos (que podem inclusive comentar e compartilhar a informação com sua rede de contatos) são mitigados ou postergados em outras vias de comunicação como o rádio e o jornal impresso.

A reflexão a respeito do assunto interessa ao profissional de comunicação porque, na realidade, as universidades sempre vivenciaram, em maior ou menor grau, o dilema de como conciliar a manutenção das tradições que legitimam sua própria relevância social e a integração com o mundo em volta. É necessário flexibilidade e habilidade para promover e aplicar inovações técnicas, metodológicas, estratégicas a fim de viabilizar positivamente as conversações acadêmico-científicas e adaptando-se e interagindo com a sociedade. Segundo Morin

Existe complementaridade e antagonismo entre as duas missões, adaptar-se à sociedade e adaptar a si a sociedade: uma reenvia para a

outra, num anel que deveria ser produtor. Não se trata apenas de modernizar a cultura: trata-se também de culturizar a modernidade. A Universidade deve ao mesmo tempo adaptar-se às necessidades da sociedade contemporânea e efectuar a sua missão transecular de conservação, transmissão, enriquecimento de um patrimônio cultural sem o qual seríamos apenas máquinas para produzir e consumir (MORIN, 1999, pp. 88, 89).

Pode-se dizer que as formulações de Humboldt, bem como seus pressupostos mais gerais, são ainda tomados como relevantes. Repensadas e reestruturadas, as universidades contemporâneas são constituídas de redes de conversações acadêmico-científicas, que se entrelaçam nas atividades de produção, transmissão e socialização do conhecimento, os quais formam interseção com o ensino, a pesquisa e a extensão, entre outras modalidades, e, por via de consequência, com os interesses da sociedade. Desse modo, a universidade situa-se na esfera da superestrutura, dentro da sociedade civil, mantendo vínculos com a sociedade política e a base econômica. Serve normalmente à manutenção do sistema dominante, mas pode também servir à transformação social (WANDERLEY, 1985, apud KUNSCH, 1992, p.18).

Por isso mesmo a Universidade deve posicionar-se diante da era pós-moderna, com todas as modificações e atitudes exigidas pelo modo de articular-se com o mundo em sua volta para conviver, democratizar, informar e comunicar-se, conectando-se e integrando-se com a sociedade.

A característica mais significativa da modernidade em sua fase inicial – seu estado sólido, conforme menciona Bauman (2013, p. 83) era a concepção própria de sua condição definitiva. Isso deveria significar o coroamento da busca da ordem, e quando esta fosse atingida, as mudanças seguiriam seu curso lógico e predeterminado.

Bauman (2013) enfatiza que para a modernidade em seu ‘estado sólido’ não importa se o final visualizado fosse uma ‘economia estável’, um sistema plenamente equilibrado’, uma ‘sociedade justa’ ou uma comunidade regulada por um código de ‘lei e ética racionais’. Para o referido autor, contrapondo-se à modernidade em ‘estado sólido’,

a modernidade líquida, por outro lado, libera forças que provocam mudanças [...] permite que as mutações culturais ‘encontrem seu nível próprio’ e lá busquem outros níveis, nenhum dos níveis atuais, transitórios por definição, é considerado definitivo ou irrevogável, e nenhum deles é fixado [...] (BAUMAN, 2013, p. 83).

Desse modo, baseando-se no pensamento de Bauman, que considera a importância da fluidez, da volatilidade e da flexibilidade das relações no mundo contemporâneo, é necessário promover mudanças significativas e abandonar a fixidez existente nas relações sociais entre sujeitos e instituições. A busca da inovação é necessária para enfrentar o que parece uma circunstância árdua e de difícil resolução devido às tradições da universidade, as quais sempre se basearam na erudição e na consolidação para deter a autonomia do saber.

Não se trata mais de um dilema nem de ser necessário escolher entre opções contraditórias, trata-se de conscientização das necessidades urgentes que a própria universidade como detentora do saber perceba que o mundo está ligado em redes de comunicação, que a comunicação é globalizada, que o mapa mundial da comunicação é diferente dos mapas políticos e físicos; é um mapa que não tem fronteiras pré-estabelecidas.

Convém perceber que a própria universidade precisa quebrar algumas barreiras ainda existentes em seu meio e mediante o cultivar do conhecimento procurar conciliar suas tradições e relevância social, empregando-as com firmeza e ao mesmo tempo com flexibilidade e equilíbrio na sua integração desse mapa comunicativo. Ainda que seja difícil porque sempre a comunicação opera encontrando barreiras e fronteiras pessoais e culturais.

2. DA EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE COMUNICATIVA À COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL/INSTITUCIONAL - UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

O segundo capítulo expõe a importância de o profissional da comunicação refletir como o fenômeno comunicativo se sofisticou contribuindo para a transformação do homem e da sociedade e consolidando culturas ou formas específicas e dinâmicas de viver.

Discorre sobre a origem da palavra comunicação e sua abrangência, a complexidade humana e a importância da comunicação para a ciência, pois esta não existe sem comunicação e esta característica a distingue de todas as atividades exercidas na sociedade.

Destaca a invenção da escrita, o advento da imprensa, a prática jornalística, o rádio e a TV que serviram como meios importantes no processo de massificação da informação no século XX e o avanço das ciências da informática no século XXI (a qual veio a causar impacto e mesmo reestruturação da comunicação social, notadamente em função do incremento da Internet e das redes sociais e da portabilidade dos meios de informação). Finalmente enfatiza deixar claros os significados de organização, de comunicação organizacional e comunicação institucional não deixando de perceber as múltiplas perspectivas que embasam o ato comunicativo na e da organização ou instituição.

2.1. A evolução da atividade comunicativa

É papel do profissional de comunicação percorrer a evolução desta, a fim de refletir e entender a configuração da comunicação como instrumental e serviente às necessidades dos grupamentos humanos e como o fenômeno comunicativo se sofisticou, contribuindo para a transformação do homem e da sociedade e consolidando culturas ou formas específicas e dinâmicas de viver.

É uma base de conhecimento que se faz necessária e fornece subsídios para reconhecer a necessidade da busca de inovações metodológicas que permitam obter segurança para viabilizar o encontro do que pode se denominar contextos diferentes, ou comunicação mais eficaz, nos vários segmentos da sociedade e especificamente entre comunicação institucional e contexto sociocultural com menos conflitos.

Percorrendo a evolução da comunicação conhecem-se os prós e contras constantes na natureza como um todo, e primordialmente na natureza humana, os quais levam à compreensão de como se estabelecem sistemas de comunicação e interdependência natural entre os seres.

Entende-se como o ser humano passou a compreender e a visualizar um campo fértil tanto para seu desenvolvimento quanto da comunicação, da cultura e dos avanços científico-tecnológicos que permitem o cultivo do saber e do conhecimento. Todos esses simultaneamente atravessam várias gerações, permanecendo disponíveis e imprescindíveis à humanidade, abrindo caminhos para novas perspectivas que conduzam a uma melhor compreensão desse fenômeno mais que extraordinário e surpreendente que é a comunicação.

É útil destacar que a evolução da comunicação foi paralela e simultânea à da espécie humana. Fatores biológicos e antropológicos relevantes exerceram inegável influência sobre o desenvolvimento da comunicação.

E para que se compreenda com exatidão o afirmado, importante é tecer um breve retrospecto sobre as ocorrências mais marcantes no campo da comunicação e da vida em sociedade e sobre as circunstâncias que mais exerceram influência sobre a configuração atual do fenômeno comunicativo.

É, decerto, a compreensão do vocábulo comunicação, partindo-se do espectro etimológico, que permite viabilizar a contextualização e a visualização da relevância dessa atividade para a vida em sociedade. A palavra comunicação provém do latim, mais precisamente do termo *communicatione* e significa partilhar com outrem, tornar comum, comungar. Essa palavra dispõe de outros significados, dentre os quais inclui a informação. De acordo com Melo (2008, p. 61), “comunicação é ato, efeito ou meio de comunicar; aviso, transmissão de uma ordem ou reclamação, informação, participação, amizade, convivência”.

A comunicação, como se vê, é abrangente e por assim dizer, essencial, primordial, para o ser humano no sentido de conviver, de participar, reclamar, estabelecer relações, enfim, de expressar uma variedade de emoções, sensações, entre outras em diversos aspectos circunstanciais da vida.

Penteado observa com propriedade a diversidade de meios através dos quais a comunicação se completa, ao asseverar que “a comunicação humana

compreende miríades de formas, por meio das quais os homens transmitem e recebem ideias, impressões e imagens de toda ordem” (PENTEADO, 2012, p. 1).

Não se pode imaginar como a comunicação se produzia nos tempos mais remotos e não se sabe como se deu o início da expressão humana de modo verbal ou não-verbal, mas se sabe que seria impossível um indivíduo se comunicar sozinho sob pena de cada um ser um mundo isolado.

Sinais ou expressão de dor, alegria, tristeza e emoções diversas e o que é próprio do ser, como por exemplo, a luta pela sobrevivência contra tudo o que podia atingir e ameaçar a vida humana levou o homem primitivo a agrupar-se e comunicar-se pela necessidade de convivência e, conseqüentemente, de proteção. Desse modo, a primeira fase da comunicação foi considerada pelas suas “linguagens de exteriorização” onde só a comunicação interpessoal era possível.

Esta fase teve início com o homo sapiens no momento em que aprendeu a exteriorizar as suas ideias, desejos e necessidades através do seu corpo, graças aos seus gestos, associando-os à articulação de sons, formando palavras e tendo como referência o meio ambiente imediato. “O alcance da comunicação neste período da evolução do homem é limitado à sua capacidade auditiva e visual”. (FREIXO, 2006, pp. 26 - 27).

A título de exemplo, note-se que o fato de o homem ter se tornado bípede, com a conseqüente libertação dos membros superiores para outras atividades, permitiu, mais tarde, o desenvolvimento de funções motoras finas, como o desenho e a escrita, como bem observa João Pompeu Brasil (1973), citado por Crato (1992):

Na origem do homo sapiens está a evolução dos Antropianos que os levou a erguer dois membros do solo. Por um lado, o horizonte visual alarga-se, por outro, a mão especializa-se como utensílio liberto da função de sustentação. A face-linguagem e a mão-utensílio estabelecem entre si novas relações, exclusivas da espécie humana. A face começa a emitir sinais vocais mais complexos, progressivamente articulados. A visão controla a acção gráfica da mão, dando início no homem a um pensamento simbólico que relaciona as duas atitudes (CRATO, 1992, p. 12).

Desde os tempos mais remotos, o homem precisou comunicar-se, basicamente para sobreviver a intempéries e buscar alimentos. O agrupamento, a interação, a sinalização e a comunicação, ainda que fosse de forma rude, talvez sem a devida percepção e consciência ampla, para os primeiros humanos fazia

sentido, ganhava significado. Iniciavam-se as relações humanas permeadas pela comunicação.

Ao se concretizar, a comunicação entre os seres humanos acaba por produzir alterações no ambiente, como bem observa o educador e comunicador paraguaio Juan Bordenave (2006, p. 36):

Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas.

“Nesse sentido, uma das alterações mais significativas é o estabelecimento de vínculos”, como bem assevera Norval Baitelo Junior (2010, p. 30). É inegável então que foi no âmbito das relações humanas que a comunicação atingiu seu mais elevado grau de aprimoramento.

Isso se deve, em grande parte, ao fato de o homem ser um “ser comunicante” e impulsionado pelo ânimo de sair de si (BRETON, 1992, p. 144).

É cediço que o fenômeno comunicativo se sofisticou e, nesse aspecto, não se limitou a acompanhar a evolução da vida em sociedade e a incessantemente crescente complexidade das relações sociais. Muitas vezes foi fenômeno catalisador e decisivo no contexto dos maiores avanços sociais e científicos experimentados pela humanidade. É um processo cíclico, de interdependência e simbiose – a sociedade avança à medida que a comunicação se aperfeiçoa, sendo que esta ganha upgrades⁷ a partir do momento em que a sociedade também se aperfeiçoa.

Uma comunicação rústica, suficiente para “enfrentar os desafios diários e incipientes para qualquer outro objetivo, tal como o de interação com outros grupos geograficamente distantes, foi desenvolvida, por meio de gritos e gestos” (COSTELLA, 2002, p. 13) e, depois, através da fala que permitiu, tal como ensina Antonio Costella, “a eficiente transmissão de conhecimentos de uma geração para outra, fazendo surgir grupos humanos homogeneizados, por um acervo cultural comum, e assegurando, assim, as raízes iniciais de todas as culturas”. (2002, pág. 14).

⁷ Disponível em <https://www.significadosbr./> upgrade. Upgrade é uma palavra já incorporada ao idioma português. Se formos fazer a tradução literal do inglês, poderemos citá-la em nosso idioma como “grau acima”. Significa também atualizar, melhorar. Acesso em outubro de 2015.

2.1.1. O ser humano comunitário e socializado através da comunicação

Para se organizar e estabelecer a linguagem oral, conforme Bordenave, (2006) o homem “sofre duas limitações: a falta de permanência e a falta do alcance. Daí os homens tenham apelado a modos de fixar seus signos e a modos de transmiti-los à distância”. O ser humano descobre-se, descobre a comunicação como necessidade e evolui com ela, começando a perceber e ultrapassar barreiras e fronteiras físicas territoriais. Supera-se cada vez mais porque tem capacidade de ampliar a maneira de se comunicar através de meios criados por suas necessidades, assim:

para fixar seus signos o homem utilizou primeiro o desenho e mais tarde a linguagem escrita... Para resolver o problema do alcance, inicialmente, apelou a signos visuais como o tantã, o berrante, o gongo, os sinais de fumaça. Mas uma solução bem decisiva foi encontrada com a invenção da escrita, lá pelo século IV antes de Cristo [...] Chegou um momento em que o homem sentiu-se demasiadamente limitado pela necessidade de que a cada signo correspondesse a um objeto. Passou então a usar signos não para representar objetos, mas para representar ideias. (BORDENAVE, 2006, p. 26 - 27).

Evoluía a vida humana e suas criações, invenções e com elas a arte e, sobretudo, a percepção e a consciência da importância de se comunicar ou de se tornar comum o que se fazia e experimentava.

Partindo desse entendimento percebe-se o lugar do homem em seu habitat natural, comunitário e social, onde amplia conhecimento através da comunicação e interação. Nesse lugar que pode ser caracterizado como espaço-temporal estabelecia-se a potencialização para novas descobertas, para as novas formas de comunicação, formação de conceitos, novas ideias e formas de viver e interagir.

Para o homem primitivo, o seu querer, ser e existir tinha sentido e significado porque o ser humano é possuidor de razão, racionalidade, tem um sistema nervoso complexo e é beneficiado por processos mentais superiores, diferentemente de outros seres. Assim sendo, ele começa a organizar-se mentalmente, criar leis para convivência e sistematizar gradativamente o conhecimento que adquiria. O homem primitivo convivia com outros seres e entre outros seres, adquiria experiências com o mundo e com a realidade com a qual se aliava por intermédio de sua capacidade de percepção, atenção, memória, seleção, distinção e reflexão.

Passa o homem a atribuir significado e a conceituar aquilo que via e vivia. Isto significa dizer que cada cultura atribui às coisas o significado que deseja, e quem está inserido nela pode usar e compreender. Ele experimenta e se apropria de conhecimentos e ferramentas que lhe proporcionavam melhor convivência e sobrevivência.

Comunicar é, assim, em termos práticos, compartilhar, difundir. Conhecimento, cognição, comunicação e ambiente conjugam-se, configurando-se em um sistema vivo e ativo. Por isso mesmo o homem torna-se um sujeito que obtém seus ganhos pelo poder de se comunicar, agrupar e evoluir na comunicação. Ele experimenta e se apropria de conhecimentos e ferramentas que lhe proporcionavam melhor convivência e sobrevivência.

2.1.2. Comunicação, ciência e complexidade humana

Observando como o homem criou a comunicação, como se manifestavam as relações sociais e de interdependência entre os seres, as manifestações culturais e suas expressões, mediadas pela complexidade humana, compreende-se porque a comunicação, de acordo com Freixo (2006, p. 24) invade todos os campos “desde a área das relações humanas dos meios políticos, da imprensa, do campo do audiovisual até às próprias ciências cognitivas”.

A comunicação é polissêmica, isto é, tem vários significados, pois abrange várias facetas da vida humana e exige profundidade de conhecimento para entendê-la e perceber sua importância em qualquer tempo e lugar.

Para entender a comunicação é interessante passar pelo entendimento do que vem a ser a essência humana, do seu modo de ser, de se relacionar, da reciprocidade de suas relações, enfim, da sua complexidade. Entenda-se essa complexidade através do pensamento complexo como discorre Morin:

[...] a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, de ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico [...] ela se apresenta como traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza (MORIN, 2011, p. 13)

O ser humano funciona fisiologicamente como um sistema completo e complexo. Completo porque é um ser constituído de órgãos que interagem em uma dinâmica que trabalha pela sobrevivência do corpo. Complexo porque, além da constituição física, possui constituição psíquica, racional e emocional e mediante essa complexidade comunica-se com seus pares.

A complexidade humana vem se manifestando ao longo do tempo na medida em que se compreende que o ser humano é um ser social, que desde os tempos mais remotos naturalmente junta-se aos seus pares pela necessidade de afeto, de compartilhar sentimentos, aprender, colaborar e, desse modo, comunicar-se e interagir com outras pessoas.

Morin (2012, p. 30) enfatiza o ser humano como “hiperdinâmico, um metavivo que a partir das suas aptidões organizadoras e cognitivas, cria novas formas de vida, psíquicas, espirituais e sociais”. Para entender a complexidade humana é necessário saber que há um paradigma simplificador. Morin toma o homem como exemplo:

O homem é um ser evidentemente biológico [...] cultural, metabiológico e que vive num universo de linguagem, de ideias e de consciência. Ora estas duas realidades, a. biológica e a cultural, o paradigma de simplificação nos obriga a disjuntá-las ou a reduzir o mais complexo ao menos complexo. Vamos pois estudar o homem biológico no departamento de biologia, como um ser anatômico, fisiológico, etc. e vamos estudar o homem cultural nos departamentos de ciências humanas e sociais (MORIN, 2011, p. 59)

Pelo paradigma simplificador obviamente é mais difícil perceber o ser humano como um complexus, que é ‘tecido junto’, cujas heterogeneidades são inseparáveis e associadas, permeadas por suas ações, relações, e interações, vivências e convivências, ou seja, pela sua hiperdinâmica e a sua condição de um ser metavivo.

Enfim, a complexidade na comunicação emanava de modo interno, passando pela capacidade de desenvolvimento das funções cognitivas humanas, e de modo externo, mediado por forças externas que o homem cada vez mais passava a conhecer e ter domínio sobre elas. Desse modo e até por isso a comunicação é vastamente estudada e abordada por várias ciências. Diderot afirmava que a comunicação “fala a língua de várias ciências, artes e ofícios”.

A ciência não existe sem comunicação e esta característica a distingue de todas as atividades exercidas na sociedade. “Um avanço teórico ou um resultado experimental, só adquirem valor de ciência quando são comunicados a outros cientistas, e a partir daí se confrontam com a crítica” (MARTINI BARRERE Apud MARIE-CLAUDE ROLAND em VOGT, 2006, p.62).

É importante saber que a ciência não existe sem a comunicação. É importante também saber que boa parte da produção científica e tecnológica está destinada a permanecer sem divulgação por várias razões: pessoais, regionais, nacionais, institucionais (instituições não plenamente reconhecidas), colonialismo interno entre outras razões. Compreender e procurar minimizar essas dificuldades e entraves, oportuniza o diálogo entre os cientistas, as disciplinas, isto é, para a interdisciplinaridade e para a transdisciplinaridade, a qual se caracteriza por sua dinâmica, como menciona Vogt (2006) “o que os autores chamam de *problem solving capacity on the move* (dinâmica de soluções de problemas). Os problemas e as descobertas se entrelaçam em uma progressão constante, com reconfigurações incessantes”.

Ainda que se saiba que a transdisciplinaridade não é tão simples como parece, porque muitos estudiosos e cientistas estão inclinados ao individualismo e à não cooperação, sabe-se por outro lado que a transdisciplinaridade estimula uma nova compreensão da realidade porque articula elementos que passam entre, além e através das disciplinas. Na contemporaneidade, diante da complexidade geradora de conflitos humano-tecnológicos, ela facilita e busca a compreensão da complexidade. Se somos produtores de cultura, as trocas, os legados científicos e culturais poderão abrir novas perspectivas para se lançar à pesquisa para além dos paradigmas tradicionais.

Mas para que isso seja feito é necessário pesquisadores e profissionais terem uma atitude empática de abertura ao outro e ao seu conhecimento. É necessário valorizar não só a sua especialização, a sua área de estudo, mas também, a de outras áreas, estabelecer correlação entre as disciplinas, passando entre, além e através delas.

Houve o tempo em que as disciplinas foram formatadas em conteúdos separados, resultando possivelmente em fragmentação do conhecimento,

funcionando como um entrave e insegurança para a elucidação das complexidades culturais existentes e dificultando encontrar caminhos para soluções de problemas.

Entende-se, porém, que diante da complexidade humana e da realidade de que a comunicação fala a língua de várias ciências, pode-se considerar que o cultivo do conhecimento e do saber poderá se tornar mais enriquecido se não forem impostas barreiras entre as disciplinas, inclusive compreendendo que isso não deixa de ser uma nova forma de se comunicar, de interagir entre estudos, descobertas e teorias ou um novo modo de cultivar o conhecimento.

2.2. A comunicação e sua estreita relação com a tecnologia

Mediante condições e potenciais humanos, a comunicação humana passa por várias fases, cada uma delas caracterizando-se pela utilização de novas formas, abrangências e capacidade de se comunicar. Segundo Costella (2002), os grupamentos humanos desenvolveram a habilidade de desenhar, mas foi com a escrita que se consideraram superadas, de forma eficaz, importantes barreiras espaço-temporais:

Com a escrita, o homem venceu definitivamente o tempo e mais ainda, venceu o espaço. Ela permitiu a fixação do conhecimento num substrato material – papiro, cerâmica, papel, memória do computador, etc. – mantendo-o disponível ao longo do tempo para sucessivas e inumeráveis gerações, e, simultaneamente, admitiu a disseminação do conhecimento à distância pelo transporte daquele substrato (COSTELLA, 2002, p. 15).

É importante destacar, com relação a tal fato, que a invenção da escrita foi tão significativa que marcou a transição da pré-história para a história.

Bem mencionada por Crato a observação percuciente de Alexandre Herculano, para quem “se a arte de escrever foi o mais admirável invento do homem, o mais poderoso e fecundo foi certamente a imprensa” (CRATO, 1992, p. 11).

De fato, sem pôr em segundo plano a relevância da invenção da escrita, foi com a imprensa que os escritos se disseminaram e mostrou-se possível a multiplicação de conteúdos idênticos e o acesso aos mesmos.

Diversos fatores, notadamente de cunho político-econômico, viabilizaram a eclosão da imprensa, conforme ensinamento de Nuno Crato que convém trazer à baila:

As condições reúnem-se para pressionar a urgência da invenção de Gutenberg: a autoridade central necessita de um instrumento de rápida difusão de mensagens e directivas, a burguesia precisa de uma difusão larga de conhecimentos e de uma troca de informações sobre os assuntos do comércio; ao renascimento humanístico da cultura fazem falta universidades, debates, livros. (CRATO, 1992, p. 21).

Percebe-se que foi a partir do advento da imprensa escrita que se superou a limitação da comunicação de um para um e atingiu-se a possibilidade de veiculação da informação de um para muitos.

Em verdade, a comunicação sempre teve estreita relação com a tecnologia, por ser esta o meio através do qual alcança sua finalidade primeira, que é a de transmitir informações. Deuze, citado por Carla Rodrigues no artigo intitulado “Ainda em busca de definições para o jornalismo on-line”, inserido na obra *Jornalismo on-line: modos de fazer*, sintetiza de forma clara os nexos entre a comunicação e os meios de veiculação no transcorrer dos séculos:

A prática jornalística tem sido, historicamente, dependente da tecnologia, como afirma Deuze (2006, p. 17): ‘A profissão conta com a tecnologia para a recolha, edição, produção e disseminação da informação’. É a tecnologia, segundo o autor, que tem permitido ao jornalismo se organizar a partir de um princípio básico: transmitir informações de maneira rápida. Para ele, a história da tecnologia na comunicação social permite associar a imprensa escrita ao século XIX, o rádio e a TV ao século XX e as plataformas multimídias e digitais ao século XXI (RODRIGUES, 2009, p. 15).

De fato, o rádio e a TV serviram como meios importantes no processo de massificação da informação no século XX, mas o avanço das ciências da informática no século XXI veio causar impacto e mesmo reestruturação da comunicação social, notadamente em função do incremento da Internet e das redes sociais e da portabilidade dos meios de informação, conforme asseveram Antônio Fidalgo e João Canavilhas (2009), no artigo *Todos os jornais no bolso: Pensando o jornalismo na era do celular*. Dizem os citados autores:

São múltiplos os desafios que a Internet móvel coloca ao jornalismo. Efetivamente, a promessa de uma informação atual contínua

realiza-se pela primeira vez. Pelo celular, qualquer pessoa encontra-se ao alcance da informação; o celular, ao tornar-se uma extensão corporal, liberta a pessoa dos constrangimentos espaciais e temporais na recepção de informação. Os receptores das notícias estão soltos e em movimento e quem fornece a informação tem de ter em conta a nova realidade, muito diferente da tradicional, onde cabia ao receptor predispor-se a receber notícias, pela compra do jornal impresso ou pelo ato de ligar o aparelho de televisão ou de rádio, e dedicar um tempo especial à recepção. Agora essa recepção pode ser feita em qualquer circunstância, cria-se como que um cordão umbilical, permanente, entre quem informa e é informado. O celular é o meio permanente e ubíquo da informação e da comunicação (FIDALGO; CANAVILHAS, 2009, p. 112).

Essa posição aponta para a importância crescente do celular na informação. Paulo Vaz (2013, pp. 189-190), por meio do artigo *Esperança e Excesso*, publicado na obra *Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*, assevera que “o sentido geral da mudança que experimentamos é a redução da diferença, em termos de custo e velocidade, entre trocar informações em escala local e à distância”, notadamente em função do que denomina de “fim da geografia” ou globalização.

Assim o homem com sua inteligência e necessária convivência social venceu e vence o tempo e o espaço, pois a escrita, os vários meios de comunicação descobertos e a comunicação em si permitiram e permitem o cultivo do saber e do conhecimento, os quais se manifestam através da ciência e do avanço científico-tecnológico.

2.3. Conceito e principais características da organização e da comunicação organizacional/institucional

Em se tratando de comunicação institucional necessita-se deixar claros os significados de organização, de comunicação organizacional e comunicação institucional não deixando de perceber as múltiplas perspectivas que embasam o ato comunicativo na e da organização ou instituição. Paulo Nassar⁸ em *Conceitos e processos de comunicação organizacional*, menciona que

a sociedade contemporânea é constituída e mantida por uma rede de entidades, organizadas com o objetivo de atender, por meio da produção de

⁸ Paulo Nassar – jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982), é mestre e doutor em Ciência da Comunicação, na área de Relações Públicas, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP)

bens e da prestação de serviços, as mais diversas necessidades humanas. As empresas, caracterizadas como organizações lucrativas, e as instituições, denominadas organizações não lucrativas, são os exemplos mais abrangentes dessa estrutura que dominam o cotidiano (NASSAR; KUNSCH, 2008, p.61)

De acordo com Martinuzzo, “uma organização é uma estrutura que se arma e se mantém a partir da mobilização de um grupo de indivíduos em torno do alcance de um objetivo comum, o qual é sua principal característica” (2013, p.15). Conforme Nassar (KUNSKCH, 2008, p. 62), organização é um “sistema social e histórico, formal, que obrigatoriamente se comunica e se relaciona, de forma endógena com os seus integrantes e, de forma exógena com outros sistemas sociais e com a sociedade”.

Martinuzzo (2013, p. 13) chega à compreensão exata do que é “comunicação organizacional, também conhecida por comunicação institucional e comunicação empresarial” (grifo do autor). Esse autor utiliza o termo comunicação organizacional, tendo em vista sua abrangência conceitual, incluindo ações comunicativas no âmbito das organizações privadas, públicas e não governamentais.

Após essa compreensão e explicação, Martinuzzo define e conceitua a comunicação organizacional “como a comunicação (intercâmbio de informações) feita no âmbito das organizações (interna e externamente) com os seus diversos públicos-alvo, visando-se à produção de significado (imagem/reputação organizacional)” (2013, p. 15). Baldissera considera

toda comunicação que de alguma forma e algum grau, disser respeito à organização é considerada como Comunicação Organizacional, mesmo que quando das práticas, seja necessário proceder a algumas simplificações no sentido de dar agilidade aos processos (BALDISSERA, 2009, p.117)

O surgimento da comunicação organizacional no Brasil é decorrência do processo de desenvolvimento econômico, social e político do país em meados da década de 50 como consequência da aceleração industrial, ao mesmo tempo que permitiu seu crescimento nas últimas cinco décadas, tanto em nível acadêmico quanto nas práticas diárias no mercado profissional.

Com a abertura política em 1985, as organizações perceberam a necessidade de serem transparentes com seus públicos, pois os antigos modelos

tradicionais dos departamentos e de certas ações comunicativas não dariam conta de atender as novas demandas sociais. Uma organização se estabelece. Martinuzzo (2013, p. 21) diz: “com vistas a atender demandas ou dialogar com um ou variados públicos. E, nesse processo, é preciso estar atento a grupos específicos de pessoas (funcionários, fornecedores, comunidade, etc.) ou de organizações ligadas diretamente às atividades organizacionais”.

Passou-se a considerar o processo de relação entre os indivíduos e suas particularidades, juntamente com a complexidade que permeia todo o processo comunicativo. Para Martinuzzo, (2013, p. 17) “a comunicação organizacional é o processo pelo qual as organizações dão vazão aos seus fluxos informacionais, gerenciais, administrativos e relacionais” tanto no ambiente interno quanto no externo.

No Brasil, o campo da Comunicação Organizacional, como descreve Nassar (2008)

evoluiu das reflexões operacionais sobre o jornalismo empresarial – produzido no contexto da administração científica e de uma sociedade politicamente e economicamente fechada - para uma comunicação que, na contemporaneidade, deve ser produzida para uma sociedade mais aberta, em termos de comportamento, e, no entanto, mais complexa no que se refere aos desafios econômicos, sociais e ecológicos (NASSAR; KUNSCH, 2008, p. 73).

Nesse sentido Baldissera (2009) atenta para a Comunicação Organizacional em sua diversidade de possibilidades e realizações que diante das características da sociedade contemporânea a ideia desta parece ser reduzida ao nível das práticas cotidianas, às ações mensuráveis.

Diante do exposto, pondera-se que a comunicação moderna não pode ficar refém da intuição e do improvisado de profissionais e chefias em prática. Conforme Martinuzzo (2013), pode-se dizer que, mesmo não agindo profissional e estrategicamente, toda organização se comunica, mas o fato novo é que o amadorismo tolerado até poucos anos atrás, é coisa do passado, de organizações já extintas ou em vias de extinção.

Pela complexidade que a comunicação organizacional/institucional apresenta e ao mesmo tempo pela importância e responsabilidade que esta tem perante as organizações/instituições e a sociedade, convém identificar os principais elementos que constituem uma organização e suas principais características.

Conforme Nassar (KUNSCH, 2008, pp. 62-63) são algumas características comuns a todas as organizações:

1. São sistemas sociais constituídos por relacionamento entre pessoas	(...) Importante por causa da complexidade dos relacionamentos sociais e da variabilidade e ou diversidade dos seres humanos. O componente humano faz das organizações um dos sistemas mais complexos e apresenta aos pesquisadores organizacionais e da administração o seu mais crítico desafio.
2. São complexas e aplicam a divisão do trabalho	A constituição humana de uma organização se torna um aspecto mais complexo para uma missão de integrar a política, o planejamento e as ações de comunicação organizacional (...) as estruturas organizacionais para serem efetivas, dividem o trabalho entre as pessoas, a partir de critérios como conhecimentos e habilidades.
3. Tem história e memória	Elas são o produto da ação de seus fundadores, de seus integrantes, e da sociedade onde se insere. Ao longo de sua história, que vai além da história de seus fundadores, constitui uma cultura; cria, consolida e inova tecnologias; forma pessoas. Esse acervo de conhecimento deve ser continuamente transmitido e reforçado para os integrantes da organização.
4. Devem enfrentar o desafio das mudanças	As organizações mudam para se adequar às inúmeras mudanças acontecidas nos âmbitos econômico, social, histórico, ambiental, cultural, entre outros. Os ajustes e 'uma comunicação excelente' são formas de permanecerem vivas, diante de reestruturações produtivas e patrimoniais, (fusões e aquisições) movimentos de concorrência e de quaisquer desafios.
5. Têm identidade	Cada organização expressa a sua cultura em uma determinada identidade. Esta é constituída de um conjunto de símbolos, comportamentos e narrativas que a tornam única diante de seus públicos, redes de relacionamento e sociedade.
6. Querem resultados	Estruturam-se para ser eficazes. Na sociedade contemporânea, os resultados organizacionais não podem ser alcançados a partir de qualquer ferramenta, insumo ou processo produtivo. A ação organizacional deve ser efetiva. Os resultados pretendidos devem ser alcançados a partir de métodos que não produzam, ou minimizem impactos sociais, econômicos e ambientais.

Ao identificar as características comuns das organizações entende-se porque estas entidades organizadas que funcionam como sistemas sociais, históricos e formais, são consideradas complexas. Conseqüentemente, a comunicação organizacional/institucional também se torna complexa ao se comunicar de forma endógena com os integrantes da organização e, de forma exógena com outros sistemas sociais e com a sociedade.

Essas características comuns precisam ser avaliadas no sentido de verificar se elas correspondem às expectativas esperadas em termos de sua adequação aos fins. Por exemplo, em termos do item 3 (três) relativo à história e memória, a cultura digital parece estar contribuindo mais efetivamente ao seu conhecimento e divulgação do que o que havia até então, ou seja, um quase completo descaso com a documentação relacionada com a história de seus institutos e faculdades.

Quanto ao item 5 (cinco), é evidente que há problemas relacionados com as identidades que constituem a universidade. Por exemplo, reconhecendo que a UFAM é uma das mais atuantes instituições culturais do Estado qual é o seu projeto de ciência e qual o seu papel para o conhecimento profundo da Amazônia? Ela está comprometida ou não com o desenvolvimento de uma sociedade democrática?

E após conhecer as características das organizações e principalmente em se tratando de Comunicação Organizacional, é conveniente atentar ao paradigma da complexidade que orienta a reflexão de Baldissera, particularmente a partir de Morin. Baldissera (2009) menciona que “assumir esse paradigma implica reconhecer que a Comunicação Organizacional não se restringe ao âmbito do organizado, à fala autorizada, aos processos formais, à comunicação da e/ou na organização”.

Baldissera (2009) enfatiza e interrelaciona a comunicação organizacional com os três princípios básicos da complexidade de Morin.

a) O Dialógico – associação complexa, complementar, concorrente e antagônica de instâncias necessárias junto à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado;

b) O Recursivo – produtos e efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu;

c) O Hologramático – a parte não somente está no todo, o próprio todo está, de certa maneira, presente na parte que se encontra nele.

Atentar a esses três princípios facilita redimensionar a noção de Comunicação Organizacional de modo a transpor a ideia de organização comunicada (oficial, planejada) e a de organização comunicante (realizada nas diferentes relações que os sujeitos/pessoas estabelecem com a organização).

Em grau mais complexo pode-se falar em Comunicação Organizacional em seu nível de Organização Comunicante. Esta se configura como todo um processo comunicacional que se atualiza quando

de alguma forma e em algum nível, qualquer sujeito (pessoa/público) estabelece relação com a organização. Além dos processos planejados também assumem relevo os processos que se realizam na informalidade [...] Essa compreensão permite dar relevo aos processos dialógico-recursivos, pois atenta para a possibilidade e de ocorrências de relações comunicacionais que escapam ao planejamento (e controle) inclinadas a assumir mais potência para perturbar a ordem posta (organização comunicada, cultura organizacional), tendendo a forçá-las a movimentos de (re)organização (BALDISSERA, 2009, p. 118).

Para Baldissera (2009), a Comunicação Organizacional contempla três dimensões tensionadas e interdependentes: a organização “comunicada” (fala autorizada); a organização “comunicante” (fala autorizada e demais processos comunicacionais que se atualizam sempre que alguém estabelecer relação direta com a organização), e a organização “falada” (processos de comunicação que, não sendo a partir de relações diretas com a organização, referem-se a ela).

A comunicação organizacional é um metassistema social e tecnológico “que tem como objeto de estudo os processos comunicacionais, no âmbito das empresas e das instituições, suas redes de relacionamento e sociedade mostrando-se como um campo de conhecimento, cada dia mais abrangente” (NASSAR; KUNSCH, p. 73, 2008). Esse metassistema mencionado é definido dinamicamente a partir de suas inter-relações com os conhecimentos e as práticas das Ciências Sociais, das Ciências Humanas, das Ciências Exatas e das Ciências Biológicas, ou seja, por uma prática interdisciplinar e sistêmica.

3. A COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE E A VISÃO ECOSSISTÊMICA

O terceiro capítulo discorre sobre realidade da comunicação institucional nas Universidades Federais Brasileiras e o desenvolvimento das tecnologias de informação, tendo em vista que outras mídias também foram inseridas no contexto da comunicação institucional nas universidades.

Apresenta também os fundamentos conceituais de uma visão ecossistêmica da comunicação, mostrando que é fundamental e indispensável entender que o pensamento sistêmico introduz uma nova visão das relações humanas e da comunicação e ultrapassa a visão mecânica da mesma, instigando ao reconhecimento da importância dos Ecossistemas Comunicacionais, expressão que gera estranhamento porque é uma nova conceitualização nos entremeios das pesquisas acadêmicas e das ciências da comunicação.

No Brasil, o desenvolvimento da perspectiva ecossistêmica para os estudos da comunicação tem encontrado abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM), cuja área de concentração intitulada *Ecossistemas Comunicacionais* representa uma forma diferenciada de pensar o objeto de estudos da área de conhecimento e considera a complexidade sistêmica e informacional dos sistemas comunicativos.

3.1. A comunicação institucional nas universidades federais brasileiras

É urgente e necessária a reflexão sobre o relacionamento das universidades com a sociedade, tendo em vista que a educação superior brasileira se encontra diante de um crescente incentivo ao ingresso no ensino superior (programas de acesso, bolsas institucionais, investimentos na estrutura física, ampliação do quadro de pessoal e institucionalização de políticas de cotas).

Em se tratando de Organização e Comunicação Institucional, o termo ecossistemas comunicacionais inspira e incita a compreender ou ter conhecimento de como se dá o funcionamento da comunicação institucional nas Universidades Federais Brasileiras e, em especial, na Universidade Federal do Amazonas.

Nessa esteira, convém verificar se as universidades federais, por meio da comunicação institucional e através das mídias que utilizam, vislumbram práticas que possam conduzir à formatação de políticas de comunicação que, de fato, busquem interação com seus públicos, tanto internos quanto externos, e promovam a transparência na gestão pública.

Pierre Zémor (2006) considera indissociável a comunicação pública da própria gestão pública. Conforme Brandão, Zémor identifica quatro categorias da comunicação pública que devem nortear a atuação institucional:

a) informar; b) ouvir as demandas, as expectativas, as interrogações, e o debate público; c) contribuir para assegurar a relação social (sentimento de pertencer ao coletivo; tomada de consciência do cidadão enquanto ator); d) acompanhar as mudanças, tanto as comportamentais quanto as demandas da organização social (BRANDÃO, p. 21, 2006).

Desse modo, entende-se que a comunicação pública deve colocar a centralidade do processo de comunicação no cidadão e estimular sua participação ativa e racional, “não apenas por meio de garantia do direito à informação e expressão, mas também do diálogo, do respeito às suas características e necessidades”, destaca Duarte (2009), entendendo que a Internet diminui a necessidade e a importância de intermediários entre a instituição e o público.

Alves⁹ menciona que “mesmo ocupando lugar de destaque, a dimensão ‘Comunicação com a sociedade’ ainda carrega mais anseios do que conquistas, pois projetos que poderiam ser marcados pelo pioneirismo se perdem pelo caminho”. Os departamentos ou assessorias de comunicação das universidades federais brasileiras trabalham, geralmente, com as seguintes ações de comunicação:

postagem de notícias no portal institucional; envio de releases para a imprensa; produção de jornal impresso; jornal mural; clipagem de notícias veiculadas na mídia sobre a universidade; cobertura fotográfica de eventos realizados na instituição; produção de boletins eletrônicos (newsletter); e mais recentemente atualização de páginas institucionais nas redes sociais (Facebook, Twitter e Youtube). Os setores de Publicidade, Relações Públicas e Cerimonial em diversas instituições também são incorporados à rotina de produção, no entanto, a falta de política de comunicação inibe a integração efetiva dos setores (ALVES, 2013, pp. 4-5)

⁹ Disponível em <http://www.compolitica.org/home/wp> Cristiano Alvarenga Alves - Mestrando do programa de Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Unesp) e jornalista da Universidade Federal de Uberlândia. Acesso em outubro de 2015.

Conforme o referido pesquisador, uma das Universidades pesquisadas realizou, em 2011, o I Seminário sobre Política de Comunicação, cuja intenção era subsidiar a criação da Política de Comunicação Institucional. Após o primeiro evento foi criado um portal, especificamente para debater as políticas de comunicação, porém o site não recebeu conteúdo algum após a disponibilidade.

Este é um exemplo da realidade das universidades federais no que tange a planejamento estratégico da comunicação, o qual está distante do que poderia ser considerado ideal.

A falta de investimentos, as carências de recursos humanos e de estrutura física podem explicar o quadro atual. No entanto, o que se observa é a falta de base ideológica para a formatação de planos de comunicação que busquem a integração e, ao mesmo tempo, respeite as diferentes necessidades de informação e interação (ALVES, 2013, p. 7).

Da mesma maneira que há falta de investimentos há também dificuldades em se definir uma política de comunicação e igual dificuldade em se definir um projeto em uma política de cultura e em uma política de ciência envolvendo todas as suas forças e potenciais, e questiona-se porque essas políticas são tão difíceis de realizar.

No que concerne à comunicação institucional na universidade, no conjunto de ideias e argumentos são postos em discussão as revoluções tecnológicas que estão transformando nas bases as relações humanas, seus processos de comunicação, a dinâmica do conhecimento, entre outros. Dentro do elenco desses aspectos, diz Santaella (1996), “aquele que toca mais de perto a universidade é certamente a dinâmica do conhecimento. Como a universidade tem se posicionado frente às mudanças dessa dinâmica?” (SANTAELLA, 1996, p. 131).

Pergunta a citada autora: Em que medida a universidade tem se inserido ou ficado à margem das revoluções na informática e nas telecomunicações? [...] Dowbor (1993), citado por Santaella (1996), diz, por exemplo, que “nos últimos vinte anos, dobraram os nossos conhecimentos científicos relativamente à totalidade dos conhecimentos técnicos acumulados durante a história da humanidade” (SANTAELLA, 1996, p. 132).

Conforme Santaella (1996) “o casamento da informática com as telecomunicações, a telemática, torna possível e cada vez mais barato transmitir tudo - textos, imagem, som - em grande volume e com rapidez”.

Nas universidades que possuem sólidos investimentos em Comunicação, os sistemas de consulta on-line permitem o acesso a um número incalculável de títulos e publicações e o intercâmbio universitário permite o empréstimo de publicações desejadas em poucos dias. Santaella (1996) adverte:

O pior nisso tudo é que a pior força estagnadora dessas universidades não é nem mesmo econômica, mas muito mais de mentalidade, a mentalidade provinciana, endógena e autocomplacente, esta mesmo que funciona como antídoto contra os desafios do confronto com a alteridade. Com raras exceções o pesquisador brasileiro não tem sequer uma pálida ideia das possibilidades que a telemática hoje abre para a pesquisa, aprendizagem e intercâmbio de conhecimentos (SANTAELLA, 1996, p. 133).

As universidades americanas são pioneiras na inserção das mídias sociais enquanto canais de diálogo e vitrines para captação de novos estudantes. De acordo com Herreros (2010), citado por Silva (2012), nessas universidades são compartilhadas notícias, anúncios e abertura de novos cursos e atividades, isto é, elas permitem que os estudantes se conectem e se conheçam; apresentam serviços, publicam fotos, escutam, dialogam e se relacionam com públicos de interesse e, inclusive, tiram dúvidas dos alunos sobre assuntos trabalhados em sala de aula (Silva, 2012, p. 19).

Na pesquisa feita por Alves (2013) sobre Comunicação nas universidades brasileiras, os jornais impressos produzidos pelas universidades são considerados canais de comunicação mais tradicionais das instituições, e as publicações carregam um valor histórico importante. A pesquisa limitou-se a verificar até que ponto esta divulgação continua a ser feita também no meio virtual, ou seja, interagindo com o portal institucional na internet.

Foi observado que entre as 59 universidades federais, 33 apresentaram o jornal impresso como ferramenta de comunicação, porém, apenas 11 mantêm a publicação atualizada. A periodicidade, quando existe, é quebrada frequentemente e é possível perceber a deficiência no que tange à gestão dos produtos de informação; treze instituições publicam o jornal sem considerar um período específico entre as publicações e, desse modo, o leitor não sabe quando será disponibilizada a próxima

edição. Esta situação inviabiliza qualquer campanha para promover a credibilidade do veículo de informação e, conseqüentemente, da própria instituição.

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, outras mídias também foram inseridas no contexto da comunicação institucional. O *Twitter*, o *Facebook* e outros serviços de comunicação na *web* também são utilizados pelas assessorias de comunicação para postagens de vídeos, como o *Youtube*, ou fotos (*Flicker* e *Instagram*).

Sobre o *Twitter*, o primeiro dado que merece destaque é a inserção das instituições nesta modalidade de comunicação. A grande maioria, 56 universidades, possui conta nesse *microblog*. Merece atenção o “abandono” das páginas institucionais na rede social. Das 13 instituições que não atualizaram diariamente as informações no *twitter*, seis estavam há mais de doze meses sem postar conteúdo e, nesse caso, a melhor alternativa é encerrar a conta para evitar danos à imagem da instituição.

Quanto à utilização do *Facebook* como ferramenta de comunicação e interação, foi apurado que 41 universidades mantêm página institucional nesta rede social e 27 haviam feito atualização de conteúdo nas últimas 24 horas (referente ao dia 10 de abril de 2013), três haviam feito postagem de 25 a 72 horas e outras 11 instituições não haviam feito publicação há mais de três dias.

Nessa pesquisa foram vistas as dificuldades de publicação periódica dos informativos e da manutenção das páginas institucionais nas redes sociais. Podem ser considerados esses fatos como reflexos da falta de direcionamento e planejamento das ações de comunicação nas universidades federais. Não há um elo que integre as diversas mídias disponíveis. Muito embora se saiba que não, mas fica parecendo que as universidades aderiram às mídias talvez por modismo e/ou pela aparente obrigatoriedade de presença, como se o fato de não estar nas mídias sociais virtuais implicasse desprestígio e pouca visibilidade. É urgente a necessidade de formulação de políticas que alterem o patamar de atuação dos departamentos de comunicação das universidades, especificamente da comunicação institucional.

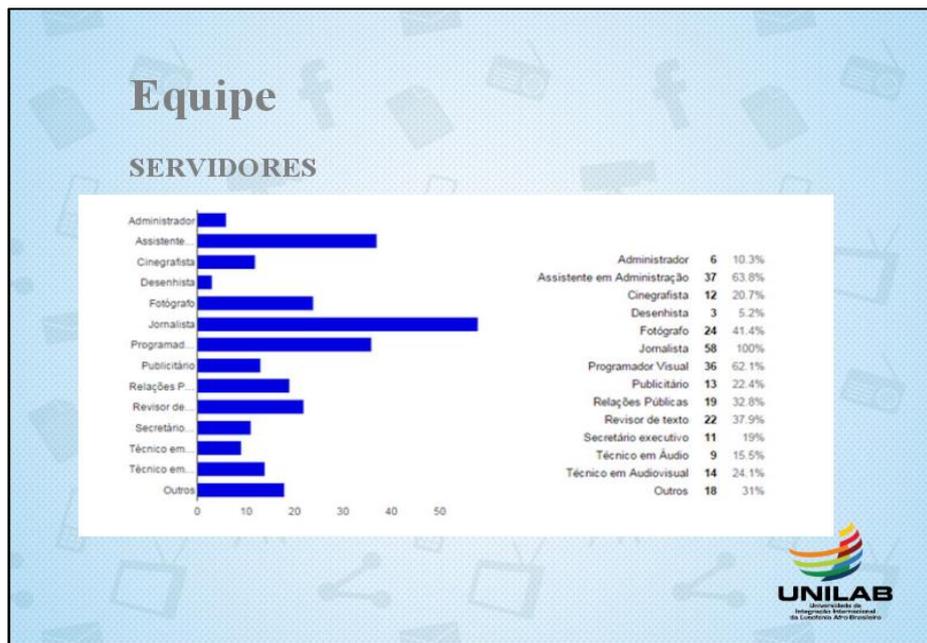
Levantamento de informações mais recente e que também apresenta o perfil atual das assessorias de Comunicação das universidades brasileiras foi o realizado para o 9º Encontro ANDIFES de Assessorias de Comunicação das Universidades

Federais, em meados de 2015. Coordenada por Robério Nery, assessor de Comunicação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, os resultados foram compartilhados, durante o encontro realizado de 24 a 26 de setembro, na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Embora tenha sido apresentado como mero levantamento de informações, as respostas ao questionário mostram-se como importante instrumento para que os profissionais de comunicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) possam tecer considerações acerca do cenário dos setores de comunicação de tais instituições.

Ao todo, 52 universidades responderam ao questionário, sendo 9 do Norte do Brasil; 13 do Nordeste; 4 do Centro-Oeste; 18 do Sudeste e 8 do Sul. Apesar das demandas de comunicação serem permanentemente crescentes, proporcionais à estrutura de diretorias, as respostas ao questionário demonstram que a maior parte dos setores de comunicação das IFES está estruturada com a denominação “Assessoria” (24). Em seguida, a denominação mais empregada é “Coordenadoria” (10). Apenas 7 IFES denominam os setores de comunicação institucional como “Diretoria” e tal número empata com os denominados “Secretaria”.

Figura 6 - Slide da apresentação do levantamento de informações sobre as IFES.



Fonte: UNILAB e ASCOM/ANDIFES

A recente coleta reafirma os setores de comunicação como diretamente subordinados à reitoria. Apenas uma universidade não apresenta esse perfil de vinculação direta ao gabinete da reitoria. Outro aspecto interessante demonstrado pela coleta de informações é que a maior parte das chefias dos setores de Comunicação das IFES é composta por técnicos administrativos em educação na área de Comunicação (28); seguido por docentes (26) da área. Apenas uma pequena parcela das chefias é ocupada por profissionais comissionados (4).

Além disso, os jornalistas ocupam 53,4% de tais chefias dos setores de Comunicação das IFES. Mais que isso, estão presentes em 100% das estruturas dos setores de comunicação das universidades federais do país.

Mais que demonstrar que os setores de Comunicação das IFES estão de braços abertos para os profissionais da área de Jornalismo, os resultados revelam a preocupação das instituições de ensino superior com o emprego de linguagens dinamizadas para lidar com diversos públicos.

No encontro anterior de assessorias de comunicação, aproximadamente 5 IFES não haviam ainda aderido às redes sociais virtuais. No ano seguinte, todas já possuíam perfis em tais redes. Tudo isso para acompanhar as mudanças que, segundo Ramonet

Na nova sociedade de redes, cada cidadão torna-se um 'jornalista' em potencial. Na frente da sua tela (de computador, de telefone ou de palmtop), o internauta que domina os recursos Web 2.0 não se julga inferior ao jornalista profissional. Ele disputa com ele seu status privilegiado. (RAMONET, 2012, p. 22).

As respostas às novas demandas da revolução digital não são simples, tudo muda muito rápido e exige respostas mais rápidas ainda. Conforme Ramonet, "passamos da era das mídias de massa para a era de massas de mídias".

Antes, as 'mídias-sol', no centro do sistema, determinavam a gravitação universal da comunicação e da informação em torno delas. Agora, 'mídias-poeira', espalhadas pelo conjunto do sistema, são capazes de se aglutinar para constituir em certas ocasiões, superplataformas midiáticas gigantescas (RAMONET, 2012, p. 27).

Percebe-se que uma instituição complexa como uma universidade federal, vinculada a conceitos de transparência e gestão dialógica tem o desafio de

compreender outras vertentes e possibilidades que apoiem e fortaleçam o relacionamento com a sociedade.

As correlações do que foi exposto podem buscar respaldo no Paradigma da Complexidade de Morin (2001) enquanto pressuposto para a (re)construção do conhecimento e para tentar enxergar o mundo e as dimensões em análise. À primeira vista, a complexidade pode presumir irracionalidade, desordem, confusão.

Conforme declara Morin, a complexidade parece “[...] desafiar o nosso conhecimento e de, alguma maneira, ordená-lo a regressar. Cada vez que existe uma irrupção de complexidade, sob a forma justamente de incerteza, de acasos, existe uma resistência muito forte” (MORIN, 2010, p. 47).

Tubino (1997) afirma que a globalização do mundo explicita a expansão dos compromissos universitários. Lampert (1999) complementa que a práxis universitária ainda está presa à tradição, à informação, à neutralidade, ao conformismo e, principalmente, à manutenção do *status quo*, o que pode indicar que os processos de mudança podem ser lentos e pouco efetivos.

No contexto universitário, diz Romangnolli (2008), “a ausência de uma política de comunicação adequada, tanto interna quanto externa, resulta numa prática observada nas universidades que se caracteriza pela circulação de informações de forma segmentada e extratificada” (ROMANGNOLLI, 2008, p. 6). Na verdade, isso exige a capacidade profissional de viabilizar padrões adequados que promovam não apenas divulgação e informação, mas também oportunidades de diálogo e participação.

Wolton (2010, p. 12) diz que “a informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa”. No senso comum, no entanto, há um aparente descrédito da comunicação, em prol da informação, como se fosse a informação que resolvesse todos os problemas relacionais. O desafio, então, não está na informação, mas sim na comunicação. Conforme Martinuzzo (2013), “comunicar não representa apenas emitir mensagens, informar. É preciso considerar principalmente [...] que o processo comunicacional implica falar e ouvir, emitir e receber. Em resumo, implica conversar, dialogar” (MARTINUZZO, 2013, p. 22).

A comunicação implica uma relação social na qual, em seu curso, os sujeitos interessados compartilham determinados significados, como por exemplo, menciona Ceri (2000, p 75): “a comunicação é uma relação social e um processo

sócio-técnico: relação dentro da qual e processo através do qual é produzida, transmitida e transformada a informação” (KUNSCH, 2008, p. 39).

Maiochi (1997) comenta que as estruturas universitárias são, na maioria das vezes, “rígidas, fechadas e inflexíveis, caracterizadas por mecanismos de centralização de poder e autoridade” (MAIOCHI, 1997, p. 293). Esses mecanismos de centralização e de poder são avessos ao diálogo e em geral desconhecem o verdadeiro poder da universidade que é o conhecimento e as ideias novas. Finger (1997) reforça esse pensamento quando assegura que a universidade é “uma organização conservadora por excelência, quer em suas práticas, quer em suas posturas” (FINGER, 1997, p. 8).

Sabe-se que as organizações mostram uma grande diversidade, a partir de critérios como cultura, identidade, missão, crenças e valores, tecnologia, estruturas e comunicação e ainda são sistemas sociais e históricos. Nesse sentido, Maiochi (1997) conclui que a universidade

não difere no que diz respeito ao trabalho e encargos do dirigente, ao planejamento e à estrutura da organização. Contudo, a universidade é essencialmente diferente das empresas nos seus ‘negócios’. É diferente na finalidade, possui valores diferentes faz contribuição diferente à sociedade (MAIOCHI, 1997, p. 244).

É diferente e possui valores diferentes e é “fato indiscutível que a universidade brasileira não pratica uma cultura de comunicação”, como afirma Bueno (2005: p. 45), ou seja, ela, de maneira geral, não assume o exercício da comunicação como estratégico e, em consequência, não está capacitada para acessar ou ser acessada por muitos de seus públicos de interesse. Scroferneker (2001) cita alguns fatores possíveis acerca da referida ausência de uma política de comunicação das universidades que são:

[...] a dimensão da universidade enquanto estrutura administrativo-organizacional, sua fragmentação em unidades e departamentos, a seleção de áreas internas de excelência, as disputas de poder entre as diferentes áreas (vinculadas a titulações, produção científica, hierarquias funcionais, etc.), antiguidade, seu corporativismo, além da sua tendência natural de reagir a mudanças. (SCROFERNEKER, 2001, p. 3).

Na verdade, uma cultura de comunicação se define exatamente por uma prática que extrapola a mera sobreposição de atividades isoladas. Conforme Bueno,

(2005) “ela está legitimada pela consciência, comum a todos os níveis da organização, de que é necessário manter relacionamentos saudáveis e produtivos e de que a tarefa de comunicar não é exclusiva das estruturas profissionalizadas de comunicação” (BUENO, 2005, p 46). Se as políticas de comunicação não são claramente definidas pode comprometer toda uma proposta ou mesmo processo de mudança. A política de comunicação institucional na universidade, então, para que possa ser eficiente, precisa ser construída e, de acordo com Scroferneker (2001),

Demanda um profundo conhecimento dos públicos aos quais se destina e com os quais interage, o conhecimento de suas expectativas e frustrações. Não se trata de pesquisa de opinião, mas de ouvir e querer escutar, de olhar e querer ver, de falar e deixar falar e, principalmente, promover ações que transpareçam o reconhecimento e o respeito pela interação e participação efetivas (SCROFERNEKER, 2001, p. 4).

Sabe-se que as novas tecnologias e a Internet têm o poder de redimensionar os relacionamentos institucionais, ou seja, conforme Martin (1999), o conteúdo disponível na rede sobre determinada organização/instituição fundamenta o que os clientes/públicos pensam sobre sites e portais. Na Comunicação Pública o cidadão é um interlocutor ambivalente; diz Zemor (1995) que “ao mesmo tempo em que ele respeita e se submete à autoridade das instituições públicas, ele protesta sobre a falta de informação ou sobre suas mensagens mal construídas, incompletas ou mal divulgadas” (ALVES, 2013).

A cultura da comunicação não é o forte das universidades brasileiras. A tarefa de comunicar às vezes é limitada pelas chamadas “estruturas profissionalizadas existentes”, muitas vezes com vícios ideológicos e corporativos. Pelos estudos realizados e baseados na realidade da comunicação institucional nas universidades brasileiras, percebe-se que estas praticam mais a cultura da informação e pouco assumem o exercício da comunicação como estratégico. Por outro lado os resultados desses estudos e pesquisas proporcionam aos profissionais de comunicação institucional a percepção do cenário dos setores de comunicação das universidades, induzindo-os à preocupação com o emprego de linguagens, enfim, criar uma cultura de comunicação.

Nesse sentido, as universidades, ao se situarem e perceberem na realidade o consenso que recusa a mudança e/ou reforma, que se bate pela perpetuação dos valores, devem atentar para a urgência da necessidade de formulação de políticas que alterem o patamar de atuação dos seus departamentos de comunicação.

Instituições complexas como as universidades federais, vinculadas a conceitos de transparência e gestão dialógica tem o desafio de compreender outras vertentes e possibilidades que apoiem e fortaleçam o relacionamento com a sociedade.

Mais seguramente, as universidades e/ou suas hierarquias devem estar atentas às teorias e aos estudos que podem subsidiar suas transformações e mudanças, notadamente sobre o pensamento sistêmico, os quais dão embasamento aos ecossistemas comunicacionais.

Estes estudos trazem conceitos importantes para a comunicação em geral e poderão nortear as universidades no processo de novas construções, mudanças e planos que poderão ser implementados na comunicação institucional, podendo esta ser otimizada mediante o suporte tecnológico apresentado na contemporaneidade.

3.2. O pensamento sistêmico e sua correlação com os ecossistemas comunicacionais

No segundo capítulo dissertou-se sobre a necessidade de o profissional de comunicação refletir a maneira como esta atingiu seu mais elevado grau de aprimoramento e que, através da reciprocidade de suas relações e interações, o homem tornou-se um ser social.

Consequentemente, o fenômeno comunicativo se sofisticou e através dele a ciência, as descobertas, as invenções e o avanço científico-tecnológico se propagaram, promovendo avanços socioculturais.

Viu-se também o significado de organização/instituição, o surgimento da comunicação organizacional no Brasil, as características comuns a todas as organizações, e, sobretudo, o reconhecimento da natural complexidade humana que vai influenciar nas organizações e, conseqüentemente, na comunicação tanto humana quanto organizacional.

A comunicação organizacional/institucional deve ser estratégica, integrada, democrática e ser colocada em prática, considerando que a quebra de paradigmas induz à busca de inovações metodológicas que permitam obter segurança para viabilizar o encontro do que pode se denominar contextos diferentes.

A disseminação e aquisição do conhecimento, as relações e realizações humanas, as correlações entre linguagem, atividades e ações humanas, as transmissões de heranças culturais, enfim, o modo como se apresentam os contextos culturais e comunicacionais, remetem à abordagem sistêmica, a qual mostra a importância de questionar os pressupostos da ciência e do próprio cientista, satisfazendo o incomodado ou insatisfeito com o que é feito do mundo, questionando e reformulando o que pode.

De acordo com Juliana Gontijo, mencionada por Vasconcellos (2012), “o pensamento sistêmico oferece uma linguagem comum, permite a transdisciplinaridade e é por isso que pode ser apresentado como um novo paradigma da ciência” (VASCONCELOS, 2012, p. 8).

Empregado na psicologia, o pensamento sistêmico trabalha com uma nova visão das relações humanas, com o contexto que as pessoas, as famílias, as instituições se inserem. O ser humano não é isolado, está em constante movimento e relação com os outros, em uma dinâmica contextualizada que reflete no seu modo de ser e pode influenciar no modo de ser do outro. De acordo com Morin 1999),

as novas ciências, ecologia, ciências da Terra, cosmologia são poli ou transdisciplinares: têm por objeto não um setor, ou uma parcela, mas um sistema complexo formando um todo organizador. A ideia sistêmica começou progressivamente [...] a minar a validade de um conhecimento reducionista. Formulado por Von Bertalanffy durante os anos 50, a teoria geral dos sistemas, partindo do fato que a maior parte dos objetos da física, da astronomia, da biologia, da sociologia, átomos, moléculas, células, organismos, sociedades [...] formavam sistemas, ou seja, conjuntos de partes diversas constituindo um todo organizado [...] um todo é mais que o conjunto das partes que o compõe. (MORIN, 1999, p. 28-29).

É fundamental e indispensável entender que o pensamento sistêmico mostra uma nova visão das relações humanas e da comunicação, norteando para o ultrapassar da visão mecânica da comunicação e instigando a atribuição da importância ao que se denomina ecossistemas comunicacionais.

Ecossistemas comunicacionais é uma expressão que pode gerar estranhamento porque é uma nova conceitualização nos entremeios das pesquisas acadêmicas e das ciências da comunicação. Trata-se de um neologismo intrigante no sentido de que este é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente.

Sugere-se essa expressão ser proveniente do entrelaçar das disciplinas, da transdisciplinaridade ou de resultados das análises satisfatórias das complexidades. Depreende-se que o estudo dos ecossistemas comunicacionais exige deslocamentos transdisciplinares para domínios do conhecimento que não são afins à comunicação. De acordo com Pereira (2012), “a própria terminologia empregada, ‘ecologia’, ‘ecossistema’, termos que se proliferaram enormemente nas últimas décadas e que passaram a ocupar lugar central no senso comum e na ciência” (PEREIRA; MALCHER et al., 2011, p. 52).

Visualizando desse modo, a palavra ecossistema no contexto da comunicação vai adquirir outro sentido, outro significado porque

investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende entender que a comunicação envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que envolve a comunicação é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir (PEREIRA; MALCHER et al., p. 51).

Podem-se encontrar, a partir de investigações, outros termos advindos de terminologias empregadas pela ciência ou senso comum ou filosofia e que agora notadamente fazem parte do glossário de palavras e/ou expressões referentes ao campo de pesquisa dos ecossistemas comunicacionais. São neologismos ou outras palavras que ampliam vocabulários ou seu repertório de significados e abrem espaço para melhor compreensão da dinâmica e das perspectivas dos ecossistemas comunicacionais.

É necessário penetrar nos significados dessas palavras e/ou expressões compreendendo que a sua interatividade e conectividade expressam sentido, melhor compreensão e notabilidade aos estudos referentes aos ecossistemas comunicacionais. Como exemplo, temos a Semiótica, a ecossemiótica,¹⁰ entre outras.

Ecossistemas comunicacionais é um campo de estudos que exige atentar para o Pensamento Sistêmico e as diferenças entre ecologia rasa e ecologia

¹⁰Ecossemiótica – é o estudo das interrelações entre organismos e seu ambiente (Umwelt) a partir da perspectiva semiótica que eliminou a oposição entre o ambiente interno e o externo em favor de uma noção matemática de fronteira: filtro que estimula a tradução entre elementos internos e externos do sistema [...] Machado (2003, p 62)

profunda. O pensamento sistêmico é um novo modo de pensar em termos de relações, de contexto. De acordo com a visão sistêmica,

as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedade do todo, que nenhuma das partes possui [...].o pensamento sistêmico é 'contextual' o que é oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo (CAPRA, 2006, p. 41).

A física quântica mostra que não se pode decompor o mundo em unidades elementares, que existem de maneira independente. De acordo com Capra (2006), “a natureza não nos mostra blocos de construção isolados, em vez disso, aparece como uma complexa teia de relações entre as várias partes de um todo unificado” (CAPRA, 2006, p.41).

A consciência da multidimensionalidade nos conduz à ideia de que toda visão unidimensional, toda visão parcelada, é pobre. É preciso que ela seja ligada a outras dimensões; daí a crença de que se pode identificar a complexidade com a completude.

É necessário lembrar-se dos estragos que os pontos de vista simplificadores têm feito, não apenas no mundo intelectual, mas na vida. Milhões de seres sofrem o resultado dos efeitos do pensamento fragmentado e unidimensional.

Bertalanffy (1967; 1968) define sistema como um “complexo de elementos em interação ou um conjunto de componentes em estado de interação, usando também como sinônimos os termos sistema, totalidade, organização” (VASCONCELLOS, 2013, p. 198).

Bateson, citado por Vasconcellos (2013), básica e seguramente observou a relação do organismo com o ambiente compreendendo a ecologia, as interações e a partir daí construiu seu pensamento, considerando a mente pluridimensional. Ele foi além da analogia com a ecologia, quando considerou também os fenômenos psíquicos nas relações, e como um fenômeno sistêmico, a mente ganha uma amplitude considerável porque ela está nas relações, naquilo que o ser humano possui e utiliza para se comunicar e se expressar através de várias linguagens.

O ser é todo um aparato carregado de racionalidade, emoção, concentração, sentimentos, pensamento, atenção, ou seja, todas as funções interagem dentro do próprio ser e fora do ser, em contato com o outro e com o ambiente.

O organismo em relação com o ambiente remete necessariamente à noção de ecologia. Entretanto, a noção de ecologia de Bateson foi muito ampliada.

[...] rejeitando o dualismo mente-matéria e buscando pensar uma ciência de estrutura monística, Bateson desenvolveu um conceito novo e radical de mente, capaz de superar a cisão cartesiana. Concebeu a mente como um fenômeno sistêmico característico dos seres vivos, uma característica relacional, vital: a unidade de sobrevivência é então a mente. Por isso se diz que para Bateson, a mente não está no cérebro, na caixa craniana ou em qualquer parte do corpo, e sim nas relações (VASCONCELOS, 2013, p. 238).

Capra (1996) exemplifica o sentido em que usa o termo ecológico o qual está associado a uma escola filosófica fundada pelo filósofo norueguês Arne Nesse, que distingue ‘ecologia rasa’ de ‘ecologia profunda’. “A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores e atribui apenas um valor instrumental ou de ‘uso’, à natureza” (CAPRA, 1996, p. 17).

A ecologia profunda vê o mundo não “como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes” (CAPRA, 1996, p. 17). A ecologia profunda reconhece e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

O homem é “um sistema vivo, resultado de uma interação com o ambiente natural. Para interagir com este último, o ser humano utilizou suas características psicobiológicas para trocar informações com este meio, este ambiente” (VELHO, 2009). Quando estudamos os sistemas vivos, diz Capra (2002, p. 84), a partir do ponto de vista da forma, constatamos que o padrão de organização é o de uma rede autogeradora [...] os sistemas vivos são sistemas cognitivos no qual o processo de cognição está intimamente ligado ao padrão da autopoiese¹¹.

¹¹ *Poiesis* é um termo grego que significa produção. Autopoiese quer dizer autoprodução. A palavra surgiu pela primeira vez na literatura internacional em 1974, num artigo publicado por Varela, Maturana e Uribe, para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos. Para Maturana, o termo ‘autopoiese’ traduz o que ele chamou de ‘centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos’. Para exercê-la de modo autônomo, eles precisam recorrer a recursos do meio ambiente. Em outros termos, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes. Disponível em <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/> Acesso em outubro de 2015.

O homem é uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais suas linguagens que constituem os seres humanos como seres de linguagem. E quanto mais complexos são os sistemas em interação, quanto maior o número de elementos participando deste processo, mais sofisticadas são as opções de troca e, também, as relações que se criam entre eles.

Velho (2009) menciona que os organismos se manifestam, então, de acordo com o ambiente em que vivem, acompanhando suas modificações. E este mesmo movimento se dá nos sistemas culturais, com as formas de expressão chamadas de linguagens. Em se tratando de seres humanos, estes manifestam-se de acordo com o ambiente em que vivem, não só acompanhando, mas interagindo e promovendo modificações no ambiente através da expressão cultural e da compreensão da existência de formas diversas de linguagens criadas e/ou percebidas pelo homem.

Isto porque os humanos têm a vantagem de possuir potencial cognitivo e de inteligência e, conseqüentemente, criativo, com enorme capacidade de invenção e de entendimento de uma nova visão das relações humanas e da comunicação, através da qual emprega fenômenos psíquicos nos mais variados sentidos (emocional, relacional, social, entre outros).

Entende-se essa dinâmica como um ou vários sistemas que funcionam como um complexo de elementos em interação, porque a interação mediante comunicação é natural e necessária entre os humanos e ainda potencializa mais a mente humana, tornando-a pluridimensional e passível de compreender por que ecossistemas comunicacionais, na atualidade, é um campo de estudos emergente e um conceito em construção.

3.3. Ecossistemas Comunicacionais – um conceito em construção

Os processos comunicativos não podem ser encarados como algo isolado. É necessário ampliar o foco de visão para o ambiente no qual está inserido o objeto sendo que ambos (ambiente e objeto) correlacionam entre si.

Desta maneira, baseados nos estudos sobre a ecologia da comunicação, Pereira (2011) apresenta a seguinte definição: “Entender que a comunicação não é um fenômeno isolado [...] Significa que o ambiente que a envolve é constituído por

uma rede de interação entre sistemas diferentes, dependem um do outro para co-existir” (PEREIRA, 2011, p. 3, apud CORREIA et al., 2012, p. 171).

No Brasil, o desenvolvimento da perspectiva ecossistêmica para os estudos da comunicação tem encontrado abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM), cuja área de concentração intitula-se Ecossistemas Comunicacionais, tomando-se em conta que “[...] uma área de concentração representa uma forma diferenciada de pensar o objeto de estudos da área de conhecimento” (PEREIRA; MALCHER et al., SEIXAS, 2011, p. 49). Esta especificamente propõe estudos sobre os processos de “organização, transformação e produção de mensagens conformadas na cultura a partir das interações entre sistemas sócio-culturais-tecnológicos, considerando a complexidade sistêmica e informacional dos sistemas comunicativos” (MONTEIRO, ABBUD, PEREIRA, 2011, p. 9).

Sabe-se que o sistema psicobiológico humano teve a capacidade de se adaptar ao ecossistema natural. A partir da ecologia da comunicação essa adaptação é resultado de processos de troca, da comunicação em si, de interação entre os dois sistemas que engendrou o domínio humano não só de certos conceitos e informações para conseguir se manter vivo, mas também do mapeamento dos dados do ambiente e sua consequente adaptação a eles.

Na contemporaneidade, a comunicação se apoia especialmente no reconhecimento da diversidade, conforme Hardt e Negri, (2004) citados por Kunsch (2008, p. 57), da atualidade e expansão das tecnologias que redefinem linguagens e que, em decorrência, engendram novas práticas culturais e igualmente qualificam reforço ou atualização de conteúdos, formas e direção do poder.

A redefinição de linguagens, expansão de tecnologias e novas práticas e expressões culturais, juntando-se à atenção para as várias ciências, que funcionam como coprodutoras dos avanços científicos, tecnológicos e sociais, e que caminham paralelamente à evolução da comunicação, prendem mais a atenção, objetivando transpor desafios, no intuito de aprofundar conhecimentos, no que diz respeito aos Ecossistemas Comunicacionais.

Consoante definição contida na obra Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação, organizada pelos professores doutores Gilson Vieira

Monteiro, Maria Emília Abbud e Mirna Feitoza Pereira, ecossistemas comunicacionais é um “*campo de estudos emergente no qual os processos comunicativos são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os sistemas que dão vida às práticas comunicativas nas diferentes instâncias enunciativas da cultura*” (MONTEIRO, ABBUD, PEREIRA, 2011, p. 9).

Em *Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica*, diz Pereira (2011):

a comunicação numa perspectiva ecossistêmica deve ser entendida não a partir do isolamento e da atomização de seus elementos, mas das relações que interferem e possibilitam a construção, a circulação e a significação das mensagens na vida social [...] as relações envolvidas na comunicação instituem ambientes conformados por sistemas diferentes e interdependentes entre si, instituindo ecossistemas comunicacionais nos espaços da cultura (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p.13).

Para aprofundar os estudos e o entendimento maior da construção da visão ecossistêmica na comunicação é necessário examinar os fundamentos que inspiraram o desenvolvimento desta visão. Isto porque o fenômeno da comunicação é mais complexo do que se pode imaginar e é fundamental na vida humana. Várias teorias são desenvolvidas em busca de explicação e compreensão para sua relevância, magnitude e amplitude chegando ao ponto de desvelar uma crise paradigmática.

Na obra *Comunicação Mediatizada na e da Amazônia*, volume 2, Mirna Feitoza Pereira (p. 49 a 63) apresenta a história de um conceito em construção, em seu artigo denominado *Ecossistemas comunicacionais: uma proposição conceitual*. A referida autora utilizou as revisões conceituais feitas pelo físico Capra (2006) e pelo geógrafo Ab’Saber (2006).

De acordo com Capra (2006), citado por Pereira (MALCHER, 2011, p. 56), a nova ciência da ecologia enriqueceu a emergente maneira sistêmica de pensar ao introduzir duas novas concepções: comunidade e rede, [...] a palavra de ordem, portanto, são as redes constituídas pelas comunidades de organismos, estes últimos que preferimos denominar ‘sistemas’. Nesse sentido necessita-se perceber o conceito de ecossistema cuja gênese vem da ciência da ecologia para entender a analogia que a ciência da comunicação faz e traz para a comunicação.

Ab’Saber (2006, p.18) menciona que a definição de ecossistemas, do botânico e ecólogo britânico Arthur Transley, é das mais simples:

É o sistema ecológico de um lugar. Na palavra 'eco', segundo o geógrafo, está contido todo o complexo da vida que se desenvolve no planeta por excelência, enquanto 'sistema' se refere a vínculos e dominâncias que existem entre fatos abióticos, como rochas e minerais dos solos, e fatos bióticos desenvolvidos nos espaços da natureza, tais como a vida aeróbica, a vida anaeróbica, a flora, a fauna e os microorganismos (PEREIRA; MALCHER et al., 2011, p. 53).

Um ecossistema, conforme estudo das ciências naturais, ecológicas e biológicas, não se determina por seu tamanho, mas pela sua estrutura e seus padrões de organização. Pilar (2002) diz que os limites de um ecossistema “são mais comumente difusos, portanto arbitrariamente definidos como uma área de floresta ou campo” (PILLAR, 2002, p. 1). O conjunto que forma um ecossistema são: a *população*, a *comunidade*, *estrutura* e *função*, pois nesse habitat ou lugar há trocas entre seus atores e com o próprio ambiente físico.

A analogia que a ciência da comunicação faz e traz para a comunicação se configura pela interdependência, dominância, relação de troca e vínculos dos organismos entre si e o ambiente. Essa visão ecossistêmica provém da ciência da ecologia e através dela pode-se compreender a complexidade envolvida nas relações entre sistemas e conseqüentemente nas relações e na comunicação humana.

Essas relações dão vida às práticas comunicativas e colaboram para a evolução das várias ciências que se fazem presentes nos entremeios dessas práticas favorecendo os avanços científicos, sociais e tecnológicos.

O indivíduo está contido no ecossistema comunicacional e pode exercer uma ou várias *funções*. Ele é um autor, um participante, usuário, seguidor que acompanha as atualizações ou expõe comentários. Isto porque a comunicação é dinâmica e interdisciplinar, recebe entradas e produz saídas. É livre o fluxo comunicativo. As *comunidades* se constituem de um grupo de indivíduos, pertinentes a uma *população*, que interagem conforme seus interesses, sendo estes de quaisquer naturezas.

E assim se forma a *estrutura* e padrões de organização dos ecossistemas comunicacionais, desde os existentes em comunidades rurais até os existentes nos grandes centros citadinos, desde os mais providos de capital econômico e ferramentas de alta tecnologia até aqueles desprovidos de tecnologia comunicativa, nem um e nem outro deixando de ser complexo e todos se caracterizam por redes

constituídas por comunidades interligadas pelos laços da cultura, da economia, da linguagem, enfim, da comunicação, sejam elas somente redes sociais ou redes sociais virtuais. Assim explica Wellman (2002, p. 2):

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais (RECUERO, 2011).

Bem compreendida a relação de troca, interdependência, vínculos e, a partir de estudos inter e transdisciplinares, essa definição de ecossistema foi assimilada pelo campo da comunicação e se trata de uma analogia que faz sentido.

Falando em vínculo convém lembrar como lasbeck (2009) se refere a esse vocábulo. Segundo o autor “estar vinculado significa estar atado, no tempo e no espaço, ao outro, ainda que esse ‘outro’ seja uma organização” (IASBECK 2009, p. 23). Os vínculos e a interdependência são as características principais do conceito de ecossistema. Esse conceito é aplicado a todo processo de comunicação, destacando-se as mídias digitais, seus sistemas, suas características, *comunidades, funções, populações e estruturas*, observando-se as formas como estas estão interligadas, configurando-se como comunidade e rede, ou seja, como a emergente maneira sistêmica de pensar.

O importante para a comunicação em geral e para a comunicação institucional é atentar para a visão ecossistêmica e às teorias, aos recentes estudos, às mudanças que podem ser feitas a partir desses estudos que emanam da cultura e das necessidades humanas de interação e comunicação levando em conta as interações entre sistemas sociais, culturais e tecnológicos.

As universidades, conforme Tubino (1997, p. 16), embora sejam consideradas como “templos” do saber, também têm na sua abrangência acadêmica a missão de transformar o saber, o que necessariamente passa a lhes exigir uma ação investigadora e inovadora no cultivar e na construção do conhecimento porque é responsabilidade dela enquanto instituição formadora e espaço democrático de construção de valores e transformação da sociedade.

As organizações ou instituições que não aderirem às novas tecnologias tendem apenas a involuir, pois conforme Martinuzzo (2013) “o fato novo é que o amadorismo, tolerado até poucos anos atrás, é coisa do passado – de organizações já extintas ou em vias de extinção”. (MARTINUZZO, 2013, p. 16). Se a universidade

não estiver atenta a essa missão de transformar o saber e inclusive disseminá-lo, compartilhá-lo com a sociedade através da comunicação institucional, corre o risco de se tornar isolada da sociedade.

A partir da aquisição e transformação do saber certamente amplia-se a consciência da universidade como um todo e de seus profissionais que atuam em comunicação institucional, tornando-os mais aptos para elaborar e implantar políticas de comunicação definindo objetivos de comunicação da instituição para interagir com o público, tanto interno quanto externo, sabendo como, por que e para que utiliza as diversas mídias existentes.

Assim os interesses das universidades se tornam claros e consistentes. Seus compromissos com o fortalecimento da democracia, com as transformações sociais serão mais visíveis e as universidades serão norteadas pelas necessidades e valores humanos.

Desse modo, as universidades podem situar-se, posicionar-se, e conscientemente não irão aderir às mídias por modismos, mas pelo interesse de dinamizar a comunicação institucional, sentindo-se pertinentes às redes constituídas pelas comunidades, integrando-se às diversas mídias disponíveis não só por obrigatoriedade de presença, mas por estar integrada nelas e poder oferecer oportunidade de diálogo e participação, fortalecendo seu prestígio e visibilidade de forma justa, cumprindo seu compromisso com a sociedade.

4. SEMIÓTICA - DESVELANDO ENIGMAS DA COMUNICAÇÃO

O fenômeno da comunicação é mais complexo do que se pode imaginar e é fundamental na vida humana. Analisar a comunicação sob o espectro semiótico pressupõe a consideração da importância do papel de todos os sujeitos envolvidos no processo comunicativo, já que todos têm, a seu modo, papel determinante na formação da informação. Por isso, este capítulo leva ao entendimento do que seja a comunicação permeada pela compreensão semiótica, que juntamente à visão ecossistêmica da comunicação ensejam e despertam a necessária quebra de paradigmas no sentido de a comunicação institucional ser integrada e democrática através das redes sociais digitais.

A semiótica estuda a semiose, ou ação do signo, na sua maior abstração possível. Ela se interessa por compreender uma gama vasta de fenômenos, como os mecanismos que regulam ações como reações imediatas a estímulos, percepção, representação, tomadas de decisão, entre outros.

Desse modo, mediante aporte teórico e tecnológico que impulsionam essa quebra de paradigmas, é visível que se torna necessário as Assessorias de Comunicação das universidades, sobretudo da UFAM, localizada em plena Amazônia, planejar estrategicamente o aperfeiçoamento da sua inserção nas redes sociais digitais, possibilitando, assim, a aproximação da universidade com a sociedade sem a perda dos valores adquiridos ao longo do tempo.

4.1. Conceito de semiose - um guia para percorrer o caminho da investigação em comunicação

As ponderações diversas feitas até agora convidam a aprofundar os estudos sobre a comunicação, passando pela percepção não só objetiva e clara do que se vê ou daquilo que foi construído e constituído pelas sociedades e culturas humanas, mas também a forma ou a maneira do como se vê, interpreta, percebe, troca, socializa, inventa, cria, constrói, informa, comunica, sendo tudo isso mediado pela complexidade humana e pela própria comunicação.

Desse modo, ao entrar profundamente no interesse de desvelar o que se pode considerar como desafios ou enigmas da comunicação, convém atentar seriamente ao que se denomina diagrama ontológico na medida em que este

funciona como interface entre a espécie cognoscente e o fluxo de informação que a une ao mundo. O diagrama ontológico, de acordo com Machado e Romanini (2010) é a condição de possibilidade da comunicação porque articula a rede de relações que emerge da percepção estética (espaço-temporal), eliminando, dessa forma, as dicotomias, interno-externo, emissor-receptor, sujeito-objeto, em prol de uma visão sistêmica baseada na continuidade dos processos de informação e significação.

A partir de estudos e pesquisas diversas encontrou-se no “conceito de semiose um guia para percorrer o caminho da investigação em comunicação, uma vez que este diz respeito a uma ação inteligente, que envolve processos de interpretação, conhecimento e pensamento” (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p. 14). Torna-se interessante, a partir desse conceito, atentar ao discurso de Machado e Romanini (2010):

O ponto de vista da ontologia dos fenômenos comunicativos exige um corajoso esforço inter e transdisciplinar para buscar na física, na biologia e na teoria dos sistemas os conceitos necessários para compreendermos o novo enraizamento das teorias da comunicação. Enraizamento que, na verdade, já levou à constituição de um campo de conhecimento: a semiótica. A semiótica estuda a semiose, ou ação do signo, na sua maior abstração possível. Ela se interessa por compreender uma gama vasta de fenômenos, como os mecanismos que regulam ações como reações imediatas a estímulos, percepção, [...] representação, tomadas de decisão, formação de conceitos, compartilhamento de ideias, produção de argumentos, retórica, persuasão etc. (MACHADO; ROMANINI, 2010, p. 4).

A comunicação humana deve ser vista para além da linguagem verbal. A linguagem tem relação com o pensamento, com as funções cognitivas, com as emoções, que se manifestam e se expressam conforme o meio cultural que a pessoa vive.

Na realidade, a partir das colocações feitas acima, deverá o estudioso ter muita atenção para que, de certa forma, não misture definições. Isso porque o termo “linguagem”, acima empregado em uma acepção ampla, não pode ser confundido com uma das formas de sua exteriorização, a saber, a “linguagem verbal”, distorção essa que pode acarretar um entendimento restrito do que seja propriamente o objeto de estudo da Semiótica. Discorrendo sobre essa diferença, Lúcia Santaella (2012, p. 13), aduz que o século XX “viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências de linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem”.

Como se pôde visualizar, o objeto da Semiótica perfaz um estudo mais abrangente e amplo em relação ao da ciência Linguística, cujo alcance traduz somente uma das facetas daquele conceito. A Semiótica é a ciência que estuda os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais. De acordo com Santaella (2012),

o uso da língua que falamos não é a única e exclusiva forma de linguagem que produzimos... o nosso estar no mundo é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagens, isto é, nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interação de forças, movimentos, que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores, enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números luzes, objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar do sentir e do apalpar; somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é seres de linguagem (SANTAELLA, 2012, p. 2).

A amplitude da linguagem é a própria essência da comunicação. Assim sendo, os estudos sobre Semiótica tornam-se necessários, pois a comunicação humana interage através de múltiplas linguagens, pois através delas há um conjunto de signos que se relacionam entre si, de maneira organizada, formando um sistema que serve como meio de interação entre os indivíduos. Conforme Fidalgo (p. 16, 1999) o modelo semiótico de comunicação é aquele em que a ênfase é colocada na criação dos significados e na formação das mensagens a transmitir. Para que haja comunicação é preciso criar uma mensagem a partir de signos, mensagem que induzirá o interlocutor a elaborar outra mensagem e assim sucessivamente.

É importantíssimo compreender que a Semiótica, no decorrer do tempo, passou por diversas etapas e evoluções. Os pensadores desde os tempos mais antigos já se preocupavam em entender o funcionamento do signo como um meio de mediação, ao mesmo tempo que servia como um instrumento de cognição, o que resultaria em produção de sentido.

É importante salientar que a Semiótica teve três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, segundo Santaella (2012), mas distintas no espaço: uma nos Estados Unidos; outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental, valendo observar que são três locais de culturas bem diferentes.

Nos Estados Unidos, o filósofo Charles Sanders Peirce iniciou a doutrina geral dos signos, ao formular a teoria geral dos signos, por intermédio da qual considerava a lógica como um ramo da Semiótica.

Na Europa Ocidental, F. de Saussure, já ministrava o curso de Lingüística Geral, na Universidade de Genebra, no final da primeira década do século XX. Seu trabalho teve grande repercussão por toda a Europa e, posteriormente, por todo o mundo. Saussure, com bases precisas, define a língua como sendo uma estrutura direcionada por leis e regras específicas e autônomas. Para ele, a língua e a fala, inseparáveis, deveriam ter uma ciência de estudo abrangente e vasta, denominando o estudo de todos os sistemas de signos na vida social como Semiologia.

Na União Soviética, A. N. Viesselovski e A. A. Potiebniá foram os filósofos que enraizaram as descobertas do estruturalismo lingüístico no século XX, com o lingüístico N. I. Marr, que, devido a desentendimentos com Stálin, não prosseguiu seus estudos. Porém, seu trabalho e seus estudos foram resgatados por L. S. Vygotski, psicólogo, e S. M. Eissenstein, cineasta.

4.1.1. A Semiótica Peirceana

Para Charles Sanders Peirce “a noção de semiose é fundamental não apenas para a lógica, mas para a ciência, a linguagem, a arte, mecânica, lei, governo, política, religião, etc” (DRIGO, 2007, p. 9).

Em seus estudos acerca da Semiótica, Charles Sanders Peirce elaborou um conceito triádico de Semiótica. Ele demonstrou que os termos lógicos podem ser mônadas, díades, ou tríades. Drigo (2007) salienta inicialmente que os termos lógicos mônadas são mera potencialidade, sem existência propriamente dita, sendo que os díades consistiriam de dois objetos trazidos para a unidade, tendo seus próprios modos de ser. Nesse sentido

admitindo-se as relações que as coisas do mundo estabelecem entre si classificam-se em monádicas, diádicas e triádicas e que as mônadas estão livres de díades e tríades; díades estão livres de tríades, mas envolvem necessariamente mônadas, e tríades envolvem o que é próprio das mônadas e das díades, Peirce reduziu a variedade de fenômenos a apenas três elementos. Desta ideia ele concebeu as categorias fenomenológicas (DRIGO, 2007, p. 59).

Complementa ainda Peirce seu pensamento, conforme Drigo (2007, p. 59), quando menciona a existência de três modos pelos quais se constitui a nossa experiência, a saber: por meio da qualidade (relação monádica), da alteridade (relação diádica) e da mediação (relação triádica) e tais modos de aparecer constituem as categorias denominadas: primeiridade, secundidade e terceiridade. Correia (2011) cita Sheriff (1994, p. 18) em “*Sistemas conceituais e processos cognitivos: as relações entre a linguagem e o pensamento no desenvolvimento da comunicação verbal infantil*”, o qual diz: “a primeiridade, secundidade e terceiridade são categorias que demonstram um processo evolutivo que está subjacente a todas as leis, sejam elas naturais, físicas ou mentais” (CORREIA; MONTEIRO et al., 2011, p. 18).

Afirma Pereira (2011) em “*Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica*”, que semiose é o conceito mais elementar da visão ecossistêmica da comunicação, porque permite falar em relação, interdependência, continuidade entre os sistemas. Segundo a autora, esse conceito coincide com a definição geral de signo, e a concepção de signo para Peirce é ampla, contudo a mais geral é a que corresponde à noção do signo triádico.

De acordo com a definição de Peirce, o conceito de semiose é caracterizado como uma atividade eminentemente evolutiva. Sua definição de signo conduz ao centro das discussões desenvolvidas em anos de trabalho, os argumentos da fundação de seu pragmatismo, o postulado das relações lógicas existentes que se interrelacionam na entidade signo: os três elementos sígnicos: o *representamen*, o *objeto* e o *interpretante*.

Um signo ou Representamen é um Primeiro que está em uma tal relação genuína com um segundo, chamado seu Objeto, de modo que seja capaz de determinar um Terceiro, chamado seu Interpretante, para assumir a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está com o mesmo objeto (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, pp. 15,16).

O signo teria um caráter vicário, servindo como procurador do respectivo objeto que representa. Vicário vem do latim “*vicarius*” e significa “o que faz as vezes de outro” ou “o que substitui outra coisa ou pessoa”. Em outros termos, esse caráter vicário estaria relacionado igualmente à função mediadora que o signo representa, fazendo uma conexão do objeto propriamente dito com o respectivo interpretante.

Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. [...] O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do *representâmen* (PEIRCE apud PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, pp. 16, 17).

Santaella (1992) analisa as questões lógicas implícitas nesse conceito peirceano, aprofunda as considerações de Peirce, e define o conceito de engendramento lógico, como a função primordial do complexo de relações que existe entre os três elementos da tricotomia sîgnica.

A semiose é usualmente definida como um processo de atividade, característico da capacidade inata humana de produção e entendimento de signos das mais diversas naturezas. Danesi (1993) em seu “Messages and Meanings” observa o fato dos signos dependerem de simples sistemas fisiológicos, sistemas que revelam a alta complexidade de estruturação simbólica em jogo no processo de interrelação dos sistemas fisiológicos com a capacidade humana de abstração.

Vale ressaltar, que através da aquisição gradual de um sistema simbólico, o homem descobre uma maneira de adaptação ao meio, transformando toda a vida humana. Esta capacidade de abstração, responsável pela formalização de todo um universo simbólico, representa uma capacidade exclusiva do homem, diferente em espécie de qualquer outro organismo.

4.1.2. A Escola de Tártu-Moscou e a Semiótica da Cultura

É interessante adentrar no amplo significado de Semiótica da Cultura para que se possa dar conta da relação complexa do que e como as tecnologias da informação, juntamente com as expressões culturais, manifestam-se na contemporaneidade. Falar da semiótica da cultura é também falar em semiótica russa e em Escola Tártu-Moscou.

A Escola de Tártu-Moscou (ETM) surgiu na década de 1960, na Estônia, país localizado na Europa, mas, à época, pertencia à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ali, reuniam-se intelectuais interessados em estudar o papel da linguagem em variadas manifestações culturais. A ETM foi fundada e

liderada por Iúri Lótman, mas contou com a participação de muitos autores importantes.

Vale especificar que os anos 60 do século XX foram marcados por um desenvolvimento intenso (às vezes também chamado de “superação”) do estruturalismo que, de acordo com Vólkova Américo (2012), de área estritamente linguística, passou para as ciências humanas em geral.

Lótman desenvolvia o estruturalismo na área dos estudos literários e seu método de estudo das questões literárias e culturais representa uma miscigenação de várias disciplinas como a semiótica, a História, a cultura, a literatura, entre outras.

As experiências de Iúri Lótman, obtidas tanto antes da Segunda Guerra Mundial quanto após esta, ou seja, nos momentos em que era participante e/ou líder da Escola de Tártu-Moscou, valeram-lhe muito como base para o desenvolvimento de seus estudos, experimentações e formulações conceituais e teóricas. Conforme Américo (2012), em outubro de 1940,

Lótman foi recrutado para servir no exército soviético [...] a experiência militar tornou-se enriquecedora em certo sentido. Para ele, as particularidades da “linguagem militar” e os exemplos dessa área serviam para explicar os processos culturais semióticos [...] em 1958, Lótman escreveu o artigo “Radischev e Mably”. A partir de então começou o seu interesse pelas ligações culturais entre a Rússia e os países da Europa Ocidental (VÓLKOVA AMÉRICO, 2012, pp. 38, 44).

As experiências de Lótman pelas ligações culturais entre a Rússia e os países da Europa Ocidental, somadas àquelas que teve na ETM, foram bastante enriquecedoras para o desenvolvimento de seu trabalho. A ETM possuía dois centros científicos, um em Moscou e outro em Tártu. Boris Uspiénski, também um dos criadores e participantes da escola, separava duas tendências dentro dela: a Linguística, voltada para os problemas da língua (representada por Moscou) e a de estudos literários, orientada para o texto (em Tártu). Estes centros com tradições culturais claramente diferentes representam a bipolaridade característica da cultura russa.

Por outro lado, além do percurso natural do estruturalismo, os interesses pelos estudos semióticos nos anos 60 e 70 podem ser explicados pelo desejo de encontrar refúgio do controle onipresente do poder oficial nos assuntos muito distantes da política. Kallinin, (2009) citado por Vólkova Américo, relata que a semiótica soviética

[...] não apenas resolvia as suas tarefas disciplinares, mas também era um meio de resistência intelectual, aos mitos históricos oficiais [...] usava determinadas épocas não apenas como objetos de análise histórica, mas também como meio de reflexão sobre o seu contexto histórico (VÓLKOVA AMÉRICO, 2012, p. 127).

Desse modo, os estudos semióticos iam além dos objetivos puramente científicos, que se tornaram características marcantes na ETM influenciando os estudos de seus participantes.

É importante atentar para o referencial teórico desenvolvido pelos intelectuais russos porque estes contribuíram para entender como se iniciaram ou se construíram os pensamentos e as reflexões acerca da Semiótica da Cultura (SC) e, conseqüentemente, a contribuição dada por esta para o estudo da comunicação.

É importante também entender que o objeto primordial da investigação semiótica na Rússia, como menciona Irene Machado (2003, p. 24), “não se restringiu ao exercício teórico, mas se propagou pelo vasto campo da experimentação de ideias artísticas e científicas”. Machado (2003) refere-se ao intrincado relacionamento entre natureza e cultura em suas implicações no processo da semiose nas mais variadas esferas comunicacionais e assim discorre:

[...] Por conseguinte no campo dos estudos russos, toda e qualquer investigação orientada pela compreensão da linguagem, é por natureza semiótica. [...]. Por ser o maior manancial de linguagens, [...] o conjunto das investigações empreendidas pelos russos, no campo das artes e das ciências, para entender a linguagem como problema semiótico – pense-se, por exemplo, na intensa experimentação dos artistas construtivistas, dos linguistas, dos cineastas que não mediram esforços para provar que cinema é linguagem - firmou uma matriz de pensamento fundador de um campo de investigação radicalmente promissor: a semiótica da cultura (MACHADO, 2003, pp. 24, 25).

Os semioticistas percorreram o caminho da compreensão de toda e qualquer linguagem, das formas de expressão, que vão além da esfera social, mas que estão na cultura e presentes em todos os aspectos da vida, procurando entender inclusive como os fenômenos da linguagem se manifestam e produzem significado no cotidiano. Surgiram reflexões como: se as linguagens são sistemas de signos, que regras regem a vida delas, quais suas ações na cultura, como se conformam e se constroem.

Vieram à tona alguns problemas que para serem resolvidos precisavam ser analisados inúmeros fenômenos culturais, pois observava-se que a linguagem está muito além do processo de interação social e se manifesta em uma dimensão mais ampla, que atinge o *bio*, o *cosmos*, o *semion*, não podendo fechar a cultura no *socius*.

Os primeiros estudos produzidos em Tártu-Moscú encontram-se fortemente marcados pelos princípios do pensamento sistêmico, pela complexidade e por investigações que deveriam ser permeadas pela prática interdisciplinar. Nesse sentido, os russos compreenderam que diante de uma diversidade de fenômenos culturais, dever-se-iam não só serem considerados os aspectos do *socius*, mas também todos os fenômenos que incidem sobre a consciência coletiva.

São estudos que deixaram um legado enorme para a posteridade porque se tratava de discussões, que se dobravam sobre aspectos sociais, filosóficos, tecnológicos que, conforme Velho (2009, p. 250), “de alguma forma, têm influência sobre a produção sócio-cultural de determinada cultura e dão conta dos processos de significação e de comunicação de um grupo social”; isto é, tenta entender como são os registros, as representações da cultura nos diferentes suportes que ela dispõe e em diferentes momentos histórico-sociais.

4.1.3. A importância do legado de Lomonossóv para a linguagem, a cultura e a comunicação

Ao mesmo tempo em que se deparavam com o empenho de Roman Jakobson no estudo da língua como fenômeno da comunicação baseado na tradição linguística russa, os pesquisadores da ETM seguiam o legado de Lomonossóv, um dos mais brilhantes precursores de seus estudos, que dizia ser a linguagem o elo que une domínios diferentes da vida no planeta. No cruzamento dessas situações e mediante suas observações e estudos que se permeavam por um caráter interdisciplinar os pesquisadores se encaminharam para o entendimento da cultura como linguagem.

Chama atenção o legado de Lomonossóv e os estudos da ETM, pois ali fundamentalmente se questionava o caráter singular da linguagem na cultura, em

favor de uma compreensão de seus extratos não linguísticos, mas semióticos. Machado (2003) exemplifica:

Não se trata de considerar linguagem do ponto de vista linguístico e, conseqüentemente, da codificação gráfico-sonora do alfabeto verbal. Trata-se de sistematizar a presença de outros códigos culturais (visuais, sonoros, gestuais, cinésicos) criadores de sistemas semióticos específicos[...] o desafio era saber qual seria a dinâmica que garantia a conexão entre os sistemas [...] apesar de os semióticos terem à disposição instrumentos teóricos das mais variadas ciências [...]esses se mostravam insatisfatórios para a compreensão das propriedades semióticas de sistemas específicos – por exemplo, mito, religião, artes (MACHADO, 2003, pp. 35-36).

Isto quer dizer que mediante a visão sistêmica e de uma realidade complexa, mesmo diante das teorias e conteúdos que estavam ao alcance dos semióticos, estes se propuseram levar seus estudos muito além, baseando-se na reflexão, desafios e questionamentos que lhe trouxessem respostas consistentes de como se efetivava a conexão entre os sistemas.

Mediante esses questionamentos e no afã de compreender as propriedades semióticas de sistemas específicos – mito, religião e artes – a semiótica mostra-se também como conhecimento aplicado para o estudo da linguagem, pela necessidade de melhor entendimento e explicações das questões evidentes e que surgiam durante os estudos que se estendiam e se complementavam em relação à própria linguagem e dos sistemas de signos. Consideram-se também como linguagem os códigos culturais como os visuais, sonoros, gestuais, entre outros.

Conforme Machado (2003), Lúri Lótman buscou fontes diversas de inspiração. Inspirou-se na Biologia, na Teoria da Informação, na Cibernética, na Matemática, na Linguística, na Semiótica, na semiose de Peirce em busca da compreensão da cultura como um organismo vivo e as relações entre a cultura e a natureza. Evidenciava-se como se organizaram instrumentos teóricos potenciais de uma Ecologia Cognitiva. A Ecologia Cognitiva, de acordo com Machado (2003),

diz respeito à necessidade de considerar a vida e os organismos vivos como sistemas integrados. [...] a cultura revela amplas possibilidades cognitivas se sua constituição sistêmica for entendida como forma de conhecimento das interações signicas nos vários níveis e esfera de sua manifestação (MACHADO, 2003, p. 58).

Small (1894, p. 370) descobriu ‘[...] a imensa importância dos aparatos sociais da comunicação, cujos serviços na sociedade atuam de forma análoga às

formas do sistema nervoso no corpo animal’. Ele tomou de Schaffle o entendimento de que a comunicação pode ser vista como ‘o sistema nervoso da sociedade’ (SMALL, 1894, p. 215), pois

constitui uma rede que permite o contato psíquico entre suas várias partes. Os circuitos de comunicação funcionam de maneira análoga às fibras nervosas que regem os centros de controle e coordenação do organismo nos animais, mas de maneira psíquica. [...] As comunicações são do ponto de vista do conteúdo, psíquicas, e físicas, do ponto de vista dos meios pelos quais os impulsos psíquicos são transmitidos. O conteúdo é espiritual, a forma é material. As pessoas são células de um organismo, em que os meios servem para preservar a memória e superar as distâncias, sem alterar o princípio da transmissão de impulsos psíquicos que nascem com a palavra trocada de indivíduo para indivíduo (RUDIGER; CORREIA et al., 2012, p. 87).

Em 1984, Lotman propôs o conceito de semiosfera formulado por analogia ao termo biosfera do cientista russo Vladimir Ivanovicch Vernadsky. Biosfera significa o conjunto de todos os ecossistemas do planeta Terra e é um conceito primeiramente introduzido em 1875 pelo geólogo austríaco Eduard Suess. Vernadsky aprofundou-o e sugeriu o termo “noosfera”: a esfera do pensamento humano (*nous* em grego significa “mente”). Vernadsky, citado por Vólkova Américo (2012) escreveu: “Na biosfera há uma grande força geológica e, talvez cósmica, cuja influência planetar normalmente não é considerada nos conceitos científicos [...] essa força é a mente humana, a vontade direcionada e organizada do homem como um ser social” (VOLKOVA, 2012, p. 83). Por analogia ao conceito de biosfera (concepção de Vernadsky), Lotman assegura: “[...] se a semiosfera é espaço necessário para a existência e funcionamento das linguagens, da comunicação e da geração de novos sentidos, os ecossistemas comunicativos funcionam imersos na semiosfera” (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p. 32).

Quando Lótman propôs esse conceito encaminhou seu pensamento para compreender o que ele denominou “*continuum semiótico*”. Lotman citado por Pereira (2011) argumentou

que os sistemas de signos da cultura não existem por si sós, de modo isolado, preciso, nem funcionam de maneira unívoca. Segundo ele, a separação dos sistemas só seria válida se estivesse condicionada a uma necessidade heurística, uma vez que, de modo separado, nenhum sistema é capaz de trabalhar. Por isso, para ele, os sistemas de signos “só funcionam estando submergidos e nun continuun semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallanen

diversos niveles de organización" [...] (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p. 27).

É óbvio que os vocábulos semiosfera e ecossemiótica que constam no enunciado acima não sugerem aplicação da ecologia, em se tratando de Ciências Naturais, na Semiótica. Conforme Pereira (2011), trata-se de

um campo de estudos ecológicos, cujo objeto é a semiose, que se desenvolvem no ecossistema, [...] não se trata, de modo algum, de uma visão ecológica voltada aos impactos ambientais ou ao desenvolvimento sustentado. Por esta razão, a ecossemiótica está muito longe de ser uma aplicação da ecologia, como entendida nas ciências naturais (no sentido de seus métodos e fatores ambientais), na semiótica (KULL, 1998, p.362). É antes uma aplicação desta sobre aquela, na tentativa de desenvolver um ponto de vista apto a alcançar os processos semióticos que colocam cultura e natureza em plena conexão (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p. 26).

Muitos termos utilizados nos estudos da semiótica são neologismos inspirados e provenientes do cruzamento de termos encontrados na Biologia, na Linguística, entre outros, baseados em proposições e pressupostos da ETM que se tornaram muitos deles importantes campos de investigação empregados na Semiótica Aplicada e aqui mencionados como Sociossemiótica, Semiótica Discursiva, Biossemiótica, Ecossemiótica, Semiótica das Mídias, Semiótica Cultural e Cibernética.

Essas são novas disciplinas semióticas que surgem nas fronteiras da semiótica da cultura e abrem caminhos da Semiótica como disciplina própria. Diz Lotman, citado por Pereira (2011)

A semiosfera tem uma existência, a priori e está em interação constante de linguagens. Neste respeito, a linguagem é uma função, um agrupamento de espaços semióticos cujas fronteiras, por mais claramente definidas, estão em autodescrição gramatical de linguagem, estão, na verdade, corroídas pela semiose e cheias de formas em trânsito. 'Fora da semiosfera não pode existir nem comunicação nem linguagem', com livre tradução da autora. (PEREIRA et al., 2011, p. 31).

A tendência para a prática interdisciplinar e o compromisso com a investigação nas mais variadas esferas da vida cultural definem a semiótica russa como Semiótica da Cultura que se tornou disciplina teórica para os estudos sobre a diversidade dos fenômenos culturais e fez escola no sentido mais amplo do termo. Posner (1997) caracteriza qualquer cultura em três níveis:

1. Como uma sociedade, isto é, um conjunto de indivíduos cujas relações mútuas são organizadas em instituições sociais específicas, tais como a paróquia, a clínica, o teatro, a universidade, etc (cultura social).

2. Como uma civilização, isto é, um conjunto de artefatos produzidos e utilizados pelos membros desta sociedade (cultura material). Com relação ao caráter semiótico da cultura material, Posner afirma que os artefatos de uma cultura são signos para seus membros: cada artefato desempenha um certo papel na cultura e a significa através de sua aparência exterior.

3. Como uma mentalidade (um sistema de valores e ideias, morais e costumes), isto é, um conjunto de mentefactos que controla estas instituições sociais e determina as funções e significados destes artefatos (cultura mental). Com relação ao caráter semiótico a cultura mental de uma dada sociedade não é nada além de um conjunto de códigos aplicados por aquela sociedade.

A semiótica, ao emancipar-se como ciência, enfoca a cultura, conforme Vólkova Américo (2012),

cultura é compreendida aqui como um sistema que se encontra entre o homem (como uma unidade social) e a realidade que o circunda, ou seja, como um mecanismo de reelaboração e de organização da informação que vem do mundo externo. Sendo assim, algumas informações revelam-se como essencialmente importantes e outras são ignoradas nos limites dessa cultura (VÓLKOVA AMÉRICO, 2012, p. 67).

A cultura possui um mecanismo de apropriação cultural da realidade e ao comportar o homem envolvido nela, acumula linguagens ou sistemas semióticos. Em função disso ela se vale da capacidade e do exercício de reelaborar, selecionar e internalizar informações consideradas importantes, que vêm do mundo externo, mediante seus próprios valores e interesses. Entende-se a partir destas ponderações o caráter singular da linguagem na cultura, em favor de uma compreensão de seus extratos não linguísticos, mas semióticos, como deu a entender Lomonossóv quando dizia ser a linguagem o elo que une domínios diferentes da vida no planeta.

4.2. Compreendendo o funcionamento semiótico-sistêmico das mídias

No quadro da teoria de Charles W. Morris (1901-1979), a comunicação pertence aos processos sígnicos, que segundo Peirce, Morris chama de semiose.

“Semiose na definição de Morris é o processo pelo qual algo funciona como signo” Santaella (2004, p. 171).

Pierre Levy (2014), enfatiza que na Terra, o signo participa do ser, e o ser do signo e cada acontecimento se constitui mensagem, e toda pessoa, mensageiro. A menor percepção torna-se índice, imagem ou símbolo. “Animais e pessoas, astros e climas, formas e detalhes nos fazem sinal, remetem a relatos, discursos, rituais. ‘o perfume, as cores, os sons se respondem’, segundo as linhagens de afeto, segundo o jogo das contiguidades, das analogias” (PIERRE LÉVY, 2014, p.143).

Para melhor interpretação da importância dos estudos da semiótica convém atentar que o mesmo autor assinala que os signos estão em todos os lugares: “os seres, os signos e as coisas conectam-se em rizomas, trocam de lugar, tecem a tela contínua do sentido [...] a fala é destacada do sopro vivo e fixada em um suporte inerte, é sedenterizada pela escrita” (PIERRE LÉVY, 2014, p. 144).

Isto quer dizer que o suporte inerte pode ser um jornal, um livro, uma placa, e conforme o suporte, nele pode haver uma grande variedade de signos. Lévy bem exemplificou a troca de lugar dos signos quando remeteu-se à história da humanidade lembrando:

eis os primeiros ideogramas sobre cascos de tartaruga, o formigamento dos cuneiformes nas tábuas. As coisas às quais remetem esses signos talvez estejam muito longe, ou tenham passado há muito tempo. Os signos representam as coisas. Tornam presentes as coisas ausentes (PIERRE LÉVY, 2014, p. 144).

É importante entender que o jornal é um suporte inerte que fixou e sedentarizou a fala através da escrita. Em um jornal escrito, por exemplo, estão inscritos e escritos os mais variados signos e através dele as pessoas interpretam o que leem, podendo associar a leitura com gravuras e imagens e para esses fins se utilizam de algumas funções cognitivas, para assim se manterem informadas.

Convém lembrar que mediante um jornal escrito há interação entre emissores e receptores, mas é reduzido o *feedback* dos receptores. Quando o jornalismo no início do século passado se converteu em fenômeno de massas, o sentimento do público pensador de cultura começou a mudar, movendo-se para outro patamar. Rudiger escreve em seu artigo denominado “*De Le Bon a Lasswell: a ascensão das massas, a descoberta da comunicação e a era da propaganda*” que a

presença dessa nova realidade e em seguida de novos e surpreendentes meios de expressão como o cinema e o rádio, passaram a despertar um novo tipo de preocupação [...] as técnicas e meios de comunicação e expressão podem ser usados para – via a palavra, o som e a imagem, a notícia, a arte e a diversão – fornecer doses de verdade ou não às pessoas, aliená-las ou conscientizá-las a respeito da realidade, enfim, manufaturar a opinião pública e a consciência social de acordo com a vontade e a capacidade dos seus controladores (RUDIGER; CORREIA et al., 2012, p. 96).

Baseando-se no enunciado acima, entende-se que a comunicação desde sempre se explica na contextualidade sistêmica onde poder, cultura e tecnologia se interpenetram como se formando um tecido, uma trama de mútua dependência. Nesse sentido as mídias massivas, de acordo com Hardt e Negri, (2004) citados por Kunsch (2008) “construíram um nexos imediato do eixo produção-consumo na economia com o eixo representado por emissão-recepção, sinalizando nesse processo o predomínio do poder instrumentalizando a comunicação para a busca de fins”.

Em se tratando da relação emissor-receptor, afirma Nakagawa (2008) em *O ponto de vista semiótico dos meios*, que “em virtude do isolamento a que estão submetidos, esses indivíduos tornam-se extremamente vulneráveis a serem manipulados pelos poucos emissores que controlam os meios” (NAKAGAWA, 2008, p. 2).

Para a referida autora, os meios são vistos como instrumentos utilizados para gerir opiniões, pois o emissor ativo controlava aquilo a que a massa passiva devia ter acesso, independente das relações sociais e culturais em que ambos estavam envolvidos. Cabe ao meio veicular aquilo que foi previamente estabelecido, o que o aproxima da ideia de um canal transmissor.

Nakagawa (2008) deixa explícito que as teorias da comunicação ainda que tenham suas especificidades, em síntese, elas partem do pressuposto da “existência de uma massa de receptores, sendo esta última entendida como um todo indiferenciado e anônimo e, como são incapazes de se reconhecer como grupo, pouco ou nenhuma interação há entre aqueles que formam a massa” (BLUMER, 1975, pp. 177-178, apud NAKAGAWA, 2008, p. 2).

Desse modo, antes da Internet, a comunicação era concebida em função da existência de poucos polos emissores e muitos polos receptores. Os meios de comunicação eram formados por jornais, rádios, televisão que emitiam informações

coordenadas por jornalistas. Para Baitello citado por Nakagawa (2008), “*meio*” quer dizer “espaço intermediário”. Em linhas gerais, diz a referida autora que o termo *meio* se refere *àquilo que se coloca entre uma coisa e outra* ou, ainda, conforme menciona Santaella (1996), em Nakagawa (2008, p. 1) “mídia é sinônimo de meio, este concebível como aplicável a qualquer coisa empregada para atingir um fim”. Interessa conhecer os significados de *meio* e *mídia*, pois sabe-se que houve uma época em que foi “demarcado” o surgimento da *cultura das mídias*, tendo em vista que os dispositivos comunicacionais põem em questionamento o entendimento sobre os meios de massa.

Ressalta Santaella (2003), citada por Nakagawa, que nos anos 80, muitos equipamentos mudaram o comportamento do receptor, pois viabilizavam que este selecionasse e armazenasse mensagens, o que conferia a ele um poder de decisão do que queria ou desejava. Videocassetes, walkmans, fotocopiadoras, propiciaram o consumo individualizado e não mais simultâneo de mensagens veiculadas e, desse modo, o receptor acessa o que deseja.

Assegura Nakagawa (2008):

Além disso, intensificam-se o cruzamento entre diferentes linguagens e meios, ocasionando a multiplicação destes últimos, o que redefine o foco dos estudos sobre o tema. São esses aspectos que levam a autora¹² a demarcar o surgimento de uma “cultura das mídias”, em que a ênfase da discussão torna-se a criação e a proliferação de novas mídias, linguagens e códigos, mediante a interação daqueles já existentes. Diferentemente dos meios [...] as mídias passam a ser entendidas como sistemas capazes de produzir linguagens, cujas mensagens são veiculadas para públicos cada vez mais segmentados (NAKAGAWA, 2008, p. 3).

Nakagawa (2008) ressalta que o funcionamento *semiótico-sistêmico* das mídias pode ser amplamente discutido pelas formulações desenvolvidas por McLuhan cuja abordagem leva ao entendimento da ação que as mídias exercem na cultura. Na maioria de seus escritos McLuhan enfatiza que o *meio é a mensagem*, o que abre perspectivas para os estudos dos meios em que a ênfase recai nos efeitos psíquicos, sociais e cognitivos decorrentes da *intromissão* de uma nova tecnologia na cultura. Para McLuhan todo meio constitui o prolongamento de um dos órgãos sensoriais humanos e *meios* não são apenas os tradicionais meios de comunicação, como a televisão e o rádio, mas toda e qualquer

¹² Refere-se a Lúcia Santaella (2003).

extensão tecnológica, como, por exemplo, a roda, concebida como um prolongamento do pé. Em correlação, todo meio amplifica em grande escala o órgão do qual ele é uma extensão, tal como acontece com a escrita, que torna mais intensa a visão em detrimento do desenvolvimento harmônico e equilibrado de outros órgãos sensoriais (NAKAGAWA, 2008, p. 3).

A amplitude da formulação de McLuhan conduz ao entendimento que pode se considerar ir além da compreensão dos *meios* como simples extensões materiais dos sentidos. Santaella (1996) esclarece esse entendimento. Diz a autora, citada por Nakagawa (2008):

O desenvolvimento de máquinas sensórias ou meios comunicacionais que prolongam um dos sentidos humanos, exige, de antemão, o entendimento científico acerca do funcionamento desses mesmos órgãos e, por isso, os meios especializados seriam 'dotados de inteligência sensível' do mesmo modo que 'são também máquinas cognitivas tanto quanto são cognitivos os órgãos sensórios' (NAKAGAWA, 2008, pp. 3, 4).

Em relação às máquinas sensórias, Nakagawa (2008) menciona: esse funcionamento reveste-se de uma 'cognição' muito singular, pois, entre aquilo que é captado e aquilo que é transmitido, impõe-se o código característico da forma de registro vinculada a um determinado meio,

como é o caso da imagem na fotografia, do audiovisual na televisão e do som no rádio. Isso nos permite entender que a tecnologia relacionada a um órgão sensível pressupõe sempre um ou mais códigos que lhe são 'inerentes' sem os quais um meio não poderia exercer a função que lhe é devida no processo comunicacional (NAKAGAWA, 2008, p. 4).

Entende-se que quanto mais complexa se tornou a sociedade, mais complexas foram as demandas e formas de interagir entre seus indivíduos e entre eles e a natureza. Para dar conta desse processo, de acordo com Velho (2009)

foram criadas tecnologias de comunicação, que deram origem a diferentes linguagens, que vão construir o arcabouço informacional, signico da cultura, a qual se expressa nos mais diferentes códigos: o gestual, o verbal, o sonoro, propondo sistemas de signos cada vez mais elaborados, mais complexos. Em outras palavras, o mesmo movimento que move o Homem, enquanto sistema vivo, a se adaptar ao ambiente natural, move os sistemas de signos produzidos por ele a se adaptarem às necessidades da cultura e se tornarem complexos, mais elaborados, e dar conta de uma organização social cada vez mais sofisticada (VELHO, 2009, p. 253).

Conforme Nakagawa (2008) O século XIX foi marcado por uma organização social imensamente estratificada e centralizada; o século XX rompeu com o centralismo, pois o aumento da quantidade de informação disponível, acompanhado pela velocidade de circulação possibilitaram que o mesmo dado esteja disponível em qualquer parte do mundo, simultaneamente, pondo fim a um poder central monopolizador. Ou seja, enquanto no primeiro caso temos um ambiente de fragmentação, no segundo, ocorre, de acordo com McLuhan (2005, p.7), mencionado por Nakagawa (2008), “um processo ambiental de integração”, incitando o desenvolvimento de uma visão inclusiva e participativa do mundo.

A energia elétrica exerce um importante papel neste processo, assim como exerceu no processo produtivo. Discorre McLuhan (2005) que a eletricidade tornou possível a extensão do sistema nervoso humano como um novo ambiente social. Na kagawa (2008) quando se refere a essa visão inclusiva, faz alusão a uma forma comunicativa introduzida pela tecnologia elétrica que viabiliza a comunicação simultânea,

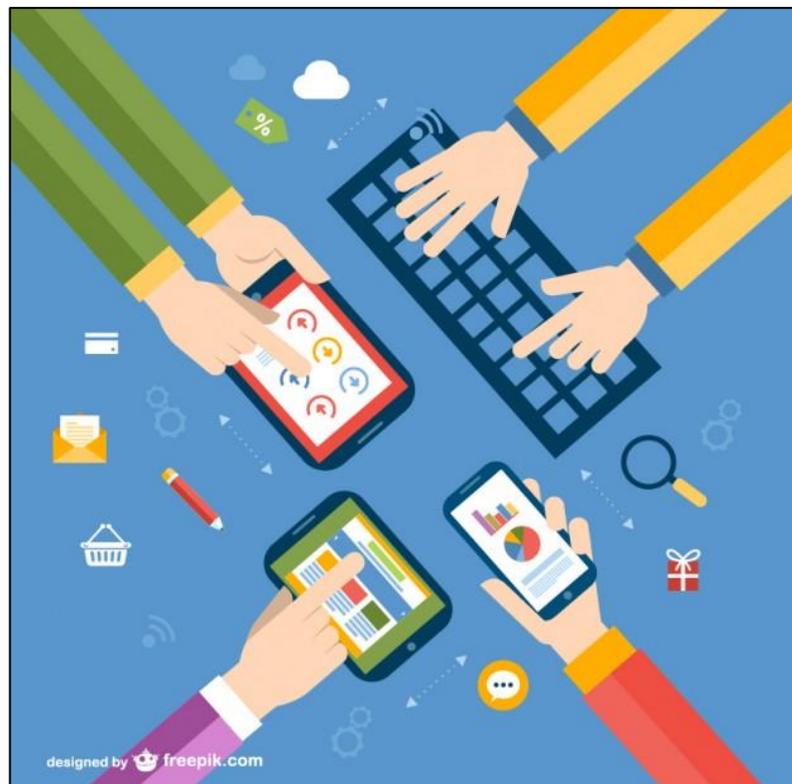
minimizando as distâncias no espaço e no tempo, também possibilita o surgimento de meios que prolongam mais de um sentido, dos quais resulta um maior envolvimento do receptor para apreender o continuum de informações que trafegam pelo ambiente. Nessa nova configuração ambiental, em que a informação é descontínua e ‘vem de todas as direções ao mesmo tempo’ (NAKAGAWA, 2008, p. 7).

O usuário é cada vez mais solicitado a preencher as lacunas produzidas pelos dados que circulam pelo entorno, pois vários sentidos são ‘ativados’ para completar e correlacionar a profusão de signos gerados pela nova tecnologia (NAKAGAWA, 2008). Desse modo, com o surgimento da Internet, são multiplicados os polos emissores de forma acelerada, pois se ampliam as possibilidades de serem criados fóruns, perfis em redes sociais, *blogs*, entre outros meios. Reconhece-se que os *meios* comunicacionais funcionam não apenas como meros canais de registro e transmissão ou simples prolongamentos mecânicos dos sentidos humanos (NAKAGAWA, 2008). É evidente o potencial dos *meios* para ampliar a capacidade de produção signífica humana, pois de acordo com Santaella (1996): “Os aparelhos são, por isso, máquinas paradoxalmente usurpadoras e doadoras. De um lado, roubam pedaços da realidade, de outro, mandam esses pedaços de volta, cuspidos para fora na forma de signos”. (SANTAELLA, 1996, p. 201).

Assim sendo, a Internet muda a configuração dos meios de comunicação que se modificam, se ampliam e se transformam. A Internet mudou de forma muito significativa as formas e meios de se comunicar porque os ambientes comunicacionais se tornaram diversos e diferentes da comunicação tradicional.

Os grandes veículos de comunicação permanecem, mas os polos, tanto emissores quanto receptores, ampliam-se podendo os cidadãos comuns falar o que pensam e serem ouvidos constantemente, via internet. Isso acontece a partir de segmentação dos públicos, ligados à política, culinária, esporte, entre muitos outros.

Figura 7 - Internet – Os cidadãos podem ser participantes e integrantes em rede interativa.



Fonte: Vector ícone
desenhado por Freepik. Acesso no dia 13/11/2015

Tanto há pluralidade de linguagens como pluralidade de relações, pois estas mudam e os cidadãos interagem, comunicam-se e se expressam por meio das mais variadas linguagens. Falam e ouvem por criarem sua própria audiência, criarem seu público e deixarem apenas de serem receptores da informação que vem dos meios tradicionais. Castells (2003) assegura que a Internet é

o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão da capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. [...] a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede (CASTELLS, 2003, p. 7).

Pela Internet os cidadãos são participantes, integrantes, pertinentes como seres que interagem de forma ativa, viva, autopoietica, são agora coparticipantes da comunicação em uma relação integrada, sistêmica, podendo-se dizer que estão conectados em redes de comunicação.

As redes sociais digitais ampliaram o espaço de comunicação levando em conta os gostos das pessoas pela experiência on-line que, na verdade, não deixa de ser uma prática associada à vocação gregária das pessoas, isto é, as comunidades virtuais são a expressão daquilo que as pessoas sempre buscaram viver, agora com novas referências para o convívio humano.

Entre todos os tipos diferentes de instrumentos, dispositivos e máquinas que foram inventados pela humanidade, o computador é o primeiro que pode ser semioticamente caracterizado como uma terceiridade genuína ou signo. De acordo com Santaella (1996)

a semelhança de todos os outros tipos de máquinas para a gravação, registro de transmissão de sons e de imagens, o computador também é uma máquina semiótica. Diferentemente daquelas, entretanto, a semiose do computador é a única que, nela mesma, independentemente dos processos de interação e interpretação dos usuários, pode atingir o nível mais complexo de todos os signos, o do símbolo [...] o computador como uma máquina física e veículo é, de fato a forma sensível, o objeto material que dá corpo ao meio semiótico e, assim, ao signo em toda a sua complexidade (SANTAELLA, 1996, p. 231).

A partir do uso do computador e da rede de computadores através da comunicação virtual surge a cibercultura a qual originou-se da cibernética, ciência voltada para uma tecnologia avançada e utiliza-se do virtual, funcionando como uma forma de comunicação mais flexível com base contextual contida na nova dinâmica de publicar, difundir e receber qualquer conteúdo, a qualquer hora e em qualquer lugar do mundo.

Esta possibilidade na Internet se diferencia das mídias tradicionais, que possuem uma escala de difusão e informação formal. Atualmente não é necessário comprar um jornal para estar informado. Além da televisão e do rádio, pode-se

aceder a um jornal via Internet, através do site do mesmo ou de redes sociais, caso do *Twitter* e do *Facebook*. Muitos jornais possuem contas nestas redes e postam informação, que se encontra sempre atualizada. A cibercultura exprime a ascensão de um novo universal, diferente das formas culturais que a precederam na medida em que ele se constrói sobre a indeterminação de um qualquer sentido global.

Com a cibercultura, emerge o ciberespaço que acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Diz Pierre Lévy (1997):

Eu defino ciberespaço como o espaço de comunicação aberta pela interligação mundial dos computadores e das memórias informáticas; e uma das principais funções do ciberespaço é o acesso à distância aos diversos recursos de um computador [...] Em suma, o ciberespaço permite combinar diversos modos de comunicação. Encontram-se em graus de complexidade crescente: o correio eletrónico, a conferência eletrónica, o hiperdocumento partilhado, sistemas elaborados de aprendizagem ou de trabalho cooperativo e enfim os mundos virtuais multiparticipantes" (LÉVY, 1997, p. 104).

Conforme Souza (2011) em seu artigo *As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de Minerva*, "as redes sociais surgem reinventando novas formas de democratização e de construção da cidadania nos níveis local, nacional e global e, desse modo, a geografia deixa de ser espacial e passa a ser semântica" (SOUZA; MONTEIRO *et al.*, 2011, p 61).

Para Sérgio Souza (2011) as redes sociais têm a função de criar um corpo coletivo e caracterizam-se por *nós*, e não por suportes; por isso as redes partem do conceito de horizontalidade, comparando-se a uma malha com fios ligados horizontalmente, sem ganchos de sustentação. Aqueles que participam das redes sociais o fazem por motivação própria, pois são organizadas em *nós* por algum liame, seja parentesco, amizade, interesses económicos, afetivos ou políticos o que envolve e reflete a complexidade encontrada nas várias vivências e possibilidades das relações humanas mediante as manifestações culturais.

Desse modo, da convergência midiática à comunicação de massa, da comunicação no espaço da cidade à comunicação comunitária, da comunicação organizacional à comunicação política podem ser vistos como processos que se envolvem em torno de fenômenos comunicativos numa perspectiva semiótica e sistêmica. Nesse contexto, observam-se mudanças nos comportamentos das pessoas pelo modo de se comunicarem e se relacionarem, mudando também a

estrutura social e, ao mesmo tempo, reconfigurando a forma de organização da sociedade “deslocando significativamente os processos de linguagem e da comunicação” (SOUZA; MONTEIRO et al., 2011, p. 55).

O filósofo Ernst Cassirer (1977) corrige e amplia a definição clássica do homem como *animal racional*, designando-o em sua diferença específica, definindo-o como um *animal simbólico*. A semiose, enquanto um processo, inicia-se com a transformação do mundo físico, ou seja, da realidade apreendida e o fenômeno que é apreendido, percebido, transforma-se em um mundo mental, psicológico, transportado para uma realidade refletida; assim fica caracterizada como eminentemente simbólica ou, nos termos de Peirce, semiótica.

4.3. A Semiótica e a visão ecossistêmica da comunicação

Importa dar atenção e compreender a semiótica peirceana, a semiótica da cultura e o funcionamento semiótico-sistêmico das mídias porque se torna menos difícil chegar à compreensão do processo dinâmico e complexo da comunicação, mediante as expressões culturais e do que se denomina ecossistemas comunicacionais, esse termo importante que aflora e emerge na contemporaneidade.

Pereira (2011) menciona em seu artigo *Ecossistemas Comunicacionais: uma proposição conceitual*, que “o estudo dos ecossistemas comunicacionais constitui uma área bastante ousada dentro dos estudos da comunicação, o que confere ao programa da UFAM a oportunidade de tornar-se mais que um programa periférico na geopolítica da área” (PEREIRA; MALCHER et al., 2011, p. 49), abrindo a oportunidade de tornar-se um centro de referência, sobretudo em razão do lugar que ocupa no planeta, a Amazônia, e porque pode-se perceber os fundamentos de uma visão ecossistêmica permeada por uma compreensão semiótica.

Vale salientar, no entanto, que o “estudo dos ecossistemas comunicacionais não está relacionado à exuberância natural da região, uma vez que ele pode ser desenvolvido em qualquer espaço em que haja comunicação, de Toronto a Manaus, de Tóquio a São Paulo” (PEREIRA; MALCHER et al., pp. 49, 50). De acordo com Monteiro e Colferai, no artigo denominado *Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares*, “As particularidades amazônicas, traduzidas nas grandes distâncias, na heterogeneidade cultural ou nas diferenças

ambientais somam-se às interações mediadas pelas tecnologias da comunicação” (MONTEIRO, COLFERAI; MALCHER et al., 2011, p. 42).

Assim sendo, a Amazônia deve ser vista pela ótica ecossistêmica, por uma compreensão semiótica e pela ecologia profunda, a qual não separa seres humanos do meio ambiente natural, mas vê o mundo como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes, reconhecendo o valor intrínseco dos seres vivos inseridos em seus ecossistemas comunicacionais.

Vale ressaltar que a visão da comunicação mediante a ótica dos Ecossistemas Comunicacionais não é entendida como uma mera transmissão de mensagens ou como ação unilateral por meio da qual um emissor codifica e transmite informações a um receptor que a decodifica agindo como receptáculo de informações.

Tomando como exemplo a Amazônia e seus recursos naturais, sabe-se que esta é uma região habitada por caboclos que se organizam em comunidades rurais, tradicionais ou ribeirinhas, chamadas assim por habitarem às margens dos rios que são lugares mais propícios à aquisição do pescado e do manejo da agricultura ou pecuária e de transporte de produtos até às comunidades ou cidades mais próximas.

O rio é considerado uma fonte de lazer do ribeirinho e é a estrada que faz a conexão deste com outras localidades, por meio de barcos ou canoas e é também a entrada e a saída de conhecimento e informação. Os transportes fluviais fazem a circulação do homem e de sua economia, criam os fatos sociais e as interações sociais, realidade esta que vai muito além de ser considerada somente como conexão do ribeirinho com outras localidades, mas é também um meio de promover a comunicação e a informação entre os ribeirinhos, entre comunidades e entre estes e as vilas e/ou cidades.

Os barcos não transportam apenas produtos, mas pessoas de uma comunidade a outra, como explicam Rabassa e Freitas (2012) no artigo denominado *A comunicação comunitária e a promoção da cidadania na comunidade de Suruacá*: “e dessa forma, contribuem para promover a comunicação, que era realizada oralmente ou por meio de cartas entregues aos guardiões de notícias e informações, os barqueiros” (RABASSA, FREITAS; CORREIA et al., 2012, p. 300).

Vê-se, desse modo, como se manifesta a comunicação e a interação humana nos mais longínquos rincões amazônicos, mais precisamente nas

comunidades rurais ou tradicionais ribeirinhas, tendo em vista que o homem não se separa do seu ambiente natural, isto é, não é um ser isolado de seu ambiente, e sim, é integrado a ele e coparticipante dele e inclusive aberto a novos sistemas de comunicação que passam a fazer parte de sua rede social e vice-versa.

Em se tratando de Ecossistemas Comunicacionais, entende-se como afirma Capra (2002): “num ecossistema, nenhum ser é excluído da rede, todas as espécies, até mesmo os menores dentre as bactérias, contribuem para a sustentabilidade do todo”. No caso das comunidades ribeirinhas há uma interação simultânea, vista como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes, reconhecendo o valor dos seres vivos inseridos em seus ecossistemas comunicacionais, ou seja, as relações humanas entrelaçadas com a natureza conjuntamente se sustentam, se mantêm, dão suporte um ao outro e nutrem a vida e a comunicação.

Castells (2003) enfatiza que o novo sistema de comunicação, baseado na integração por meio de rede no ambiente digital, tem grande capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais, que transformam radicalmente o tempo, o espaço e dimensões fundamentais da vida humana. Capra (1996), Lévy (1994) e Maturana e Varela (2001) discutem o novo paradigma científico em que a comunicação passa a ser tecida em redes, ou seja, o sujeito não é separado da natureza e de outros indivíduos; ele é um ser sempre ativo.

Rabassa e Freitas (2012) dão exemplos de relações ecossistêmicas na Amazônia. Trata-se de uma comunidade conhecida como Suruacá, a qual é situada no Estado do Pará, cujo meio de transporte para chegar até lá é o barco, levando-se quatro horas de distância a partir de Santarém/PA.

Conforme as autoras, ali existe uma estação de rádio que produz matérias ao vivo ou pré-gravadas, mantendo uma programação conforme a identidade de Suruacá, sempre com o objetivo de apresentar temas relacionados ao interesse da comunidade. Os comunitários também criam e gravam matérias por meio de vídeos roteirizados, com temas relevantes para a população e as enviam à RMCP¹³ que apresenta no programa Mexe com Tudo, da TV Mococongo. Os vídeos, tanto

¹³ RMCP – Projeto denominado Rede Mococongo de Comunicação Popular, organizado por 22 sucursais comunitárias, que são grupos locais de jovens repórteres presentes nas comunidades que ganham nomes e formas de gestão próprias, com o objetivo de melhorar o processo comunicacional na região (CORREIA, FREITAS, ABBUD, CAMPOS, 2012).

documentários quanto educativos, são exibidos na comunidade por meio de telões instalados na rua.

Em Suruacá existe telefonia móvel que amplia a comunicação na comunidade e demonstra desenvolvimento de infraestrutura e tecnologia na comunidade. As autoras mencionam que

inclusive é quase impossível não notar a paixão do ribeirinho pelo telefone celular, pois os mesmos passam horas do dia utilizando o aparelho, seja para se comunicar com outras pessoas por meio de ligações ou mensagem de texto, seja para escutar músicas ou acessar a internet para utilizar as redes sociais [...] principalmente o Facebook [...] Lembrando Recuero (2011) a comunicação digital ampliou a capacidade de conexão, permitindo que redes sociais fossem criadas e expressas nesses espaços (RABASSA, FREITAS; CORREIA et al., 2012, p. 303).

A própria comunidade suruacaense se mobilizou para a criação de um Telecentro. Este é composto por jovens repórteres que dispõem de equipamentos de comunicação dentro da comunidade a fim de estabelecer comunicação dentro e fora do local.

Os comunitários utilizam o telecentro para se comunicar, aprender, pesquisar trabalhos de aula e também manterem contato com as pessoas por meio das redes sociais. São beneficiados pela internet, a qual introduz o local para o global, e vice-versa.

Figura 8 - Suposta visualização da conexão de comunitários suruacaenses via internet.



Fonte: <http://cse.google.com/cse?cx=partner>. Acesso no dia 23/08/2015

A figura anterior permite a suposta visualização da conexão de comunitários suruacaenses, via internet, o que leva a observar a comunicação permeada na

contextualidade sistêmica onde práticas sociais, a cultura e a tecnologia se interpenetram e facilitam o cultivo do conhecimento e do saber, ressignificando linguagens naquele contexto social.

Rabassa e Freitas (2012) analisam que devido à distância e a dificuldade de acesso gerada pelos rios, a internet facilita a comunicação e promove informações e conhecimento que seria quase impossível chegar ao alcance dos ribeirinhos.

Através da internet é permitido ao cidadão aceder a informações, fazer pesquisas, acessar monografias, artigos e periódicos, dissertações, enciclopédias, dicionários, enfim conectar-se em rede, situar-se no ambiente em que vive, em seu contexto cultural, em suas necessidades e possibilidades de crescimento e de obter nova visão de mundo, o que suscita novas expectativas, pois em rede a pessoa não só assiste a filmes, noticiários, mas também amplia sua capacidade de comunicar.

Atualmente o direito à comunicação é sinônimo de comunicação mediada por computador, que pressupõe a inclusão digital. Ao mesmo tempo, o contato com o local-global modifica comportamentos e promove desenvolvimento de uma comunidade abrindo oportunidades para participação democrática e o direito à comunicação, à cidadania, a integração e conexão com o global e ao acesso à comunicação em rede.

Conforme Recuero (2011), “a nova comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, ampliou a capacidade de conexão, permitindo que redes sociais fossem criadas e expressas nesses espaços” (RECUERO, 2011, p. 16). Reforçam este pensamento Rabassa e Freitas (Correia et al., 2012, p. 297) quando mencionam que “a sociedade da informação em rede existe com a universalização da informação e da comunicação proporcionada pelo acesso das pessoas aos meios de comunicação”. O contato dos ribeirinhos com os meios de comunicação, como por exemplo, o rádio, a TV, o telefone celular e a valorização atribuída à mídia e/ou às redes sociais digitais traz benefícios à comunidade e logo o que lhes interessa é incorporado àquela cultura.

Machado e Romanini (2010) discorrem: “na verdade, onde houver assimilação e interpretação de informação, haverá ação do signo, o que faz da semiose um fenômeno constitutivo e constituinte da realidade” (MACHADO e ROMANINI, 2010, p. 93). Pelo que foi observado, todo tempo esse fenômeno foi se

processando entre os comunitários de Suruacá, pois para Peirce, a semiose é fundamental ao pensamento, ação, percepção, e emoção humana. Uma vez que as classes de signos de Peirce incorporam essa multideterminação do pensamento, o conceito de semiose parece bastante adequado para dar conta de uma explicitação complexa da cognição (DRIGO, 2007, p. 10).

A comunidade suaracaense está conectada ao mundo através das mídias e é um exemplo do que se denomina ecossistemas comunicacionais, quando se percebe que o ribeirinho, em suas relações humanas, são entrelaçados com a natureza e interagem com ela, produzindo e reproduzindo constantemente a comunicação e as práticas comunicativas. Isso envolve os serviços de alto-falantes, embarcações, intermediários, cartas, bilhetes, objetos, dinheiro, elementos que constituem o modo *sui generis* de comunicação envolvendo as cidades e o interior. Esse enunciado condiz com a percepção que McLuhan tem sobre os processos comunicativos e a comunicação. Essa percepção vai além do simples transporte de dados de um ponto a outro, pois “comunicar implica lidar com as mudanças geradas pelo contato estabelecido entre diferentes meios e entre eles e seus usuários” (NAKAGAWA, 2008, p. 7).

Contextualizando a vivência, convivência e a realidade dos suruacaenses, vale salientar o uso da expressão ‘modernidade líquida’ empregada por Bauman (2013, p. 16) em sua obra *A cultura no mundo líquido moderno*. O referido autor enfatiza a *modernidade líquida* como o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “segunda modernidade” ou “hipermodernidade”. Bauman (2013) menciona: “O que torna ‘líquida’ a modernidade e assim justifica a escolha do nome, é sua ‘modernização’ compulsiva e obsessiva [...] como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo”.

No caso específico da comunidade tradicional de Suruacá, os ribeirinhos vivem diante da natureza e/ou do mundo que os circunda e, ao mesmo tempo, em contato com a cidade e com outras comunidades, também através das mídias, redes sociais e digitais, ou seja, em contato com outros sistemas que se articulam e lhes facilitam a inclusão, a informação e a comunicação sucessiva e conseqüentemente com o mundo externo e pouco conhecido em relação ao seu mundo. Desse modo acontecem, na referida comunidade, transformações que favorecem o

desenvolvimento intelectual, social, econômico, entre outros, mediante às dinâmicas sociais contemporâneas e a fluidez hoje existente na *modernidade líquida*, onde técnica, cultura e sociedade coexistem em relações complexas e são passíveis de adaptação e transformação.

4.4. Os conceitos e formulações da Semiótica da Cultura e suas influências sobre as novas formas da comunicação

O termo **texto** para os semioticistas russos, que o aplicavam, resultou como sendo um dos essenciais não somente aos textos literários, por eles analisados, mas também à cultura como um todo surgindo assim o conceito de **texto cultural**, ou seja, da cultura vista como um texto. De acordo com Machado (2003),

[...] Nesse momento, os posicionamentos de I. M. Lótman já tinham sofrido certa evolução: do entendimento do texto como uma manifestação de linguagem ele passou ao entendimento do texto criador da sua linguagem. A principal ênfase [...] está no fato de que cada tipo de arte possui a sua linguagem e que, por exemplo, um texto literário fixado numa linguagem natural adquire o seu significado graças à relação especial do autor com a linguagem natural; portanto, a compreensão do texto ao nível de correspondência de dicionário das palavras apenas deforma o texto. Ou seja, a língua natural no texto literário transforma-se numa língua de um nível mais alto – num sistema modelizante secundário (MACHADO, 2003, p. 82).

A semiótica concebe o texto como unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. Nesse sentido,

uma dança, uma cerimônia, uma obra de arte, e muitos outros produtos e manifestações culturais são considerados textos. Do conceito semiótico de texto não se elimina a sequência de signos, pelo contrário, o moderno sistema audiovisual da cultura opera com essa potencialidade dos textos contínuos orientados para o receptor. A cultura como um texto implica a existência de uma memória coletiva que não apenas armazena informações como também funciona como um programa gerador de novos textos, garantindo assim a continuidade (MACHADO, 2003, p.54).

Compreende-se assim porque Lótman afirmou ser a cultura um grande texto. Assim como ela se reconhece como língua, se autorregula e se autodescreve, por exemplo, por meio de leis e do discurso da ciência, também se expressa na dança, no teatro, no design, na moda. Esses textos, espelhados nas regras da língua natural, promovem a *manifestação de sentido dos conteúdos da*

cultura. São dispositivos pensantes que se organizam para dar sentido à vida interna de um determinado grupo.

É necessário atentar à ampliação de conceitos aplicados aos diversos fenômenos culturais e utilizados pela semiótica para entender melhor como se dão os processos semióticos. Pela necessidade de compreender a comunicação como sistema semiótico e a cultura como um conjunto unificado de sistemas, ou como um grande texto, os semioticistas reelaboraram o conceito de língua.

A língua natural é um **sistema modelizante** uma vez que se constrói a partir de outros mecanismos tais como fonação, grafismo, convenções socioculturais. Então língua é um mecanismo semiótico de transmissão de mensagens por meio de um conjunto de signos elementares. Lótman, citado por Velho (2009), diz que

a língua é o sistema primário porque é a partir dela que se dá a culturalização do mundo, que a natureza e seus fenômenos e fatos se humanizam; que o pensamento se constrói. A língua modeliza a realidade, que dá lastro à mediação social. Sobre ela se constroem os sistemas secundários, que modelam aspectos parciais dessa realidade (VELHO, 2009, p. 254).

Entender sistemas modelizantes pressupõe saber que **modelizar** é semiotizar, é compreender a signicidade dos objetos culturais, é ler os sistemas de signos a partir de uma estrutura: a linguagem natural.

O objetivo de modelizar é conferir estruturalidade a sistemas que, por natureza, não dispõem de um modo organizado para a transmissão de mensagens. De acordo com Machado (2003, p. 50), para os semioticistas, modelizar é construir sistemas de signos a partir do modelo da língua natural.

Por sistemas modelizantes entendem-se as manifestações, práticas ou processos culturais cuja organização depende da transferência de modelos estruturais tais como aqueles sob os quais se constrói a linguagem natural. Machado (2003) menciona que

[...] carente de uma estrutura, o sistema modelizante de segundo grau busca sua estruturalidade na língua, que somente nesse sentido pode ser considerada sistema modelizante de primeiro grau. Assim considerados, todos os sistemas semióticos da cultura são modelizantes, uma vez que todos podem correlacionar-se com a língua (MACHADO, 2003, p. 49).

Junto com Vladimir Ivanov e Boris Uspenski, Lótman empreendeu estudos de confluência da linguística com outras áreas do conhecimento, como a Cibernética, o que proporcionou o desenvolvimento de um modelo, conforme Lasbeck (2004), para a “compreensão do homem semiótico, da arte como linguagem e da cultura como mecanismo de memória ou de controle” (VELHO, 2009, p. 251). A partir de um sistema modelizante primário, a língua, diz Lasbeck (2004) ele propõe “uma série de fundamentos que funcionam em sistemas não-verbais da cultura, denominados de sistemas modelizantes secundários” (VELHO, 2009, p. 251).

Sob a denominação “sistemas modelizantes secundários”

consideram-se aqueles sistemas semióticos com a ajuda dos quais são construídos modelos do mundo ou de seus fragmentos. Esses sistemas são secundários em relação à língua natural primária sobre a qual elas são construídas, diretamente (sistema supra-linguístico da literatura) ou na qualidade de formas a ela paralelas (música e pintura) (MACHADO, 2003, p. 125).

Todos os sistemas semióticos da cultura são, *a priori*, modelizáveis e prestam-se ao conhecimento e explicação do mundo. Alguns sistemas modelizantes secundários (literatura, mito) usam a linguagem natural como material, acrescentando outras estruturas e todos eles são construídos em analogia com as linguagens naturais (elementos, regras de seleção e combinação, níveis) que funcionam como metalinguagem universal de interpretação.

Sistemas modelizantes são sistemas relacionais constituídos por elementos e por regras combinatórias no sentido de criar uma estruturalidade que se define, assim, como uma fonte ou um modelo. A semiótica da cultura não trata indistintamente de diferentes sistemas de signos, mas dos sistemas em relação à linguagem natural.

Para Bakhtin, conforme Machado (2003), existem as formas que organizam a comunicação ordinária (oral e escrita),

correspondendo, assim, aos gêneros primários. Deles surgem os gêneros secundários que são formas discursivas mais complexas. Literatura, documentos oficiais, jurídicos, empresariais; relatos científicos; jornalismo (oral e escrito) são alguns dos gêneros secundários apontados por Bakhtin. Ao se tornarem conceito chave também para a semiótica da cultura, os gêneros discursivos definem um campo mais amplo da comunicação, considerando não apenas as formas elaboradas pelas linguagens naturais como também da comunicação mediada. Filmes, programas televisuais e radiofônicos, espetáculos e performances, publicidade, música e as formas

da comunicação mediada pelo computador (e-mail, chats, lista de discussão) podem ser definidas como gêneros discursivos secundários (MACHADO, 2003, pp. 160-161).

Gênero tornou-se um conceito central para os estudos semióticos russos e é considerado como uma potencialidade organizadora de mensagens em esfera de uso de linguagens (MACHADO, 2003). O gênero define as infinitas possibilidades de uso da linguagem na produção de mensagens no tempo e no espaço da cultura. Conforme Machado (2003)

A necessidade de entender as formas comunicativas de um mundo prosaico levou Bakhtin à formulação dos gêneros discursivos que, ao se reportarem às esferas de uso da linguagem através de um processo combinatório, aciona o mecanismo semiótico da modelização (MACHADO, 2003, p. 160).

Na recente abordagem semiótica das mídias, os gêneros discursivos têm o poder de definição da própria mídia como sistema de signos na cultura. Os gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social ainda que sequer estejam consolidados.

Trata-se de um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem, o papel da linguagem nessas tecnologias e ainda o comportamento da comunicação a partir do encontro entre linguagens ou a pluralidade de linguagens ou de gêneros encontradas nas redes sociais digitais.

Marcuschi e Xavier (2010, p. 22) declaram que o fato é que a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita que continua essencial apesar da integração da imagem e do som. Ou seja, são novos gêneros que constituem a Internet podendo-se dizer que parte do sucesso das novas tecnologias, conforme Marcuschi e Xavier (2010, p.16), deve-se ao fato de reunir em um só meio em várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. Na atual sociedade da informação, “a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” (MARCUSCHI, 2005, p. 34).

As expressões e-mail, bate-papo virtual (chat), aula-chat, listas de discussão, *blog* e outras expressões da denominada e-comunicação são novos gêneros que exercem fascínio sobre os adeptos da Internet por apresentarem

possibilidades e funções diversas, expectativas intensas, participações interativas, respostas imediatas, passatempo, divertimento, entre outros.

Assim acontece porque a língua é o sistema primário que modeliza a realidade e sobre ela se constroem os sistemas secundários, criados através do tempo e do espaço, intermediados pela cultura e criando infinitas possibilidades de interação e comunicação.

4.5. As modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo

A pluralidade de linguagens ou sistemas modelizantes secundários que já existem nas redes sociais digitais são passíveis de mudanças ou de renovação constante, como explica e acena Souza (2011): “ainda que comumente sejam nomeadas como tais, conceitualmente *Orkut*, *Facebbok*, *Twitter* não são redes sociais digitais, mas suportes digitais para redes sociais. Nesses suportes digitais as redes sociais se fazem, se desfazem e se refazem” (SOUZA; MONTEIRO et al., 2011, p. 61).

Isto porque diante das redes sociais digitais encontram-se pessoas portadoras de potencial cognitivo e criativo que, ao interagirem com outras, e através de trocas, experiências pessoais e habilidades sociais, socialização do conhecimento, conforme a cultura em que estão inseridas, e mediante a diversidade de linguagens, são capazes de criar novos gêneros ou outros sistemas modelizantes secundários.

É preciso reconhecer que “os meios deixam de ser tradutores e se transformam em transdutores”, assim diz Machado (2005, pp. 306-307), citada por Nakagawa (2008), e a “comunicação inicia-se da relação das modalidades perceptuais e sensoriais, incluindo o ambiente físico transcendendo as fronteiras do sensível” (DELLY, 1990, p. 32).

Os meios surgem como possibilidades de entrecruzamento de sensações e, conseqüentemente, de modelização de linguagens. O ato comunicativo ultrapassa a compreensão desenvolvida pelas teorias da comunicação, que destaca os *mass medias* como elemento primordial da comunicação, pois os signos se manifestam além dos meios convencionais. Com a revolução digital, no século XX, veio junto o

surgimento de uma nova sociedade, nominada por Castells (1999) como sociedade da informação em redes, onde os fatores centrais estão embasados no conhecimento, na informação e na comunicação tecnológica (RABASSA; FREITAS; CORREIA et al., 2012, p. 289).

Afirma Souza (2011):

o que antes era um processo verticalizado, de cima para baixo, dos sujeitos autorizados para o público consumidor hoje é um processo horizontalizado e distribuído [...]acostumados à ideia de que ter informação era ter poder, nos vemos diante da necessidade de rever o conceito porque o poder não está mais em acumular a informação, mas em distribuí-la de forma significativa” (SOUZA; MONTEIRO et al., 2011, p. 62).

Mediante a compreensão dos ecossistemas comunicacionais, pode-se identificar a internet como “uma grande rede”, onde os indivíduos conectados formam grupos (sociedades) que interagem a partir de interesses comuns. A sociedade antes vista de forma isolada, é modificada, transformada pelos avanços tecnológicos e passa a ser denominada como sociedade em rede.

Isso permite compreender as conexões existentes em todas as esferas da sociedade, mediada principalmente pelos suportes tecnológicos. Assim, através da inter e da transdisciplinaridade, os conceitos ecológicos permitem a possibilidade de conceber a internet como sendo o espaço (ambiente) de interação entre produtores e consumidores (organismos) e semelhante ao conceito proposto por Transley (1936) “a relação entre esse sistema é o que caracteriza a internet como um ‘ecossistema comunicacional’, pois nesse espaço há uma variedade de sistemas (midiáticos) onde gera e produz informações de formas distintas” (DIAS, PEREIRA; CORREIA et al., 2012, p. 171).

Pereira (2011, p. 3) afirma entender que a comunicação não é um fenômeno isolado, mas que “significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente e, no limite, da própria cultura” (DIAS, PEREIRA; CORREIA et al., 2012, p. 171).

Com a comunicação digital estabelecida nas mídias sociais, aponta-se que novas ferramentas colaborativas de comunicação, em formato digital, surgem a todo instante e trazem novos papéis interativos entre aqueles que não somente usam a

internet, mas, principalmente, produzem conteúdo para compartilhar com outros membros interessados.

Muitos são os progressos introduzidos pelas pesquisas das ciências cognitivas na área da ciência da computação nos últimos anos: as máquinas cada vez mais ganham a capacidade de interagir com as pessoas por meio das estruturas da linguagem humana, proporcionando interações mais intensas, significativas, colaborativas e, conseqüentemente, transformadoras, entre e mediante quem está conectado na rede. Através da internet as pessoas expõem suas ideias, criam conteúdos, compartilham com amigos, colegas e familiares e de qualquer forma socializam conhecimentos, saberes, pertinentes a sua cultura e de algum modo, também, transculturais.

O termo Web 2.0, ou web social, é usado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos na internet, tendo como conceito a web. “Web é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. O significado de web ganhou outro sentido com o aparecimento da internet. A web passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (www)”¹⁴.

A web 2.0 surgiu no final do século passado e dispõe de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação. Ela se caracteriza por novas ferramentas, as quais agregam interatividade, autonomia e liberdade de expressão ao usuário, rapidez no compartilhamento de informação em vídeo, texto e imagens.

O *Twitter* é um microblog que funciona como uma ferramenta onde é possível compartilhar informação com até cento e quarenta caracteres por postagem.

¹⁴ [Shttp://www.significados.com.br/web/](http://www.significados.com.br/web/)A web significa um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiperligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet. Para tal, são necessários um navegador (*browser*) e ligação à internet. São exemplos de navegadores: Google Chrome, Safari, Mozilla Firefox, Internet Explorer, Opera, etc. Acessado em outubro de 2015.

Figura 9 - Timeline do *Twitter* da UFAM.



Fonte: <<http://twitter.com / #! / fapeam>>. Acesso em novembro de 2015

O *Twitter* tem bastante visibilidade no meio virtual e através dele o usuário poderá monitorar perfis de interesse, bem como ter a atualização de sua página monitorada por outros usuários.

A figura 9 apresenta a interface da Ufam no *Twitter* com destaque para a brevidade do texto e para a divulgação dos eventos relacionados à Universidade. De acordo com Fernandes e Barbalho (2011), “pesquisadores e professores também podem se beneficiar pelo uso do *Twitter* por meio da exposição da sua autoridade e de opiniões sobre temas e linhas de pesquisa” (FERNANDES, BARBALHO; MONTEIRO, et al., 2011, p. 200).

Por meio do *Twitter*, o pesquisador divulga de forma rápida a publicação e endereço do texto completo, além de ficar disponível para feedback dos usuários (seguidores) de sua rede.

A rede mundial de computadores proporciona, dessa forma, um conjunto de estratégias inovadoras para os processos de interação social, mediados pelo computador e novas formas de trabalho coletivo, de produção e circulação de informações e de construção cooperativa de conhecimento.

O *Facebook* é a ferramenta empregada para divulgação em grupos de interesse, os quais são segmentados, constituindo este o objetivo da ferramenta.

Figura 10 - Grupo Bioinformatics no *Facebook*.



Fonte: <<http://www.facebook.com/#/pages/Bioinformatics/28854648334>>. Acesso em outubro de 2015.

Para Bailey e Zanders (2008), citados por Fernandes e Barbalho (2011) “o *Facebook* é classificado como um site de rede social, uma vez que a presença dos indivíduos é visível a todos que têm acesso ao site, os quais podem interagir” (FERNANDES, BARBALHO; MONTEIRO et al., 2011, p. 201).

O *Facebook* conecta as pessoas por meio de afinidades tanto no campo profissional como pessoal e é uma ferramenta de rede social que possibilita o uso de fóruns. Tem destaque na Internet, onde os usuários podem criar gratuitamente uma conta, inserir contatos e compartilhar todo tipo de material (vídeos, textos etc.).

De acordo com Fernandes e Barbalho (2011, p. 200) o mundo da comunicação científica está mudando rapidamente, através da introdução de novas ferramentas baseadas na Web 2.0. No entanto, os sites que perduram são aqueles que oferecem aplicações que agregam valor.

Muitos pesquisadores têm aproveitado as ferramentas disponíveis na *web*, ajudando fortemente no desenvolvimento de ideias científicas. Os grupos científicos fechados e hierarquizados buscam se adaptar a estas novas estruturas, o que tem dinamizado a produção e a difusão científica, e aproximado a ciência da sociedade.

A participação interativa que estas ferramentas disponibilizam tem contribuído para esta aproximação e beneficiando leitores e autores.

Ou seja, a comunicação não ocorre apenas na oralidade ou na escrita, ela se apresenta através do som, da cor, da imagem, do cheiro, das manifestações culturais e etc. (DIAS, PEREIRA; CORREIA et al., 2012, p.177).

E vai muito além disso, pois pesquisadores trabalham e estudam de forma cooperativa, mediante os padrões dinâmicos das redes sociais, as quais promovem a participação interativa entre as pessoas e propiciam a aproximação da ciência com a sociedade, beneficiando leitores e autores, e todos que estão conectados em rede.

Nesse sentido ampliam-se os sentidos da comunicação, ao mesmo tempo que ultrapassa os meios físicos e ganha destaque na virtualidade, proporcionando dessa forma, um conjunto de estratégias inovadoras para os processos de interação e transformação social, conforme as conveniências dos adeptos das redes sociais, mediados pelo computador promovida pelo ciberespaço.

4.6. A Universidade e as possíveis novas configurações dos mapas da comunicação institucional

Diante de todo esse contexto interpretativo e informativo, cabe às universidades federais interagirem com o que há de novo, produtivo e útil e descobrir ou conceber novos caminhos que conduzirão a uma evolução, cooperando para (re)construir e se reinventar. Especificamente à UFAM interessa dar atenção principalmente, para os ecossistemas comunicacionais na Amazônia, às distâncias consideráveis entre as localizações geográficas em que se situa a universidade e em tudo aquilo que a envolve. Além disso, esta tem o imprescindível dever de reconhecer a fronteira entre linguagem erudita e/ou técnica e as linguagens diversas das redes sociais.

É importante também entender que o encontro entre culturas é uma experiência dialógica e também semiótica. O pensamento sistêmico alcança um dos aspectos mais caros do mecanismo semiótico da cultura: A tradução da tradição. Esse mecanismo é considerado fundamental para a compreensão do que se denomina intervenção semiótica da cultura.

Lótman descreve a tradução da tradição. Para ele, as linguagens, os textos que possuem sentido para um grupo social e fazem parte da memória deste grupo, como menciona Velho (2009), reorganizam-se a partir de encontros dialógicos com outros grupos. Traduzem dados e estímulos para linguagens enraizadas em seu

próprio ambiente e tradição, conformando novos signos, novas linguagens e novos textos.

A tradução da tradição pode ser compreendida como um encontro entre diferentes culturas a partir do qual nascem códigos culturais que funcionam como programa para ulteriores desenvolvimentos. Conforme Machado,

[...] na tradição da cultura eslava, os códigos culturais que se desenvolveram no encontro entre os povos eslavos e bizantinos podem ser considerados programa de comportamento, cujo principal objetivo era traduzir a tradição. [...] Que são os ícones senão recodificação de sistemas figurativo e narrativo produzido entre encontro de culturas? [...] os modelos que vieram de outro contexto foram retrabalhados dando origem a linguagens plásticas específicas. Em torno dele gravitavam, igualmente, outros sistemas: a arquitetura em pedra, a pintura monumental, os mosaicos [...] cada um deles constituiu um sistema dotado de linguagem visual própria, resultante da reformulação de modelos artísticos bizantinos segundo a tradição que lhe foi conferida pelo contexto eslavo. [...] a tradição foi assim traduzida fazendo com que o novo sistema se tornasse tributário de outros, que não foram, assim destruídos, mas recodificados. Cria-se uma linha de integração de sistemas... (MACHADO, 2003, p. 30-31).

Tais informações e conhecimentos certamente favorecem o adentrar mais profundo no objeto de estudo aqui disposto, ou seja, a comunicação institucional na universidade a partir do encontro entre linguagens, pois o momento se apresenta como se existisse um duelo ou um embate entre a erudição universitária e a informalidade no perfil das redes sociais virtuais.

Nesse sentido, torna-se importante atentar aos estudos dos semioticistas que observaram e perceberam as diferenças culturais e se valeram do que afirma Bakhtin, citado por Machado (2003) que entre culturas diferentes o que importa são duas formulações:

A primeira é a ideia de que toda cultura vive uma grande temporalidade por ser uma unidade aberta; a segunda é a noção de que a identidade de uma cultura se constitui a partir do olhar do outro, daquilo que se chama extraposição. A cultura alheia só se manifesta mais completa e profundamente aos olhos de outra cultura. [...] No encontro dialógico, as duas culturas não se fundem nem se mesclam, cada uma conserva sua unidade e sua totalidade aberta, porém ambas se enriquecem mutuamente (MACHADO, 2003, p. 28).

O conceito de fronteira é polissêmico. A noção de fronteira é ambivalente: tanto separa quanto une e é sempre divisa de algo que pertence a ambos os lados

da divisão cultural, a ambas semiosferas contíguas. A fronteira é bilíngue e polilíngue.

A fronteira é um mecanismo para a tradução de textos de uma semiótica estrangeira em nossa linguagem. É o lugar onde o que é externo é transformado em interno, é o filtro da membrana que transforma o texto alheio e o torna parte da semiótica interna da semiosfera ainda que mantenha suas próprias características (LÓTMAN,1990, pp.136-7). Na obra *La semiosfera I*, Lótman explica o conceito de fronteira na Semiótica:

“Uno de los conceptos fundamentales del carácter semióticamente delimitado es el de frontera. Puesto que el espacio de la semiosfera tiene carácter abstracto, no debemos imaginarnos la frontera de ésta mediante los recursos de la imaginación concreta. Así como en la matemática se llama frontera a un conjunto de puntos perteneciente simultaneamente al espacio interior y al espacio exterior, la frontera semiótica es la suma de los traductores <<filtros>> bilíngues pasando através de los cuales un texto se traduce a outro language (o languages) que se halla fuera de la semiosfera dada” (LÓTMAN,1996, p. 24).

Nada além de um mecanismo dialógico comanda as operações semióticas da fronteira, transformando a informação (não-texto) em texto. Também a quantidade se transforma em qualidade e, portanto, em sistema semiótico qualificado dialogicamente. E nada melhor do que saber que as próprias linguagens que interagem no espaço semiótico funcionam como agrupamento de outros espaços semiosféricos. Nesse respeito, diz Lotman que “a linguagem é uma função, um agrupamento de espaços semióticos, cujas fronteiras, por mais claramente definidas, estão em autodescrição gramatical de linguagem, estão, na verdade, corroídas pela semiose, e cheias de formas em trânsito (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p. 31).

De acordo com Fidalgo (1999, p. 16) o modelo semiótico considera inseparáveis o conteúdo e o processo de comunicação. Conteúdo e processo condicionam-se reciprocamente, pelo que o estudo da comunicação passe pelo estudo das relações sógnicas, dos signos utilizados, dos códigos em vigor, das culturas em que os signos se criam, vivem e atuam.

Portanto, ao analisar a antropossemiose desse fenômeno do distanciamento de formatos entre informação veiculada por mídias distintas, o que se constata é a necessidade de ponderação, pelo comunicólogo, não apenas das características dos sujeitos envolvidos, mas também do processo de comunicação, já que este também será determinante para o próprio conteúdo da informação.

É justamente ao considerar-se tal influência simultânea que são concebidas distinções entre a linguagem empregada nas redes sociais e nos demais meios de comunicação escritos. Enquanto aquela exige dinamismo e simpantriolicidade viabilizadores da propagação célere do conteúdo, esta prima por uma maior completude da informação. Isso porque se sabe de antemão que, quem busca um ou outro sabe o que almeja encontrar, de modo que, mesmo sendo o mesmo na essência o conteúdo de uma mesma notícia, virá decerto a diferir conforme a veiculação ocorra por determinado meio.

Transpondo tal realidade diretamente para o campo de atuação das assessorias de comunicação das universidades, é preciso ressaltar que grande parte da informação apurada no meio científico utiliza termos técnicos de difícil compreensão mesmo para cientistas alheios à respectiva área de atuação, quanto mais para cidadãos não-familiarizados com a academia. Nessa esteira, cumpre ao profissional de comunicação promover a decodificação dos signos envolvidos, promovendo a acessibilidade ao conteúdo respectivo.

Assim sendo, a partir do entendimento da antropossemiose, da demarcação de fronteira entre erudição universitária e a informalidade nas redes sociais virtuais e desse encontro dialógico, cujas fronteiras são porosas, abertas e corroídas pela semiose é que nascem novos códigos culturais que funcionam como programa para ulteriores desenvolvimentos.

Segundo Irene Machado (MACHADO, 2003, p. 156), o código é o centro nervoso e o principal desafio dos sistemas modelizantes e, conseqüentemente da semiótica sistêmica. Os códigos culturais funcionarão, assim, como programas de controle, tal como havia sido previsto pela cibernética. Todo código é um sistema modelizante: trata-se de uma forma de regulação necessária para a organização e desenvolvimento da informação. A evolução dos códigos da cultura oral, escrita,

impressa, das mídias e digital foi se realizando gradativamente. Os códigos culturais são definidos como sistemas semióticos, pois de acordo com Machado (2003),

são estruturas de grande complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações com um duplo objetivo: regular e controlar as manifestações da vida social, do comportamento individual ou coletivo. Segundo tal concepção, os seres humanos não somente se comunicam com signos como são em larga medida controlados por eles. Desde a mais tenra idade, os homens são instruídos segundo códigos culturais da sociedade. A cultura não pode organizar a esfera social sem signos, afirmam os semioticistas (MACHADO, 2003, p. 156).

A cultura pressupõe sistemas de signos cuja organização reproduz comportamentos distintos daqueles considerados naturais, que são assim culturalizados por algum tipo de codificação.

[...] Os códigos como sistemas modelizantes e modeladores têm a função de culturalizar o mundo, isto é, de conferir-lhe uma estrutura da cultura. O resultado final é a transformação de um não-texto em texto. Esse é o mecanismo elementar da cultura que não se limita à sociedade [...] para a abordagem semiótica[...] cultura não se confunde com sociedade. Cultura significa o processamento de informações e, conseqüentemente, organização em algum sistema de signos ou de códigos culturais. Nesse sentido, a semiótica da cultura trabalha com um intervalo: a transformação da não-cultura em cultura. (MACHADO, 2003, p. 33-39).

Os códigos culturais da universidade é que regulam o seu comportamento. É resultado da sua história, da construção de sua identidade, de seus valores, missão e visão que pressupõem manutenção e zelo não só pela sua memória como instituição forte e tradicional, mas também porque tornaram-se notáveis por conquistarem e avançarem no campo do saber, da erudição e do conhecimento em nível superior.

Isso quer dizer que a cultura institucional da universidade e/ou seus códigos culturais envolvem todos esses elementos enquanto a cibercultura, diferentemente das culturas que a precederam, conduz-se pela indeterminação de um qualquer sentido global, ou seja, pela comunicação aberta pela interligação mundial de computadores e enfim, pelos mundos virtuais multiparticipantes.

Nesse sentido, quando a universidade incorpora os códigos e sistemas culturais, tanto ela quanto as redes sociais ganham, porque a universidade devolve de maneira trabalhada para a sociedade as suas respostas, movida pelas necessidades e exigências sociais, diante da modernidade líquida e pelo espírito

democrático, colaborando e publicando muitas das suas atividades, programas, entre outros, e, desse modo, as redes sociais virtuais possam se inserir no ambiente considerado erudito e conservador, modificando estruturas antes quase inquebrantáveis.

Nesse aspecto, a partir de questionamentos e respostas, a universidade deve reconhecer que não só há necessidade de se adaptar aos recursos midiáticos de modo cuidadoso, em prol dos seus próprios objetivos e metas, mas também de ressignificar a informação, pois através das redes sociais virtuais, haverá possibilidade de mensurar a repercussão da mensagem, porque essa estará acessível ao público de forma horizontalizada e democrática e este público poderá auxiliar as assessorias de comunicação a avaliá-las.

Ainda que Howard Rheingold (1993), citado por Tiffin e Rajasingham, tenha chamado a internet de “fronteira da sociedade, um local onde a lei e a ordem ainda não existiam”, Castells (2003) caracteriza o novo sistema de comunicação baseado na integração por meio de rede no ambiente digital como sendo de grande capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais, pois transformam-se radicalmente o espaço, tempo e dimensões fundamentais da vida humana e as redes sociais virtuais são importantes recursos, tanto profissionais quanto pessoais.

A comunicação nos meios digitais cresceram exponencialmente e, com o advento das redes sociais e a evolução dos celulares, notebooks, tablets, entre outros, a internet ocupa o cotidiano das pessoas e estas podem conectar-se em rede constantemente.

Conectar-se à internet ou ao novo sistema de comunicação é estabelecer trocas contínuas, atendendo e conectando todas as demandas da UFAM, cuja sede é distanciada de determinados polos no interior do Estado. É ainda concretizar as políticas educacionais inclusivas (Licenciaturas indígenas e em Letras/LIBRAS), estimular o estudante, o servidor, o professor, tanto da capital quanto do interior a melhor conhecer seu ambiente de trabalho/estudo, os equipamentos disponíveis na universidade que favoreçam um bom desempenho acadêmico, ou seja, melhorar o relacionamento entre seus públicos internos e externos.

A figura seguinte é um dos demonstrativos da contagem regressiva para a realização do ENEM 2015, que tinha o objetivo de motivar e lembrar os candidatos

para o comparecimento nos dias de provas, pois sempre acontece de alguns alunos, por vários motivos ou desinformação, não comparecerem aos exames ou chegarem atrasados.

Figura 11 - Contagem regressiva para o ENEM 2015, postada no *Facebook*.



Fonte: ASCOM – UFAM

As redes sociais virtuais são úteis para percorrer os caminhos do conhecimento e como fontes propagadoras não só de acontecimentos relevantes na instituição, mas também da produção de conhecimento, de trabalhos científicos, que possam circular em toda a comunidade universitária, e, no caso da UFAM, em todas as esferas da sociedade amazonense, amazônica e brasileira.

Vale ressaltar, de acordo como que diz Pereira (2011) “que todo o esforço para fundar o campo de estudos dos ecossistemas comunicacionais de nada valerá se não formos capazes de olhar o entorno e responder às emblemáticas questões da cultura na Amazônia”.

A interatividade estimula a efetiva troca de informações entre a UFAM Multicampi e a ASCOM. Profissionais e pesquisadores procuram se inserir neste novo cenário, pois é um caminho motivador, eficiente e eficaz para a difusão, intercâmbio de conhecimento e projeção profissional e possibilita promover fóruns e

contribuição dos pares na evolução dos seus estudos. Estudantes, professores e toda a comunidade acadêmica envolvem-se mais, melhor e de modo mais consciente e seguro nas atividades acadêmicas. Através da figura a seguir, mostra-se mais uma das experiências vivenciadas pela atual Assessoria de comunicação:

Figura 12 - Postagem no *Facebook* sobre solicitação de matrícula.



Fonte: ASCOM - UFAM

A figura 12 postada no *Facebook* da UFAM foi destinada à divulgação do calendário acadêmico que anunciava período de solicitação de matrícula. Enquanto no site institucional o calendário é colocado entre os links de destaque; no *Facebook* é transformado em *meme*, o que chama atenção e faz bastante sucesso entre os usuários, principalmente estudantes, dada a expressiva repercussão nas redes sociais.

Raquel Recuero (20011) discorre sobre o conceito de *meme*, o qual foi cunhado por Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O estudo dos *memes* está diretamente relacionado com o estudo da difusão da informação “e de que tipo de ideia sobrevive e é passada de pessoa a pessoa e que tipo de ideia desaparece no ostracismo.[...] A presença dos *memes* é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários

para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo. Por exemplo, as pessoas que espalham os recados com imagens acreditam estar fazendo algo positivo, que deixará aquele que recebeu a mensagem contente (RECUERO, 2011, p.116).

Observe-se que a partir dessa interatividade nas redes sociais digitais até mesmo pessoas que não são relacionadas diretamente com a UFAM sejam estimuladas a ingressar em um curso superior na referida universidade e/ou escolhê-la entre as demais pelas observações feitas em suas postagens e demonstrativos, porque as redes sociais alcançam os mais longínquos lugares, tanto citadinos quanto rurais, como se viu na comunidade de Suruacá, em plena Amazônia, no vizinho Estado do Pará.

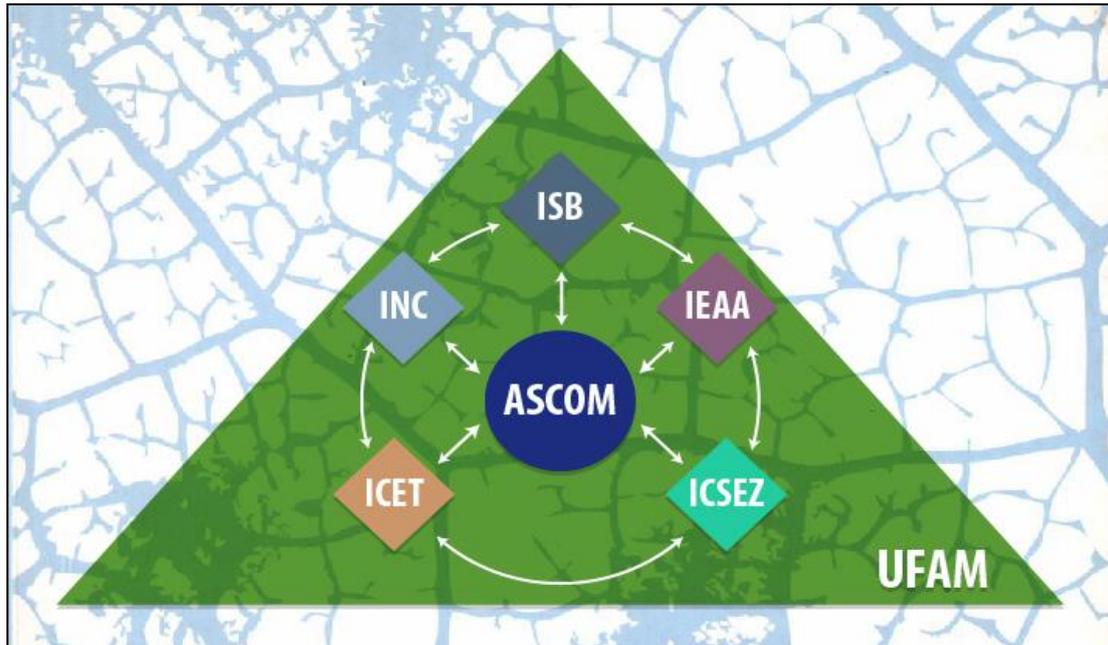
Os recursos visuais e audiovisuais e de diversas linguagens criadas a partir da interatividade horizontalizada podem e devem ser aproveitados para que, junto com a linguagem erudita da universidade, sirva não só como meio de informação, mas de comunicação entre a comunidade interna e externa das universidades e, ao mesmo tempo, estando em contato, por meio das redes sociais com a sociedade. Só tomando como exemplo, é interessante observar como muitas imagens criadas nas redes sociais comunicam pelas expressões fisionômicas apresentadas que expressam tristeza, alegria, atenção, choro, raiva; outras pelas representações paisagísticas e assim por diante. Imagens somente, não falam, mas comunicam e levam o internauta a inúmeras interpretações, inúmeras semioses.

São ícones, índices e símbolos que a tecnologia da informação disponibiliza associada à semiótica que enriquecem a comunicação mediada pelas redes sociais, produzindo variados significados. Atentar ao que enfatizam Monteiro e Colferai (2011) é importante para obter mais subsídios no sentido de elaborar um novo mapa comunicativo institucional da UFAM.

Se por um lado os estados da Amazônia brasileira são aqueles em que a população tem o menor índice de acesso às tecnologias da informação e comunicação, por outro, é onde os recursos da internet apresentam maior crescimento, e principalmente, é por nós considerada como a região em que as potencialidades locais podem ser mais profundamente exploradas para a integração das populações (MONTEIRO; COLFERAI; MALCHER et al., 2011, p. 43).

O mapa comunicativo institucional ficaria diferenciado porque passaria a fazer parte das redes sociais digitais, sem resistências, de um modo intrincado aos ecossistemas comunicacionais dentro de uma compreensão semiótica.

Figura 13 - Demonstrativo do possível mapa comunicacional da ASCOM/UFAM interrelacionado com as redes sociais virtuais na Amazônia e com a rede mundial de computadores.



Fonte: Diagrama elaborado pela autora deste trabalho de dissertação.

O diagrama mostra a universidade inserida nas redes sociais e no contexto amazônico. A pirâmide representa a Universidade Federal do Amazonas, que se trata de uma organização que faz parte do Sistema Educacional Brasileiro em nível superior.

Em seu centro, representada por uma circunferência está a ASCOM (Assessoria de Comunicação da Universidade), a qual é interligada aos cinco polos UFAM-Multicampi, e vice-versa, sendo estes representados por losangos. Considerando que o losango é uma figura geométrica que possui quatro ângulos, todos os quatro apontam para todos os lados buscando interligações, ou seja, os polos Multicampi além de interligados à ASCOM são também entre si e o conjunto todo interligado, via Internet, com a rede mundial de computadores e na rede plural de linguagens amazônicas.

Pelas características do diagrama pode-se perceber como as linguagens, todas as linguagens, são o eixo sustentador de todo o processo comunicativo e, sobretudo a sua importância no campo da comunicação.

Além disso, observa-se ainda que através da conexão com as redes sociais, através desse eixo sustentador do processo comunicativo (linguagens) a UFAM se firma na sua história, memória e identidade, não só como organização pertinente ao Sistema Educacional Brasileiro, mas também por sua identidade amazônica, que se mostra, torna visível o que era escondido, ou que tem resistência para mostrar, e se revela fazendo-se conhecer, conectada em rede na Amazônia e no mundo e, sobretudo, incorporando-se a um novo e necessário paradigma.

Tem a oportunidade também de abrir espaços para divulgações científicas e eventos quando se integra nas redes sociais, de forma consciente e responsável, com base teórica e a partir do reconhecimento das necessidades de superação de barreiras e de integração às redes, que pode beneficiar não só os que participam dos quadros da universidade, tanto na capital quanto no interior, mas a todos, porque aproxima a universidade da sociedade. Isto é, passa a incorporar um novo código, um novo comportamento que muda seus rumos em termos de comunicação, a partir de elementos constitutivos dos ecossistemas comunicacionais e da Semiótica e por se beneficiar do que oferece a Tecnologia da Informação.

A UFAM pode e deve formular e formalizar um plano estratégico que contemple o que ela pode aproveitar das novas linguagens introduzidas pelas redes sociais virtuais e, nesse sentido, viabilizar conscientemente uma verdadeira comunicação institucional na era da pós-modernidade, tendo em vista que no tempo certo as universidades mudam quando precisam.

De acordo com Nakagawa (2008), é somente pelo encontro entre diferentes esferas culturais que é possível apreender a resignificação que um novo meio ou ambiente ocasiona em outros meios e ambientes já existentes.

Desse modo, compactua-se com o que diz Pereira (2011), “o que garante a sobrevivência das comunidades formadas por organismos distribuídos em diferentes habitats do planeta não é o ambiente natural, mas a comunicação, a linguagem ou ainda as linguagens nas quais estão imersos sistemas culturais, tecnológicos e biológicos humanos”.

A partir da inserção da universidade nas redes sociais, feita de modo responsável, estratégico, consciente e comprometido com a sociedade e com a cultura, são formados novos vínculos que vão se juntar aos mais variados que já existem na região amazônica, às mais variadas linguagens e formas de se comunicar existentes e tecidas nessa imensa região.

Desse modo, a configuração dos mapas da comunicação institucional nas universidades e principalmente da UFAM mudaria, funcionando de modo construtivo, democrático, horizontalizado, acessível aos cidadãos no sentido de troca, interação, participação, notabilizando-se pela vocação gregária humana, vista e percebida desde os tempos mais remotos, e pela democracia, como afirma Pierre Lévy (2014, p. 64) que só “progredirá explorando da melhor forma as ferramentas de comunicação contemporâneas”.

4.7. A necessidade de uma ação estratégica ainda que em condições desafiantes concretas

Ao compreender a comunicação institucional da Universidade como produção das linguagens da cultura depara-se com a necessidade de direcionar suas ações para a utilização das redes virtuais, com impactos sobre a atividade da tradicional interlocutora e intermediária dessa atividade, no caso, a imprensa, que, portanto, ao menos aparentemente, ganhou, com a consolidação da internet, uma aliada e uma concorrente, pois o trabalho de uma instituição não depende mais predominantemente da imprensa para ter visibilidade e alcance.

O aporte processual e conceitual das TIC's¹⁵ para o campo da comunicação fez com que termos como interatividade, multimedialidade e hipermedialidade passassem a integrar, de acordo com Kunsch (2008, p. 170), a rotina do processo comunicativo nos ambientes corporativos, institucionais, midiáticos e sociais. É um processo agora sustentado por um contexto retórico que privilegia a policronia¹⁶ e a multidirecionalidade¹⁷. Essa mudança promove o rompimento com métodos e

¹⁵. Tic's = tecnologias digitais de informação e comunicação.

¹⁶.Policronismo são as múltiplas relações temporais que ocorrem entre a emissão e a recepção no ciberespaço – fazendo com que uma única elocução feita por um emissor possa ser recebida em coordenadas temporais completamente diferentes e por receptores distintos.

¹⁷Multidirecionalidade – a troca de muitos para muitos, fazendo com que apenas no ciberespaço ocorram trocas comunicacionais, personalizadas e interativas Kunsch (2008, p. 170)

técnicas empregados até então nos estudos da comunicação. Pela visão sistêmica, encontra-se na semiótica a possibilidade teórica que permite analisar as modificações ocorridas na linguagem ao se metamorfosearem com o suporte digital. Nesse sentido, o encontro entre os textos e códigos já existentes e o sistema tecnológico gera um novo produto, ou novos textos, num fluxo constante de codificação-decodificação, recodificação dos signos, alimentando o ciberespaço.

Propõe-se um olhar amplo sobre os principais aspectos da comunicação digital que devem ser levados em conta nos planos estratégicos da comunicação de qualquer tipo de organização. Diz Druker (1994), citado por Endo (2003):

A comunicação de uma organização sem fins lucrativos deve ser planejada, tanto para facilitar sua gestão, melhorar a produtividade do ambiente organizacional e conseguir transmitir seus ideais, seu trabalho e seus valores de forma consistente, quanto para evitar que sua imagem seja construída de forma negativa ou distorcida”. (ENDO, 2003, p.118).

As universidades federais brasileiras, em especial, a Universidade Federal do Amazonas, certamente ingressaram nas redes sociais virtuais atentas às novas tendências dos processos comunicativos. Após serem impelidas a acompanhar essa evolução da Internet, é momento de avaliar com cuidado essa interação para saber até que ponto a utilização das redes sociais online viabilizam a divulgação de atividades institucionais sem prejudicar a imagem, ou a identidade da universidade. Bueno (2005) menciona:

Se a universidade se dispõe (ou é obrigada) a estabelecer novos vínculos com a sociedade, então ela precisa redimensionar o seu perfil comunicacional. Isso implica atribuir nova escala de valores ao trabalho de interação com os seus distintos públicos de interesse e priorizar os relacionamentos. Sem perder os seus objetivos básicos – pesquisa, ensino e extensão – precisa capacitar-se para exercê-los plenamente a partir de uma nova proposta de comunicação, que privilegie a transparência, o diálogo, o compartilhar do saber e a responsabilidade social. (BUENO, 2005, p. 51).

Cabe repensar a estratégia da presença digital dentro de um modelo, de uma proposta de adequação entre cultura da corporação, “proximidade de seus públicos estratégicos com os meios digitais, dos conteúdos essenciais que deviam ser expressos para cada público a partir daquela cultura e daí, sim, a definição da ferramenta mais adequada para a expressão” (KUNSCH, 2008, p. 17).

Importa ainda observar a classificação que Restreppo (CURVELO, 2001) faz para a comunicação organizacional, dividindo-a em quatro dimensões: a primeira seria a da informação (que daria forma ao sistema), baseada nas operações próprias de cada organização e no sistema normativo, entre outros elementos constitutivos. A segunda seria a da divulgação, na acepção de tornar público. A terceira dimensão é a cultural, no sentido de processos socializadores e legitimadores, como ritos e rituais, por exemplo. A última dimensão é a da participação, onde se reforçam os vínculos, os compromissos, mediante o reconhecimento do outro, num processo marcado pela empatia como menciona Restreppo (CURVELO, 2001).

Torquato (2002, p. 35), por sua vez, afirma que a comunicação organizacional “é a possibilidade sistêmica que, integrada, reúne as modalidades de comunicação cultural, comunicação administrativa, comunicação social e sistemas de informação”. Assim sendo, a comunicação organizacional é uma área complexa e estruturalmente multidisciplinar até porque “os processos de comunicação na atualidade se dão a partir de uma constelação de mídias, on e off-line, estabelecendo-se uma economia comunicacional interativa, participativa e interconectada” (CARDOSO 2007, 2010, apud Martinuzzo, 2013, p. 9).

Desse modo, a ação estratégica pode se dar em condições desafiantes concretas, o que mobiliza o profissional a pensar e, como acrescenta Martinuzzo (2013), “decidir e fazer o que for melhor para o assessorado, considerando todas as variáveis que condicionam a existência da organização e os seus processos internos e externos”. Wilson Bueno afirma que “comunicação integrada significa não apenas que as atividades de comunicação estão articuladas, mas que elas se integram ao processo de gestão, do planejamento, de marketing e que obedecem a uma política e diretrizes comuns” (BUENO, 2005 p. 97).

Cabe, a partir de agora, à assessoria de comunicação da Ufam, diante de um cenário midiático em transição: planejar estrategicamente, amparada na Semiótica peirceana e da Cultura e pela tecnologia da informação, como aperfeiçoar a sua inserção nas redes sociais virtuais que soberanamente apadrinham a policronia e a multidirecionalidade, tendo em vista que a comunicação tem um papel fundamental na construção de sentido no ambiente organizacional e é pela comunicação que as

culturas e as organizações, como sistemas sociais, realizam sua autopoiese e que se pode conhecer a identidade de uma organização.

Desse modo, pode-se propiciar familiaridade com a ciência semiótica e com o universo de toda malha sígnica e seus desdobramentos, ampliando o entendimento e a compreensão desta ciência nos processos comunicativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante condições e potenciais humanos, a comunicação passa por várias fases, cada uma delas caracterizando-se pela utilização de novas formas, abrangências e capacidade de se comunicar e, desse modo, percebe-se o avanço da tecnologia da comunicação.

De fato, o rádio e a TV serviram como meios importantes no processo de massificação da informação no século XX, mas também o avanço das ciências da informática no século XXI veio causar impacto e mesmo reestruturação da comunicação social, notadamente em função do incremento da internet e das redes sociais e da portabilidade dos meios de informação.

O advento de novas tecnologias que eliminam limitações de tempo, espaço e fronteiras alterou não somente o modo de se comunicar e o relacionamento entre as pessoas, mas também as relações da universidade com o mundo exterior e a própria concepção convencional da instituição como um espaço necessariamente físico de encontro entre professores e alunos para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em outras palavras, para sobreviver nesse contexto emergente, a universidade tem que se transformar, adaptando-se a ele e acoplando-se ao arsenal das tecnologias emergentes.

Tal adaptação da universidade à realidade imposta pela globalização teve e tem impacto direto na própria linguagem universitária, tradicionalmente marcada pelo rebuscamento e isso continua em especial no ambiente provinciano como é às vezes o nosso. Percebe-se que tal impacto não se refere ao campo da produção acadêmica (cuja linguagem continua marcada pela erudição), e sim no campo da comunicação institucional.

Os profissionais que trabalham com a comunicação institucional têm o dever de conhecer a realidade que as universidades sempre vivenciaram e vivenciam, em maior ou menor grau, e o dilema existente em conciliar a manutenção das tradições que legitimam sua própria relevância social e a integração com o mundo em volta. Sabe-se também que a própria universidade precisa quebrar algumas barreiras ainda existentes em seu meio e mediante o cultivo do conhecimento, agir, com flexibilidade e equilíbrio, para se integrar a um novo mapa comunicativo.

Para que aconteça essa quebra de barreiras ou de paradigmas, é preciso entender que o ser humano descobriu a comunicação como necessidade e evoluiu com ela, quando começou a perceber e ultrapassar barreiras e fronteiras físicas territoriais, superando-se cada vez mais porque tem capacidade de ampliar a maneira de se comunicar através de meios criados por suas necessidades.

Partindo desse entendimento, percebe-se o lugar do homem em seu habitat natural, comunitário e social, onde amplia conhecimento através da comunicação e interação. Nesse lugar que pode ser caracterizado como espaço-temporal estabelece-se a potencialização para novas descobertas, para as novas formas de comunicação, formação de conceitos, novas ideias e formas de viver e interagir.

As vivências e convivências dos seres humanos mostram a complexidade humana que se manifesta ao longo do tempo na medida em que se compreende que o ser humano é um ser social, emocional, mental, que tem necessidade de afeto, de compartilhar sentimentos, aprender, colaborar e, desse modo, comunicar-se e interagir com outras pessoas. Morin (2012, p. 30) enfatiza o ser humano como “hiperdinâmico, um metavivo a partir das suas aptidões organizadoras e cognitivas, cria novas formas de vida, psíquicas, espirituais e sociais”.

O pensamento sistêmico traz subsídios para compreender o humano, o social e a necessidade inerente ao homem de se comunicar, pois trabalha com uma nova visão das relações humanas, com o contexto que as pessoas, as famílias e as instituições se inserem. O ser humano não é isolado, está em constante movimento e relação com os outros, em uma dinâmica contextualizada que reflete no seu modo de ser e pode influenciar no modo de ser do outro.

Quanto mais complexos são os sistemas em interação, quanto maior o número de elementos participando desse processo, mais sofisticadas são as opções de troca e, também, as relações que se criam entre eles. Os organismos se manifestam, então, de acordo com o ambiente em que vivem, acompanhando suas modificações, e este mesmo movimento se dá nos sistemas culturais, com as formas de expressão chamadas de “linguagens” (VELHO, 2009).

Nesse sentido, os processos comunicativos não podem ser encarados como algo isolado e, assim sendo, mediante o estudo dos Ecossistemas Comunicacionais exige dar atenção ao Pensamento Sistêmico porque é um novo modo de pensar em termos de conexidade de relações, de contexto. Relembrando que Ecossistemas

Comunicacionais é um “campo de estudos emergente no qual os processos comunicativos são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os sistemas que dão vida às práticas comunicativas nas diferentes instâncias enunciativas da cultura” (MONTEIRO, ABBUD, PEREIRA, 2011, p. 9).

A partir de estudos e pesquisas diversas para essa dissertação, encontrou-se também no conceito de semiose um guia para percorrer o caminho da investigação em comunicação, uma vez que este diz respeito a uma ação inteligente, que envolve processos de interpretação, conhecimento e pensamento (PEREIRA; MONTEIRO et al., 2011, p. 14). Procurou-se demonstrar o que Lúcia Santaella (2012, p. 13) menciona: “o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências de linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem”.

Baseando-se em tais conteúdos e conhecimentos mostrou-se nesse trabalho, até para efeito de exemplificação como explicam Rabassa e Freitas (2012) no artigo denominado *A comunicação comunitária e a promoção da cidadania na comunidade de Suruacá*, “e dessa forma, contribuem para promover a comunicação, que era realizada oralmente ou por meio de cartas entregues aos guardiões de notícias e informações, os barqueiros” (RABASSA, FREITAS; CORREIA et al., 2012, p. 300) a realidade de uma comunidade ribeirinha, situada em Santarém, Pará, contextualizando suas vivências, tanto social, quanto econômica e comunicacional em uma visão ecossistêmica e semiótica, observando como esta comunidade interliga-se tanto no sentido local como no global.

Ao adentrar no universo da comunicação institucional das Universidades Federais Brasileiras percebeu-se que a maioria destas trabalha com postagem de notícias no portal institucional; envio de releases para a imprensa; produção de jornal impresso; jornal mural; clipagem de notícias veiculadas na mídia sobre a universidade; cobertura fotográfica de eventos realizados na instituição; produção de boletins eletrônicos (newsletter) e, mais recentemente, atualização de páginas institucionais nas redes sociais (*Facebook, Twitter e Youtube*). Os setores de Publicidade, Relações Públicas e Cerimonial em diversas instituições também são incorporados à rotina de produção; no entanto, a falta de política de comunicação inibe a integração efetiva dos setores.

Comparando com as universidades americanas, de acordo com Herreros (2010), essas são pioneiras na inserção das mídias sociais enquanto canais de diálogo e vitrines para captação de novos estudantes. Nestes espaços, compartilham notícias, anunciam abertura de novos cursos, noticiam suas atividades, permitem que os estudantes se conectem e se conheçam, apresentam serviços, publicam fotos, escutam, dialogam e se relacionam com públicos de interesse e, inclusive, tiram dúvidas dos alunos sobre assuntos trabalhados em sala de aula.

Os estudos realizados sobre Ecosistemas Comunicacionais dentro de uma compreensão semiótica, tanto da semiótica lógica do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, filósofo norte-americano, quanto da Semiótica da Cultura introduzida pelos russos, a partir de suas atividades e pesquisas na Escola de Tártu-Moscou, que têm como maior referência Iuri Lótman, oferecem novos rumos à comunicação e à comunicação Institucional nas universidades. O entendimento do que se denomina semiose e pluralidade de linguagens como define Santaella - que a Semiótica estuda toda e qualquer linguagem, sendo que estas se apresentam como sinais, traços, cores, movimentos entre outras mil - e de novos conceitos apresentados por esses estudos, permitem ao pesquisador se deparar com teorias e conteúdos significativos que vêm aprimorar conhecimentos e trazer novos subsídios que deem sustentação a um plano estratégico para que sejam estabelecidas mudanças na comunicação institucional das universidades, em especial na Universidade Federal do Amazonas.

É essa a maior questão: muitas universidades brasileiras, depois de aderirem às redes sociais virtuais enfrentam o desafio das novas relações de interatividade proporcionadas pelo mundo digital. Além de a universidade se deparar com o encontro entre linguagens (com a erudição universitária e a informalidade no perfil das redes sociais virtuais), também verifica-se na realidade que há problemas em relação ao diálogo entre a estrutura de poder existente nas universidades, e o seu conjunto de públicos internos com graus diferenciados.

Desse modo o ideal é que a comunicação não se restrinja aos interesses das reitorias ou da administração, mas contemple todo o corpo social existente nas universidades brasileiras, especificamente na UFAM, pois detectou-se mediante a

pesquisa realizada, traços bastante fortes dos modelos tradicionais da comunicação institucional nas universidades federais.

O aprimoramento de conhecimentos e de novos subsídios despertam a atenção para os graus de envolvimento da comunicação institucional da UFAM com a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, abrindo caminhos para as mudanças necessárias a serem implantadas.

Procurou-se, nesse trabalho, contextualizar a Universidade Federal do Amazonas não só no universo das Universidades Federais Brasileiras, mas também no amazônico, enfatizando a necessidade de colher o que há de melhor oferecido pelas redes sociais digitais para adequar à comunicação institucional da universidade. Tome-se como exemplo a comunicação horizontalizada e democrática, a otimização da comunicação institucional visando seu público interno e externo, assim como compartilhar o saber e o conhecimento com a sociedade amazonense, amazônica e brasileira, o que se alcança com a interatividade que promovem as redes sociais digitais.

A comunicação institucional deve ter a capacidade de traduzir a linguagem universitária para um público externo, seja este ou não habituado com a cultura erudita, porque é tempo de ocorrerem mudanças nas universidades no sentido de promover a socialização do conhecimento.

A partir de todas as considerações tecidas anteriormente, propõe-se um olhar amplo sobre os principais aspectos da comunicação digital que devem ser levados em conta nos planos estratégicos da comunicação institucional nas universidades.

A comunicação de uma organização sem fins lucrativos deve ser planejada, como diz Druker (1994) citado por Endo (2003, p.118), “tanto para facilitar sua gestão, melhorar a produtividade do ambiente organizacional e conseguir transmitir seus ideais, seu trabalho e seus valores de forma consistente, quanto para evitar que sua imagem seja construída de forma negativa ou distorcida”.

As universidades federais brasileiras, em especial, a Universidade Federal do Amazonas, certamente ingressaram nas redes sociais virtuais não por modismos, mas atentas às novas tendências dos processos comunicativos. Após serem impelidas a acompanhar essa evolução da Internet, é momento de avaliar com cuidado essa interação para saber até que ponto a utilização das redes sociais

online viabilizam a divulgação de atividades institucionais sem prejudicar a imagem, ou a identidade da universidade.

Se a sociedade da informação está baseada na tecnologia da informação, cabe também às universidades acompanharem essa trajetória adentrando nessa dimensão virtual e no processo de democratização e de troca do que foi adquirido através de esforços educacionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiano Alvarenga. **Mapeamento das políticas de comunicação nas universidades federais:** análise de contexto e relação com as estratégias de **ação** institucional. Disponível em <http://www.compolitica.org/home/up>. Acesso em outubro de 2015.

BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação Organizacional na perspectiva da Complexidade.** Ano 06- Edição Especial nº 10/11. 2009. Organicon. Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar?> Rudimar. Acesso em março de 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros – Led. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação** (Coleção primeiros passos; 67). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Elisabeth. **Usos e significados do conceito de Comunicação Pública.** Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa em Organização Pública e Organizacional do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

BRETON, Philippe. **A utopia da Comunicação.** Coleção Epistemologia e Sociedade. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa, Instituto Piaget, 1992.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação Empresarial no Brasil: Uma Leitura Crítica.** São Paulo: All Print Editora, 2005.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos; tradução Newton Roberval Eischemberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **O tao da física.** Uma análise dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. Prefácio à edição brasileira: Mário Schenberg; tradução José Fernandes Dias; revisão técnica: Newton Roberval Eischemberg. São Paulo: Cultrix, 2011.

_____. **As conexões ocultas:** ciência para uma vida sustentável. São Paulo, Cultrix, 2002.

_____. **A teia da vida.** São Paulo, Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luíza X. de A. Borges; revisão: Paulo Vaz – Rio de Janeiro, Zahar, 2003

CORREIA, Cláudio Manoel de Carvalho; FREITAS, Ítala Clay de Oliveira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; CAMPOS, Maria Sandra (orgs) – **Processos Comunicacionais** – tempo, espaço e tecnologia. Manaus: Valer, Edua e Fapeam, 2012.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação – do grito ao satélite**. História dos meios de comunicação. 5ª ed. rev. e atual. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2002.

CRATO. Nuno. **Comunicação Social** – A Imprensa. Lisboa: Editorial Presença, 1983, 1986, 1989 e 1992.

CURVELLO, João J. Azevedo. **Autopoiese, sistema e identidade**: a comunicação organizacional e a construção de sentido em um ambiente de flexibilização nas relações de trabalho. 2001. 162f.

DELLY, John. **Semiótica método ou ponto de vista?** Semiose: o objeto da investigação semiótica; Signos: o veículo da semiose. In: *Semiótica básica* (Tradução Júlio Pinto) São Paulo. Editora Ática, 1990.

DOWBOR, Ladislaw. **O espaço do conhecimento**. Texto apresentado para a implantação do curso interdisciplinar de pós-graduação sobre “Espaços do Conhecimento: novas formas de comunicação e aprendizagem” de agosto a dezembro de 1993, na PUCSP.

DRIGO, Maria Ogécia. **Comunicação e cognição**: semiose na mente humana – Porto Alegre: Sulina, Sorocaba: EDUNISO, 2007.

DUARTE, Jorge. **Capital Social e Comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo, Summus, 2009.

DUARTE, Jorge (org) **Assessoria de Imprensa e relacionamento com a Mídia**: Teoria e Técnica. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2010. 472p.

ENDO, Ana Cláudia B. **A gestão da comunicação integrada em instituições de ensino profissional sem fins lucrativos** – Revista de Educação do Cogeime, ano 12, 2003.

FIDALGO, Antônio; Canavilhas, João. **Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular**. In: Rodrigues, Carla (org). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro, Sulina, 2009.

_____. **Semiótica Geral**. Universidade da Beira Interior. Covilhã, janeiro de 1999. Disponível em http://www.bocc.ub.pt/pag/fidalgo-antonio-semiótica_geral.pdf Acesso em 2015.

FINGER, Almeri Paulo (Org.). **Gestão de universidades**: novas abordagens. Curitiba: Champagnat, 1997.

FREIXO, Manuel João Vaz. **Teorias e modelos de comunicação** – Coleção: **Epistemologia e Sociedade**, sob a direção de Antônio Oliveira Cruz. Lisboa: INSTITUTO PIAGET, 2006.

GUEVARA, Arnaldo José de Hoyos. DIB, Vitória Catarina. **Da Sociedade do Conhecimento à Sociedade da Consciência**. Princípios, Práticas e Paradoxos. São Paulo – Saraiva, 2007.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. **Método semiótico**. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª Edição. São Paulo. Atlas, 2009.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (organizadora) **Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

_____, Margarida Maria Krohling. **Universidade e Comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LAMPERT, Ernâni. **Universidade, docência e globalização**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

LEITE, Denise. MOROSINI (Orgs) **Universidade Futurante: Produção do ensino e inovação** – Campinas, SP: Papirus, 1997 (Coleção Magistério: **Formação e Trabalho Pedagógico**)

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva** – por uma antropologia do ciberespaço. Tradução: Luiz Paulo Rouanet – 9ª Ed. – São Paulo. Edições Loyola. 2014

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro, 1994.

LOTMAN, I. **Acerca de la semiosfera**. La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto (selección y traducción del ruso Desiderio Navarro). Madrid: Cátedra, 1996.

_____. **Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica** – A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. Ateliê Editorial FAPESP. São Paulo, 2003.

_____. **Comunicação de sínteses em perspectiva semiótico-evolutiva**: modelização de linguagens, de formatos, do signo informático, de temporalidades. Revista Fronteiras – **estudos midiáticos** - vol 12, nº 2 – maio/agosto de 2010. Universidade de São Paulo, S. Paulo. Disponível em revistas.unisinos.br > article> view. Acesso em setembro de 2015.

_____. **Concepção Sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura / Systemic Conception of the World: Biases of the Bakhtinian Intellectual Circle and the Semiotic**

School of Culture. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013. Disponível em www.scielo.br-pdf/bak. Acesso em outubro de 2015.

MACHADO, Irene; Romanini, Vinícius. **Semiótica da Comunicação: da semiose da natureza à cultura.** In: Revista Famecos: Porto Alegre. V. 17. N. 2. Maio/Agosto, 2010. pp 89-97. disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/7546/5411> (acesso em outubro de 2015).

MAIOCHI, Neusa Fátima. **As Organizações Universitárias e o Processo de Decisão.** In: FINGER, Almeri Paulo (org.). Gestão de Universidades: novas abordagens. Curitiba: Champagnat, 1997.

MALCHER, Maria Ataíde, SEIXAS, Netília Silva dos Anjos, LIMA, Regina Lúcia Alves de, FILHO, Otacílio Amaral (orgs). **Comunicação Mdiatizada na e da Amazônia.** Belém: FADESP, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER Antonio Carlos (orgs). **Hipertextos e Gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINEZ, Monica; Mendez Rosemary. **Mestres da Comunicação.** São Paulo: Phorte, 2010.

MELO. José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos.** Petrópolis, RJ:Vozes,1998.

MARTINUZZO, José Antonio. **Seis questões fundamentais da comunicação organizacional estratégica em rede** – Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

MATURANA, Humberto R. VARELA, Francisco J. Trad Humberto Mariotti e Lia Diskin. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana /** São Paulo, Palas Athena, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEIS, Leopoldo de. **Ciência, Educação e o conflito Humano Tecnológico** – 2ª ed. rev. e ampl. – São Paulo. Editora SENAC – São Paulo, 2002.

MONTEIRO, Gilson Vieira. ABBUD Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (Org.) **Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação** Manaus: Edua, 2011.

MORIN, Edgar. **Reformar o pensamento** – a cabeça bem feita Coleção: Epistemologia e Sociedade, sob a direção de Antônio Oliveira Cruz. Lisboa: INSTITUTO PIAGET, 1999.

_____. Le Moigne J. **A inteligência da Complexidade.** Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis Ltda, 2000. 137 p

_____ **A cabeça bem feita** - repensar a reforma, reformar o pensamento. 10ª ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro. Bertrand, Brasil, 2010. 128 p

_____ **Introdução ao Pensamento Complexo.** Tradução de Eliane Lisboa 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____ **A humanidade da humanidade.** Tradução: Juremir Machado da Silva. 5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2012. 309 p.

NAKAGAWA, Regiane. **O ponto de vista semiótico dos meios.** 2008. Disponível em www.intercom.org.br. Acesso em novembro de 2015

PARENTE, André et al. **Tramas da rede:** novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **A técnica da comunicação humana.** Revisão técnica: Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo. 14. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

PILLAR, Valério De Patta. **Ecossistemas, comunidades e populações:** conceitos básicos. UFRGS, Departamento de Ecologia, 2001. Disponível em <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br>. Acesso em setembro de 2015.

RAMONET. Ignácio. **A explosão do jornalismo** – Das mídias de massa à massa de mídias. Tradução de Douglas Estevam. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet** – 2ª Ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura)

RODRIGUES. Carla (org). **Jornalismo on-line:** modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Editora Sulina, 2009.

ROMANGNOLLI, M; SILVA, RFMA. **Proposta de estabelecimento de conceitos organizacionais:** missão, visão e valores do HRAC/USP. Bauru. Hospital de Reabilitação de anomalias craniofaciais. Relatório técnico-administrativo Universidade de São Paulo, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. NOTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias** – São Paulo: Experimento, 1996.

_____ **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Cengage Learning, 2010

_____ **O que é Semiótica** – São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Coleção Primeiros Passos)

_____ **Teoria Geral dos Signos:** como as linguagens significam as coisas – São Paulo : Cengage Learning, 2012.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. **Comunicação Organizacional e as novas tecnologias:** as 'Ouvidorias' virtuais. In: INTERCOM 2006, 29, 2006, Brasília, DF. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [recurso eletrônico]. São Paulo: Intercom, 2006.

_____ **Comunicação para a qualidade na universidade:** o papel das relações públicas In: INTERCOM, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS, 2001. Disponível em <http://portal.eusoufamecos.net>. Acesso em setembro de 2015.

SILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo.** 24. ed. São Paulo: Malheiros, 2005.

SILVA, Diego Wander Santos. **As mídias sociais no contexto da comunicação digital das universidades brasileiras.** / Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Orientação: Profa. Dra. Cleusa Maria Andrade Scroferneker. – Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://repositório.pucrs.br/dspace/bitstream/10923>. Acesso em outubro de 2015.

TIFFIN, John; RAJASINGHAM, Lalita. **A universidade virtual e global.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política.** São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2002.

TUBINO, M. J. G. **Universidade, Qualidade e Avaliação.** Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico – O novo paradigma da ciência – 10ª ed. rev. e atual – Campinas – SP.** Papirus, 2013

AMÉRICO, Ekaterina. V. **Iúri Lótman e a Semiótica da Cultura.** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa). Orientadora Aurora Fornoni Bernardini. Área de Concentração: Literatura e Cultura Russa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

AMÉRICO, E. V. **Iúri Lotman e a Escola de Tártu-Moscou.** *Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 29, p. 123 -140, jun. 2015. Disponível em [http>www.scielo. Br/pdf/galáxia](http://www.scielo.br/pdf/galaxia). Acesso em setembro de 2015.

VELHO, Ana Paula Machado. **A SEMIÓTICA DA CULTURA:** apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. Rev. Estud. Comun, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009. Disponível em

www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicação?dd 99 = pdf. Acesso em setembro de 2015.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Tradução Carlota Boto – Bauru, SP: EDUSC, 1999.278p.; 21cm (Educar)

VOGT, Carlos (org.). **Cultura Científica - Desafios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: 2010.